

REVISTA DA SEMANA

N.º 40

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

5 - 10 - 46





JOCKEY CLUB MUNDANO

Agora que o frio se foi e o sol volta a brilhar no céu carioca, maior e mais elegante ainda se torna a frequência ao Hipódromo da Gávea, ponto de reunião obrigatório dos elementos da elite social do Rio de Janeiro durante as realizações dos magníficos "meetings" do Jockey Club. São da última reunião ali realizada os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



REVISTA DA SEMANA

N.º 40

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

5 - 10 - 46





JOCKEY CLUB MUNDANO

Agora que o frio se foi e o sol volta a brilhar no céu carrega, maior e mais elegante ainda se torna a frequência ao Hipódromo da Gávea, ponto de reunião obrigatório dos elementos da elite social do Rio de Janeiro durante as realizações dos magníficos "meetings" do Jockey Club. São da última reunião ali realizada os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.





A cabeça de Abraham Lincoln, o libertador dos negros norte-americanos, esculpida em mármore rosado do Tennessee pelo escultor Richard Barthe.

A ARTE NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS

VENCENDO OS PRECONCEITOS RACIAIS, ARTISTAS "COLORED" TRIUNFAM EM EXPOSIÇÕES DE PINTURA E DE ESCULTURA

OS Estados Unidos seriam uma democracia perfeita, se não fosse o preconceito racial, que separa o seu povo e que conserva os negros e mulatos em situação de manifesta inferioridade social e econômica. Culturalmente, o negro americano está já conquistando, entretanto, vitórias bastante significativas, seja através dos seus escritores de maior talento, como Richard Wright (de "Negri-nho" e "Filho Nativo"), Langston Hughes, o grande poeta, novelista e dramaturgo, Arna Bontemps e outros, seja através dos

seus grandes cantores e artistas dramáticos (Paul Robeson, Marian Anderson, Ethel Waters, Rex Ingram, Hilda Sims, Sheila Guys, etc.), seja, ainda, através dos seus mais destacados artistas plásticos. Durante o período da depressão, quando várias atividades artísticas foram subvencionadas, — e entre elas o teatro e as belas artes, — a WPA teve um ramo destinado ao desenvolvimento da arte dramática negra e das atividades artísticas dos negros no domínio da pintura e da escultura.

Graças a isso, os artistas plásticos negros

começaram a conquistar certa evidência, como nos informa a revista "Ebony", mensário consagrado exclusivamente às atividades dos negros nos Estados Unidos, o pintores e escultores "colored" começaram, desde então, a levantar prêmios significativos em quase todas as exposições realizadas no país. O mais festejado escultor negro dos Estados Unidos, presentemente, é Richard Barthe, de 44 anos de idade. Esse artista teve uma carreira curiosa. Pobríssimo, mal pôde frequentar a escola pública primária do lugar onde nasceu, no Mississippi.

mas um padre católico, descobrindo a sua grande vocação, resolveu protegê-lo e facultou-lhe meios de cursar o Chicago Art Institute, durante quatro anos. Diplomado, iniciou sua carreira como pintor, dedicando-se mais tarde, entretanto, à escultura. Um dos seus melhores trabalhos é uma gigantesca cabeça de Abraham Lincoln, quando jovem, executada em mármore rosado do Tennessee, e que lhe valeu o seu prêmio mais recente. Diz aquela revista que os negros americanos que vivem das belas-artes têm de



"Jogadores de dominó", quadro de Horace Pippin, que figura na Phil Phillips Memorial Gallery em Washington, capital dos Estados Unidos.

vencer duas vezes os obstáculos da cor, — na vida social e nas telas que pintam, depois de misturar, na paleta, as suas tintas. Na pintura, um dos artistas que obtem maiores preços é Horace Pippin, um pintor de quadros um pouco ingênuos e um pouco ao jeito dos primitivos, a meio do caminho entre o nosso Cardoso Júnior e o nosso Heitor dos Prazeres. Horace Pippin recebeu uma bala de um to-

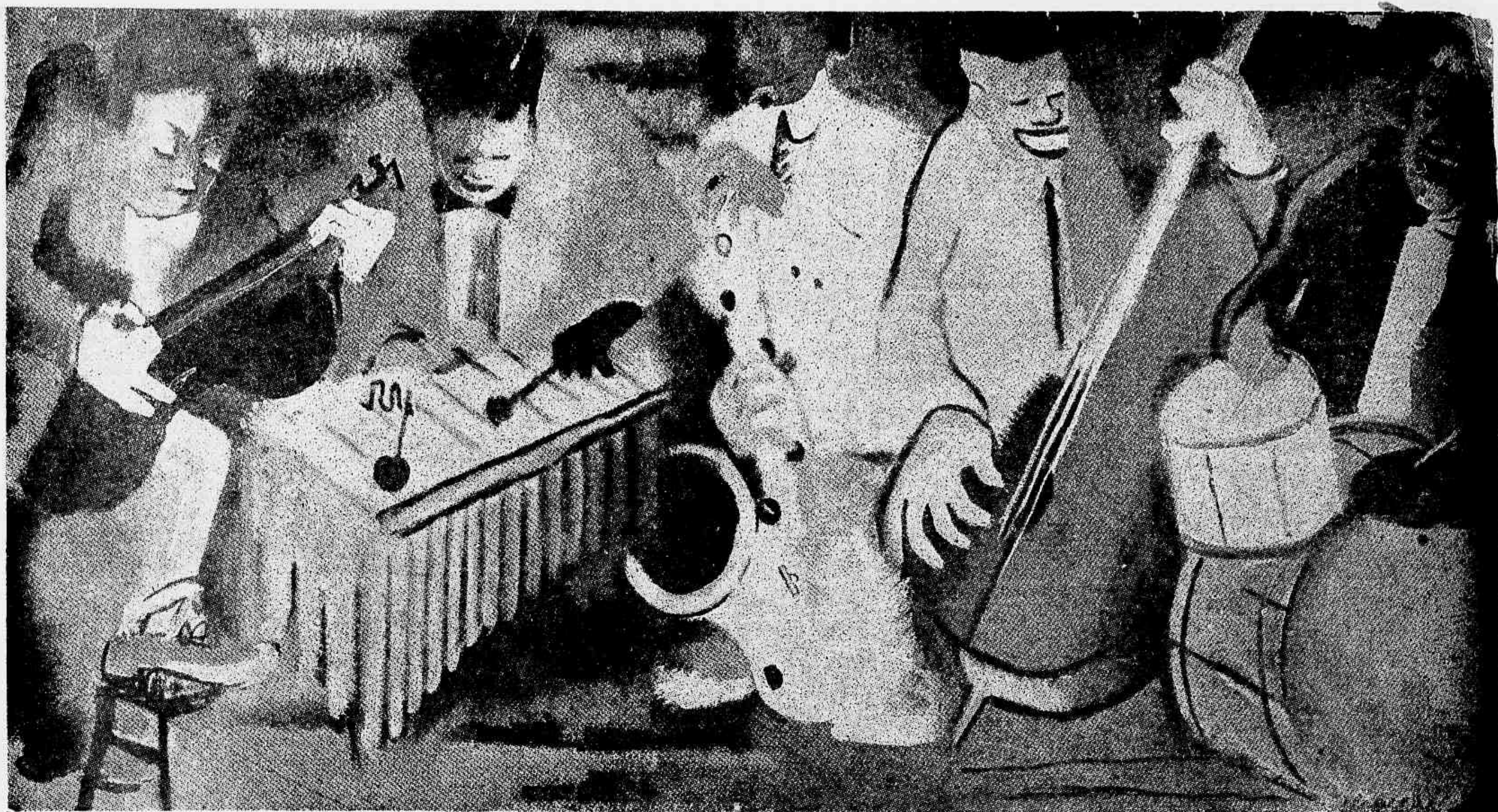
caieiro alemão, no braço direito, em 1918. Ficou com o braço paralisado. Podia pegar no pincel com a mão direita e a movimentar o braço direito com a mão esquerda. Inicialmente, esse herói da primeira Grande Guerra foi porteiro de apartamentos e pintava por mero desfastio, sendo os seus quadros vendidos em leilões de igrejas, por dez ou vinte centavos. Agora, entretanto, seus quadros são ven-

didos por alguns milhares de dólares e figuram em grande número de museus. Mais do que qualquer outro artista negro, os seus trabalhos subiram de preço e conquistaram lugar nas pinacotecas. Alguns deles adornam os lares de artistas de Hollywood que fazem parte do grupo que se tornou campeão da igualdade racial nos Estados Unidos, como Edward G. Robinson, Charles Laughton e Clau-

de Rains. A fama não perturbou o seu simples e tranquilo viver, em seu lar em Westchester. Sua esposa costuma dizer: "Essa gente gosta dos quadros de Horace, mas a gente nunca pode dizer até quando ela gostará... Essas coisas às vezes são modas e modas às vezes passam... Mas seu marido não receita que a moda passe, porque pinta por inclinação e desde que era rapazi- nho. O nome de Horace Pippin é um

A esquerda, Ellis Wilson, trabalhando em um nu, em seu estúdio, com um modelo de linhas admiráveis. Ellis Wilson foi já premiado pela Fundação Guggenheim. A direita, Horace Pippin, herói da primeira Grande Guerra, teve o braço direito paralisado por uma bala alemã. E' assim que trabalha o mais caro pintor negro dos Estados Unidos.





"Músicos de jazz", quadro de Norman Lewis, de Nova York, adquirido por cem dólares, na New York Art Gallery. Cem dólares correspondem a dois mil cruzeiros.

dos grandes entre os artistas populares e autodidatas dos Estados Unidos. Outros nomes importantes podem ser citados, como, por exemplo, o de Charles White e de Jacob Lawrence. Charles White é um gigante de 27 anos, nascido em Chicago. É um pintor de trabalhadores e vive no Harlem, em Nova York. Seus trabalhos têm sido muito elogiados pela crítica. Jacob Lawrence é marinhaireiro do serviço

de Guarda-Costas e ganhou, há pouco, o prêmio da Fundação Guggenheim. Nasceu e se educou em Nova York. Ellis Wilson é outro pintor de nomeada, especialista em nus. Allen Freelon é um paisagista muito louvado. A cidade de Chicago tem um centro artístico, o South Side Community Art Center, dirigido por Rex Goreleigh, que estudou em Paris e cujos trabalhos são conhecidos desde

Nova Orleans até a Finlândia. A American Federation of Arts já patrocinou, há pouco, uma brilhante exposição, "The Negro Artist Comes of Age" (O artista negro atinge a maioridade), que percorreu os principais museus e galerias dos Estados Unidos. E o trabalho de 41 homens e mulheres negros figurou nessa exposição, embora o "Who's who in American Art" cite apenas os nomes de doze

dos participantes. Apesar de tudo, os artistas negros, mesmo assoberbados por dificuldades econômicas e por "handicaps" de educação, continuam a lutar para se elevarem no plano das artes plásticas ao mesmo nível que já atingiram na educação através de Booker T. Washington, da ciência através de George Washington Carver, do drama através de Paul Robeson e da literatura através de Richard Wright.

"Amantes" e "Princesa Africana", dois óleos de John Wilson, pintor negro de 23 anos, nascido em Boston.



A SEMANA EM REVISTA

ARRANHA-CÉUS FATAIS



Não faz muito tempo, Copacabana foi teatro de uma tragédia, quando ruíu como um castelo de cartas, um arranha-céu de dez andares, o edifício Assis Brasil.

Houve a natural corrida dos reporters, manchetes sensacionais, lu'a lufa dos bombeiros para desentulhar a via pública e retirar os cadáveres soterrados, as firmas ligadas ao empreendimento deram explicações em matéria paga nos jornais, promessas veementes de que os condôminos não teriam prejuízo mas... afinal de contas algumas vidas de trabalhadores, algumas vidas de chefes de família se perderam, deixando muitas pessoas desamparadas.

De quem foi a culpa? O responsável ou responsáveis foram punidos? Não estamos certos de que uma providência enérgica tenha sido adotada para coibir o abuso. E enquanto esperamos quem nos desse uma informação, eis que se esboça um acontecimento idêntico. O edifício "Andiara", na rua Barata Ribeiro, está ameaçando ruir, mostrando através uma fenda de dez centímetros que, ou os cálculos de resistência de materiais está falhando, o material geralmente empregado está degenerando em qualidade ou, o

que é mais grave os construtores ou empreiteiros não estão observando as especificações, estão economizando para ganhar mais dinheiro, o que em última análise, é a única coisa que certas pessoas pensam em fazer hoje em dia, seja com o sacrifício de quem for.

As autoridades dispõem de elementos para fiscalizar essas obras, contam com engenheiros capazes, assiste-lhes o direito de fazer investigações em torno da idoneidade profissional dos construtores, enfim estão aparelhadas para evitar que aconteçam casos semelhantes. Afinal de contas, não estamos mais na época experimental da arquitetura. O cimento armado há um século que é conhecido e dez andares estão longe de constituir um projeto arrojado. Tudo está dentro das possibilidades de qualquer construtor medíocre. Não se justifica, pois, que nós tenhamos de viver assustados ao passar perto de um edifício.

O que há sobre o assunto é possivelmente o mesmo sentimento que prevalece entre os comerciantes que vendem azeite ruim dizendo que é manteiga boa, dos leiteiros que compram cinquenta litros de leite e revendem cem, do pasteleiro que usa ovos estragados para fazer empadas, enfim, de todos os membros da família...

Torna-se, pois, imprescindível uma fiscalização eficiente. Ou botar essa gente na escola. Nunca é tarde para se aprender quando se tem boa vontade.

"Quem num talim comp'ência não se 'stabulece" — diz o sábio filósofo português das ruas.

PRAÇA JOSÉ MARIANO FILHO



Ninguém, a não ser os indiferentes à vida da cidade, desconheceu no Rio a atuação de José Mariano Filho, esse destemido defensor da terra carioca contra as investidas atrabiliárias e o desmazelo dos maus administradores, coisa que não nos tem faltado, infelizmente, desde que morreu o grande Pedro Ernesto.

Homem de cultura e de coragem, reunindo a essas duas virtudes um zelo extremado pelo progresso e embelezamento do Rio, defendendo com unhas e dentes a preservação dos aspectos ricos em forma e cor da paisagem carioca, José Mariano Filho foi um baluarte ante a desordem estética sem ser um conservador reacionário contra as necessidades do progresso; um estudioso devotado das nossas reformas urbanísticas sem ser partidário iconoclasta do "bota abaixo" a qualquer preço.

Sua ação destemida valeu-lhe a presidência do Conselho Florestal, onde desenvolveu a fecunda atividade de que era capaz o seu gênio construtor e sua alma generosa.

Médico sem clínica, porque preferiu dedicar-se a outros mistérios em que pudesse utilizar todos os recursos do seu espírito combativo e lúcido, distinguiu-se sobretudo pelo seu amor à pesquisa da verdade no campo das atividades culturais e artísticas.

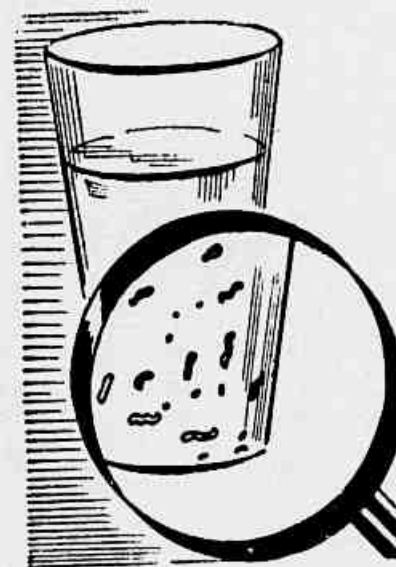
A 21 de mês próximo passado foi prestada à sua memória uma significativa homenagem. 21 de setembro é a data da entrada da primavera, como se pode ver pelas chuvas torrenciais que caíram de lá para cá e pela tempestade que derrubou um avião em Minas Gerais... Não importa. 21 de setembro é a entrada da primavera. A gente arranca a folhinha e diz: entramos na primavera.

Mas vamos à homenagem. No ato singelo e significativo da comemoração do dia da árvore, que é como saudamos oficialmente a primavera, foi dado o nome de José Mariano Filho à antiga Praça Piaçava, no Jardim Botânico.

No ato, falou o poeta Olegário Mariano, dizendo das virtudes de espírito e coração daquele cuja memória se consagrava e de maneira tão significativa, fazendo-o patrono de um logradouro no Jardim Botânico, junto às árvores, em meio à paisagem que ele tanto amou e defendeu.

As placas de ruas perderam um pouco a sua significação como tributo à memória dos homens, tal a facilidade com que se mudam os nomes das vias públicas. Mas a homenagem a José Mariano Filho vai muito além disso. Foi apenas a concretização oficial de um sentimento comum aos cariocas que amam a sua cidade. Poucos a amaram como o ilustre pernambucano.

TIFO



Mais uma vez o Rio é assaltado por uma epidemia de tifo. As autoridades responsáveis pelas condições sanitárias evitam falar em epidemia. Preferem o eufemismo de "surto". E, ao contrário de nós leigos que chamamos sumariamente "tifo", os doutores são mais rigorosos e dizem que não passa de "tifoide" a febre que já levou alguns infelizes para os cemitérios abarrotados.

Não importa. Quanto a nós, tanto faz morrer de "tifo" como de "tifoide", de atropelamento, de sede ou de um "esculacho" da polícia. A morte tem a mesma significação, qualquer que seja a embalagem.

E o que se espera das autoridades no momento é precisamente que nos poupe da morte pela febre "tifoide". Já morreram tantos na guerra depois outros continuaram morrendo no limiar do "mundo melhor" que nos prometeram, envenenados por empadas caríssimas de confeitarias gráficas, e quase todos ameaçados de morrer de inanição, neste país "essencialmente agrícola"... Já morreram tantos, senhores doutores, que nós bem poderíamos ser poupados. Afinal de contas, quem vai contar a história, quem vai conservar as

tradições folclóricas para transmitilas às novas gerações. Poupei-nos com a vossa infalível ciência.

O surto se manifestou na Leopoldina, lugar ótimo para essas cousas, graças ao lixo amontado aqui servindo de aterro ali, espalhando-se pela via pública mais adiante. Mas, apesar disso, a febre "tifoide", (pasmem, senhores!) nem a febre quis morar na zona da Leopoldina!

Mudou-se. E como não se arranhou bem (quem acha onde morar, hoje?) foi mudando de lugar mudando sempre e deixando por onde passa o sinal de suas relações: 8 ou 10 no hospital, um ou dois no cemitério. Assim, Ipanema, Copacabana, Catete, Vila Isabel e outros bairros já tiveram a visita da epidemia.

As autoridades sanitárias, contudo, têm nos dado o consolo de previsões otimistas em entrevistas concedidas aos jornais, nas quais dizem que já se nota o declínio do mal.

Ainda bem. Os que não conseguem escapar, apesar do caráter benigno do mal, vão gozar muito ao saber que a epidemia está sendo debelada pela literatura dos comunicados.

Em vez de vacina, leitões, água, saneamento, assistência imediata e outros elementos necessários ao combate de um surto de febre, tomem otimismo, leitores.

Sorriam. Sorriam sempre...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 40 :-: 5-10-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Distribuição: em S. Paulo: Rua Capitão Salomão, 67 — Tel. 4-1589
Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JÚNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

Reino Financeiro (Escragnolle Doria) .	18
O visconde de Cayrú, inimigo dos deco- tes (Ignez Mariz)	37

REPORTAGENS:

A arte negra nos Estados Unidos	3/4/5
Cidade Maravilhosa (Adhemar Nóbrega)	8/a 14
"Decadência e ressurgimento do cinema nacional" (Augusto Aguiar — E. Contursi)	26/29
"A Checoslováquia vai fazer 28 anos"	32/35

CONTOS:

O Novo Acelerador (H. G. Wells)	19
Messias (Silveira Júnior)	40

BIOGRAFIA:

A vida de Miguel Ângelo (Henry Tho- mas e Dana Lee Thomas)	16/17
---	-------

SECÇÕES:

Música — Grace Moore acusa (Roberto Lyra Filho)	20
Livros Novos (João Luso)	36
Bom humor	15
Teatro ("Ciúme")	24/25
"Gente de Rádio" (Armando Migueis)	23
Moda (Nos Bastidores Femininos)	41/48

DIVERSOS:

Jockey Club Mundano	2
A Semana em Revista	6
A Igreja de São Sebastião	22
"Soutiens" da era atômica	34/35



NOSSA CAPA

Andrea King, a jovem e formosa artista da Warner Brothers, está subindo cada vez mais na estima dos seus inúmeros "fans". Andrea King é bela, elegante e tem real talento. A "star" de "Hotel Berlim" acaba de aparecer em "The beast has five fingers", ao lado de Robert Alda, Peter Lorre e Victor Francen, sob a direção de Robert Florey, perito em dirigir filmes de "suspense" e emoção.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**



O NOSSO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

AMPLIANDO O ALCANCE DA NOSSA INICIATIVA

O êxito do Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA tem sido tão grande que resolvemos, desde agora, ampliar ainda mais o alcance dessa iniciativa, que está despertando tão vivo interesse entre os nossos leitores. Através desse concurso, pode REVISTA DA SEMANA não só focalizar costumes, aspectos, cenas e tipos das diversas regiões brasileiras, como ainda caminhar para a formação de um corpo de brilhantes colaboradores, capazes de suprir de bons contos as necessidades desta publicação. Assim, quando tivermos contos suficientemente bons, com abundância, passaremos a publicar, não um único conto brasileiro premiado em nosso concurso, mas dois ou mais, de sorte a favorecer não apenas cinquenta e dois, mas mais de cem concorrentes por ano. Desde agora, o nosso concurso está permanentemente aberto aos nossos leitores, sem os prazos trimestrais que antes vinham sendo observados. Os bons contos, enviados em qualquer data, poderão ser publicados nas nossas colunas, recebendo os seus autores o prêmio de Cr\$ 100,00, instituído pela REVISTA DA SEMANA a título de estímulo aos novos valores literários que vão surgindo através do Brasil.

A postos, concorrentes! Novas e ainda melhores oportunidades aguardam aqueles que resolverem confiar ao papel os frutos da sua experiência pessoal ou as criações de sua fantasia, sob a forma de contos. Toda a correspondência para este concurso deve ser dirigida, de agora por diante, ao nosso diretor-secretário, R. Magalhães Júnior.

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES



"O BRASILEIRO É ANTES DE TUDO UM FORTE"... — E uma prova aí está. Aguentando condições precaríssimas de uma existência toda gasta entre as esperas enervantes nas filas, as vigílias de fome e o calvário destas escaladas diárias, em busca de um pedaço de pão e de um bocado d'água, ainda conserva de mistura com o estigma da miséria estampado na face um pouco de esperança... A esquerda, uma lavadeira volta à sua casa, trazendo na mão os tamancos que na subida só fazem atrapalhar e à direita, "seu" Antonio, o proprietário e "bios queiro", ambos do morro dos Cabritos.

CIDADE MARAVILHOSA...

Favelas da zona sul — Miséria negra a dois passos do deslumbramento de Copacabana — A falta d'água, a grande tragédia dos morros — Como é a vida nos morros dos Cabritos e da Babilônia — Trabalhadores de obras, viúvas e crianças maltrapilhas, — eis a paisagem humana das favelas — As "brioscas", o colega de Antoine e a Assembléia de Deus — Uma criança de seis anos mora com o pai enfermo numa fuma húmida e infecta — Uma lavadeira que sobe quatro vezes por dia um morro de 380 metros de altura.

Reportagem de
ADHEMAR NÓBREGA

Fotos de
ARNALDO VIEIRA



HA CERCA DE DEZ ANOS batizaram o Rio de Janeiro com o nome de "Cidade Maravilhosa". Não sabemos se a denominação surgiu com a marchinha do mesmo título ou se já existia anteriormente. O certo é que a canção popularizou o apelido.

De boa fé, queremos acreditar que foi fruto de um impulso de sincera afeição pela metrópole, muito embora seja a população carioca a menos bairrista do país, com certeza. Todavia, Cidade Maravilhosa teria de tornar-se mais tarde o título mais irônico que poderia receber a cidade de Estácio de Sá.

Porque infelizmente à proporção que a marcha carnavalesca se difundia, através do rádio e do disco, original, orquestrada, americanizada, enfeitada, deturpada, desatinada, enfim, consagrada pelo povo, — à proporção que crescia o renome, o Rio de Janeiro ia mergulhando progressivamente na fase mais trágica da sua vida econômica e gradualmente perdendo o direito, se o tivera algum dia, de se chamar maravilhosa.

As condições de vida da população continuaram tornando-se mais miseráveis, até que, hoje em dia, Cidade Maravilhosa é uma expressão amarga de ironia, quase de insulto para quem vive aqui, partilhando como vítimas da maior campanha de exploração do povo de que há notícia nesta terra.

Cidade Maravilhosa: câmbio negro de banha, farinha de trigo, açúcar, leite condensado, automóveis, filmes, cebolas, apartamentos, de tudo enfim que se usa para vestir, comer, andar, dormir e trabalhar, tudo às escâncaras, às barbas das autoridades. Cidade Maravilhosa: consagração das filas, filas para ônibus, para lotações,

AMELIA... — Noêmia Brito, casada com Paulo de Brito, continua de uma casa de sêdas na cidade, não se deixa ficar em casa "batendo papo" inutilmente com as vizinhas. O ordenado dele é pequeno e ela ajuda na economia doméstica, lavando para fora, enquanto a criança de um ano fica de lado e a de sete anos está na fila atrás de açúcar. É duro, sim. Mas ela está satisfeita com a vida. "Que é que se há de fazer?" — diz "Amélia"...

para gêneros alimentícios, para o cemitério, para receber dinheiro, para pagar água e luz. Cidade Maravilhosa: comícios dissolvidos à bala, depredações, lares invadidos à meia noite, ladrões à solta, roubando carros da calçada das delegacias, jornalistas espancados na via pública, provocações, insultos, o diabo pintando o sete impunemente. Cidade Maravilhosa: cabeças-de-porco, exploração descabelada em matéria de locação de imóveis, luvas, móveis, falta de vergonha...

O aspecto vistoso de Copacabana, de certo contribuiu muito para que o Rio recebesse aquela denominação de um sambista generoso... O chamado colar de pérolas formado pela fila de postes da iluminação pública, a fachada dos arranha-céus e a faixa branca e larga de areia fina oferecendo o seio do mar aos que foram castigados pelo sol enganaram misseravelmente o autor da aquele apelido hoje tão incômodo como se fora uma tradição judaica na Palestina dos ingleses...

Foi justamente a zona sul que escolhemos para uma reportagem sobre a Cidade Maravilhosa. Eis aí o que nós vimos, ouvimos e sentimos e o que a nossa objetiva colheu implacavelmente.

MORRO DOS CABRITOS

Fica ali onde termina na lagoa Rodrigo de Freitas a avenida Cantagalo e por trás da avenida Eptácio Pessoa pontilhada de palacetes granfinos. Deixando o macadame bem cuidado da avenida por onde rodam os automóveis de luxo que buscam as residências principescas de banqueiros, industriais e altos negociantes, vamos começar a escalada.

VINTE ANDARES SEM ELEVADOR

Que faria o leitor se fosse obrigado a subir diariamente as escadas de um edifício de vinte andares? Caso morasse, por exemplo, no estúdio da Rádio Nacional ou nos últimos andares do edifício "Darke" e não houvesse elevador, que seria do amigo?

Pois foi esta a primeira impressão que nos veio, quando íamos cobrindo a metade da nossa escalada no morro dos Cabritos.

"O PEOR É QUE O REGISTRO ABRE-SE À NOITE E FECHA-SE DE MANHÃ"

Durante toda a caminhada, fomos encontrando a nota característica e predominante na paisagem: mulheres e crianças carregando à cabeça latas d'água de todos os tamanhos, as maiores de vinte quilos.

O espetáculo é desolador: faces escavadas pela miséria, a pele murcha e ressequida, uma palidez que a poeira e o sol quente não conseguem esconder, trapos fazendo as vezes de roupas. Esses os elementos, os temas da paisagem que perpassam ante os nossos olhos animados, tangidos, forçados por assim dizer, num andamento vagaroso, pesado, uma sugestão de morte lenta que nem sequer tem momentos de revolta.

Paramos à porta de um barracão. O garoto, com a blusa da escola suja de poeira, está sentado no batente engolindo às pressas as últimas colheradas para ir à aula. (A escola fica em Copacabana e ele vai a pé). Chama a mãe para atender ao "moço" e aparece a dona da casa limpando a mão no vestido. Com ela vem uma filha, ambas curiosas.

— Ah, meu senhor. Nem queira saber como é "dura" a vida aqui em cima, — foi dizendo quando soube de que se tratava.

— A água? Sim, é difícil. Mas que jeito? A gente é pobre e tem que aguentar. Não acredito que os tempos melhores. Mas eu queria ao menos que tivesse água durante o dia, na bica.

— Onde é a bica?

— Lá está. — E a mulher nos aponta um círculo húmido no chão de terra batida, lá em baixo, ao lado do macadame da avenida Cantagalo.

— O pior é que o registro se abre às 9 da noite e fecha-se no outro dia às 6. Se o senhor quiser ver que fila triste venha aqui à noite. E' de fazer pena.

O garoto está terminando o almoço e antes que ele acabe, o fotógrafo bate uma chapa. Despedimo-nos de d. Olinda Tavares, (enquanto Vieira faz um trocadilho barato em torno do nome) e prometemos lhes publicar uma notícia a respeito do seu cartão de racionamento de açúcar que tem o número 261.349 e está em nome do seu marido, Augusto Quirino, pedreiro em Copacabana.

— Não se esqueça. Faz dois meses que não podemos comprar carne nem açúcar, por falta do cartão.

Não demos muita importância ao caso. De que vale, hoje, um cartão de racionamento se a gente tem que "morrer" no câmbio negro?...

Continuamos a escalada, presenciando o desfile de mulheres maltrapilhas carregando água.

"NÃO SE PODE VIVER COM A BARRIGA VAZIA"

— Onde vocês arranjam água? — perguntamos a uma senhora que mal pode sustentar-se sob o peso do próprio corpo e da lata que trazia na cabeça.

— De dia, quando a gente precisa vai pedir nas obras.

— E lá é fácil arranjar?

"A VIDA É COMBATE"... — O verso de Gonçalves Dias bem define a existência que enfrentam os moradores nos morros. Nesta página, por exemplo, uma senhora vai para o trabalho na cidade, levando a filhinha de poucos meses num braço enquanto o outro sustenta um volume. Atrás, segue-lhe os passos uma outra que foi apanhar uns gravetos para cozinhar. Para esta gente, a vida não é "um manso lago azul"...





A LARANJA E A MAQUINA — As crianças do morro gostam de fotografos. Mas entre uma laranja e um retrato... preferem os dois, é o que se deduz deste flagrante de Inácio Leite, no morro dos Cabritos, metido na sua roupa, ao mesmo tempo de dormir e de vadiar ladeira acima e abaixo, enquanto a noite não vem. A direita: o garoto põe a lata debaixo da bica e abriu a torneira. Mas a água não vem. Não adianta. Só depois das 21 horas e antes das 6 do dia seguinte. O garoto tenta uma oração, tal como outrora fez Moisés... batendo com uma vara na rocha... Mas hoje nem o próprio Moisés...

— Não. As vezes a gente tem que ir longe daqui. Mas que é que se pode fazer? Não se pode viver com a barriga vazia. E comida não cozinha sem água. O jeito que tem é...

E a mulher deu de ombros, reencetando a subida penosa. A reticência tinha significação. O jeito que tem é sofrer...

O COLEGA DE ANTOINE — Sim, e por que não? Embora modestamente, Democracino Alves de Oliveira exerce, no morro da Babilônia, a mesma profissão que o seu famoso colega de Paris. E nas horas vagas, faz biscates, limpando barracões e carregando toros de madeira. Aqui o temos em plena função.

VOVÓ MARIANA

Mariana Umbelina da Conceição, ou simplesmente Vovó como é conhecida de todos no Morro dos Cabritos, vinha subindo, coitada, que fazia pena. Na cabeça trazia uma rodilha de trapos e sobre os trapos um feixe de pedaços de pau, garranchos, pedaços de carros de meninos ricos, pernas de cadeiras e outros gravetos.

— E' pra cozinhar, meu filho — respondeu Vovó, quando lhe dirigimos a palavra. E parou num tosco degrau de barro para refazer as forças necessárias ao resto da subida.

Tiramos o feixe de lenha da cabeça de Vovó e fomos com ela conversando.

Tem 68 anos de idade dos quais 11 naquele morro ingrato.

— E Vovó desce todo dia?

— Que jeito? Eu vivo sozinha com um filho doente, de cama. Tenho que arranjar comida e trabalhar, quando posso, na cozinha da patrão.

— Onde mora sua patrão?

— Em Copacabana. Ela é muito boa para mim. Eu trabalho na cozinha e vez por outra ela me dá um pouco de comida. Além disso, eu tenho de carregar água. E' um sofrimento. E' aqui, pode entrar.

Fomos entrando com cuidado no casebre de Vovó Mariana, com medo de dar um esbarrão nas paredes, com receio de derrubar aquele barracão minúsculo e raquítico.

— E' seu o barracão?

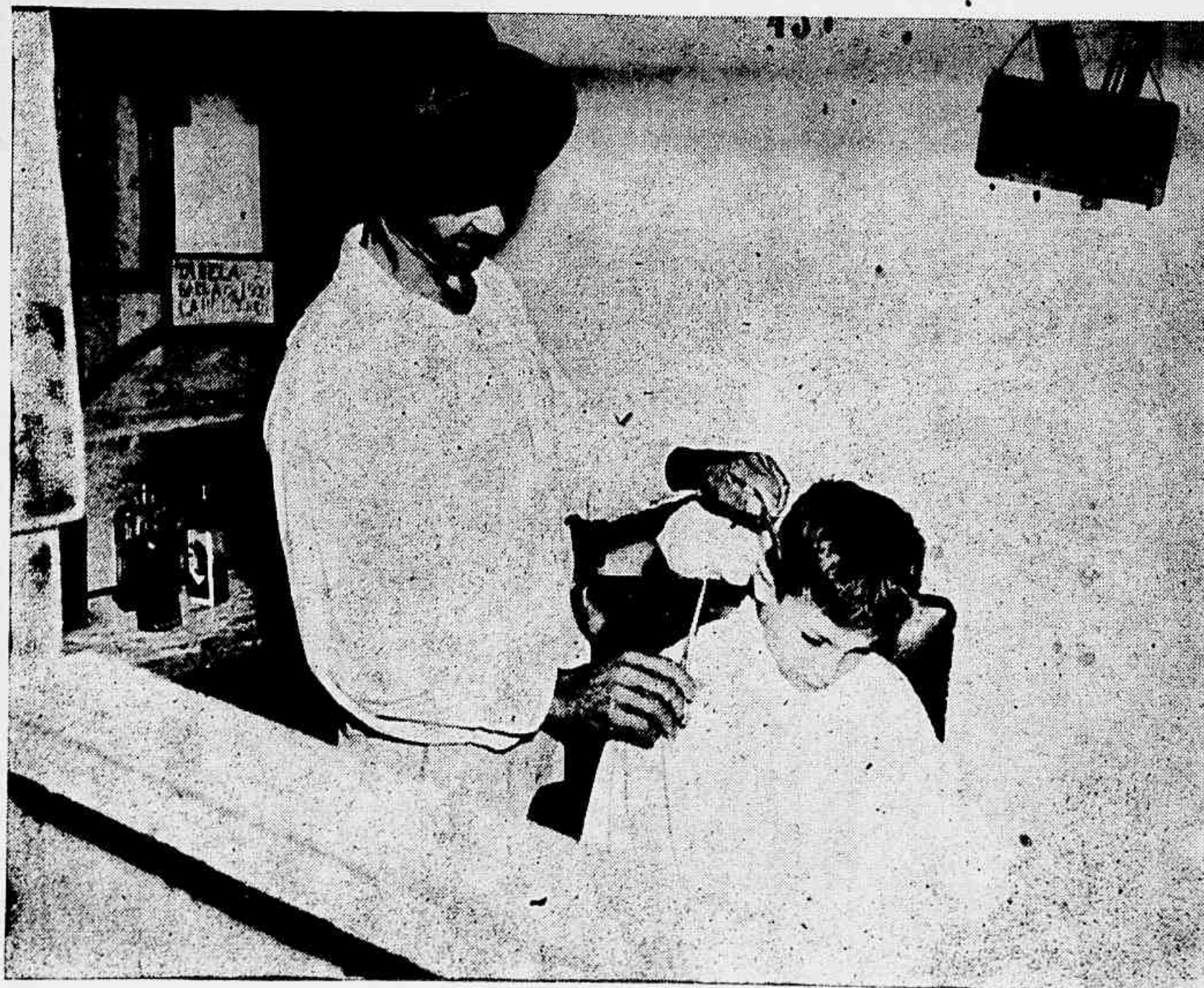
A resposta não veio logo. Vovó bebia alguns goles d'água, sentada numa cama em ruínas e depois de um suspiro de alívio pelo término da escalada penosa:

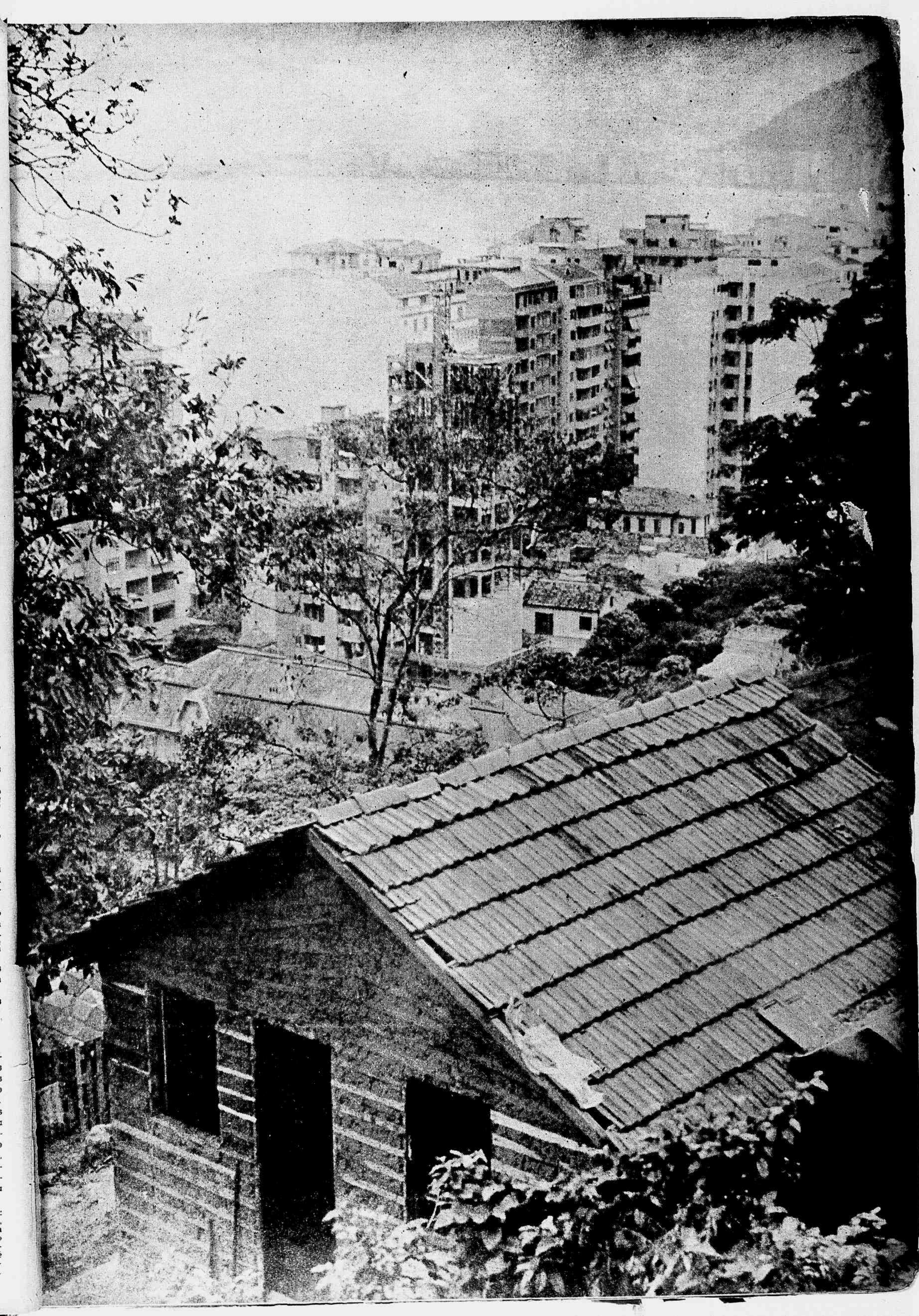
— Não. E' de "seu" Antonio. Eu pago 35 cruzeiros por mês de aluguel. E seu eu deixar de pagar, rua...

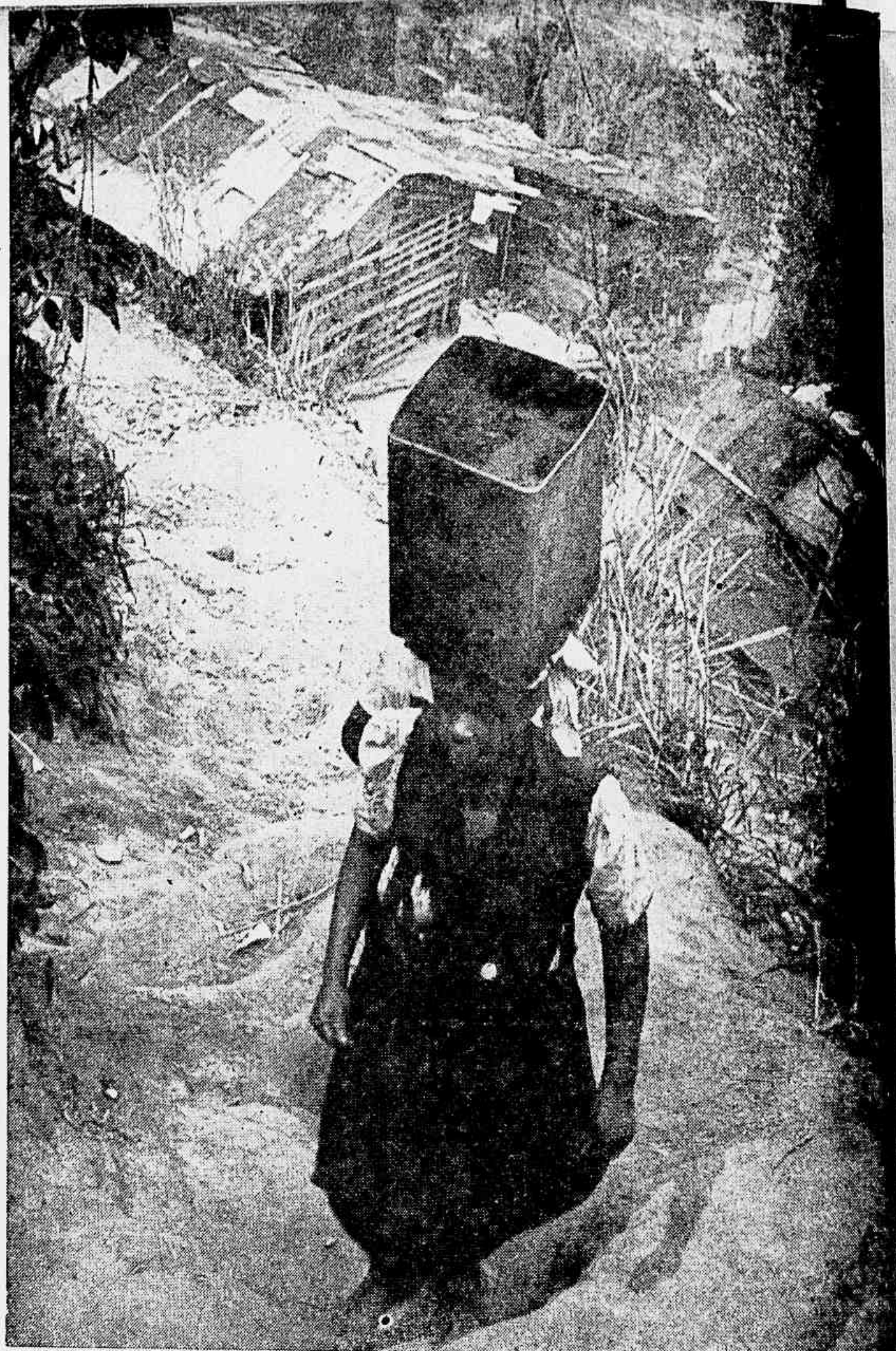
"SEU" ANTONIO, O PROPRIETÁRIO E BRIOSQUEIRO

Deixamos vovó com o seu cansaço, suas mãos trêmulas, sua respiração descontrolada pela fadiga, seus sinais evidentes de um coração que lança mão das últimas reservas para manter em funcionamento a circulação de uma criatura com 68 anos de idade e 90 de aparência. Demos uma vista pelo interior do barracão e pensamos (sinal dos tempos...) em como seria fácil dar uma busca numa residência tão insignificante. Afora as quatro paredes de fora e uma que separa o compartimento onde dorme o filho, apenas uma coisa que outrora foi cama, uma mesa fazendo prodígios de equilíbrio sobre as quatro pernas bambas, uma bilha que serve de depósito d'água e de copo, duas ou três latas no chão (a bateria da

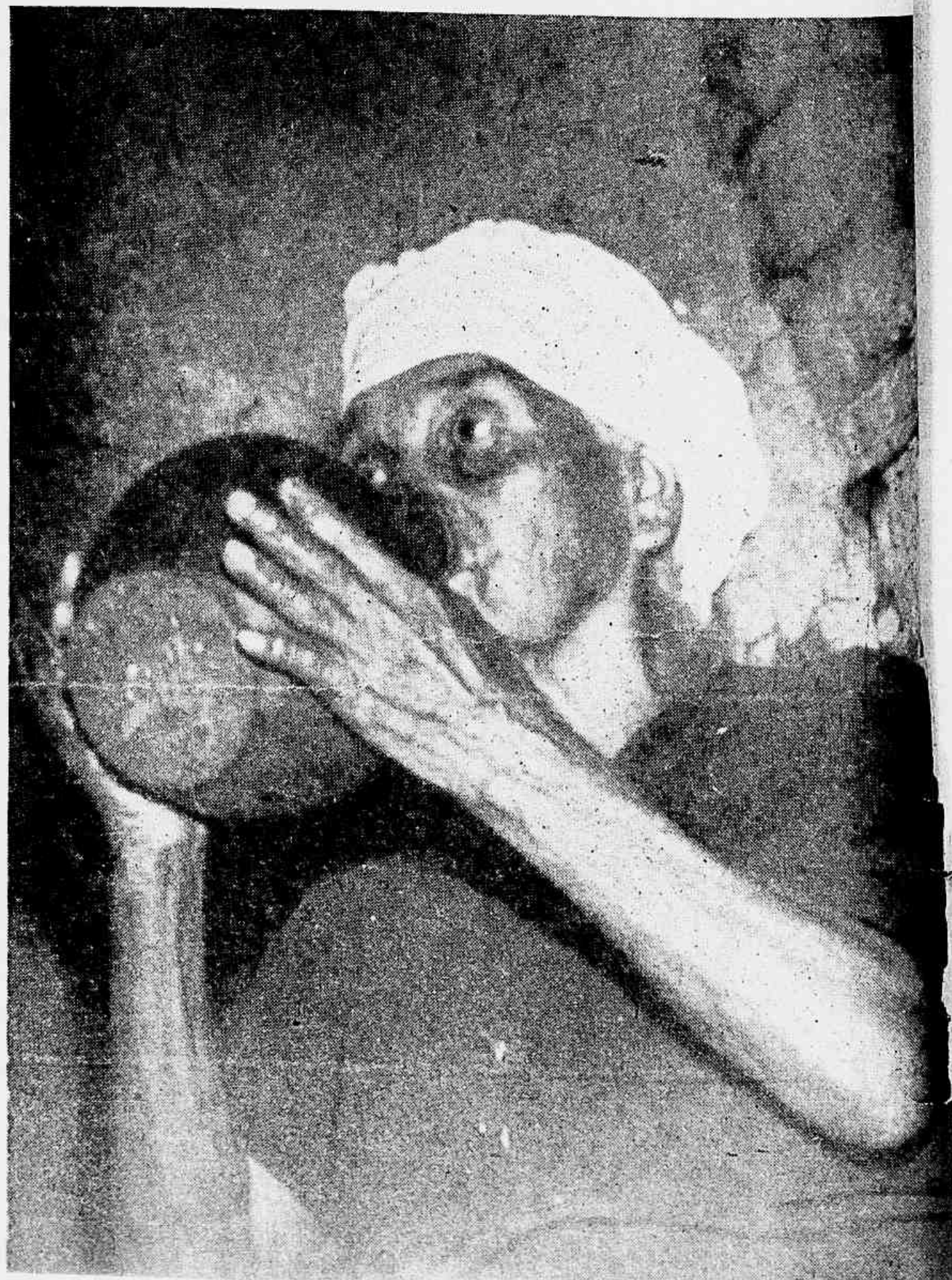
O MORRO E COPACABANA — Na página à direita: aqui em cima, o morro, a miséria, a falta d'água, de luz, de higiene, de alimentação. O morro é um resto da cidade, um resto esquecido como uma ponta de cigarro que se joga na sargeta. Lá em baixo, Copacabana, o orgulho da cidade e a menina dos olhos dos prefeitos... até que se convençam que os seres que vegetam como entulho humano nas encostas do Babilônia também são gente...

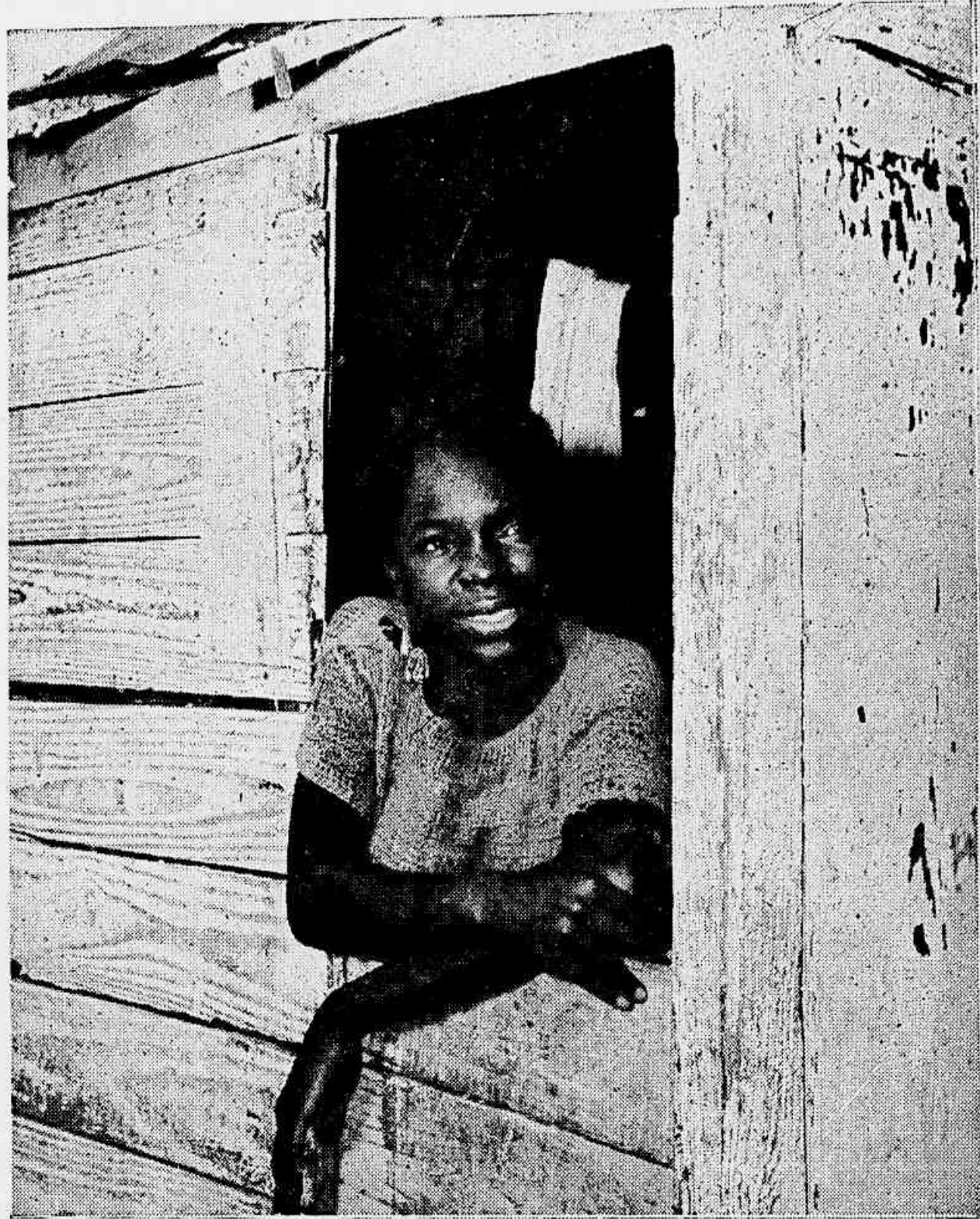






A GRANDE TRAGEDIA DOS MORROS — Subir ladeiras parece a muita gente um sacrifício enorme. Mas os moradores dos morros já estão habituados (e que jeito?). Mas o seu grande problema continua insolúvel: é a falta d'água, a tragédia das caminhadas, ladeira acima e abaixo, em busca do precioso líquido, mais necessário do que açúcar, banha, pão de trigo e outros artigos de luxo. Nesta página, vêm-se quatro flagrantes ilustrativos desse angustioso problema que os prefeitos nunca procuraram resolver colocando, por exemplo, uma grande caixa d'água na crista da elevação e algumas bicas ao longo dos caminhos. Na última foto, Vovó, do morro dos Cabritos, bebe um gole d'água depois de galgar a penosa subida.





BARBEIRO E BISCATEIRO — Democracino de Oliveira foi apanhado pela objetiva exercendo a segunda das duas profissões. E com esse toro de madeira nas costas ele diz ao reporter: "A vida não dá para viver". A direita, Graide da Conceição, esposa de Natalino Nunes Gonçalves, aparece na janela do seu "palacete" pelo qual paga o aluguel de 50 cruzeiros. A locação dos barracos varia de 30 a 60 cruzeiros, no morro dos Cabritos, enquanto no da Babilônia, não é permitido alugá-los. O preço de compra vai de 200 cruzeiros até 600 ou 700. Mas há alguns que se vendem por fortunas, até por um conto e quinhentos.

cozinha) e algumas pedras que servem de apoio às latas, quando há o que cozinhar. Miséria, para ser mais preciso.

E continuamos a subida, agora já sem palitô, que o suor da camisa já era muito. E veio-nos outra vez à lembrança a idéia de morar num prédio de 20 andares sem elevador. Mas no momento, em comparação com a encosta terrosa do morro, as escadas do arranha-céu nos pareciam uma brincadeira.

— Onde mora "seu" Antonio?

— Vá subindo, depois vire à esquerda. É uma "briosa" logo adiante.

— Obrigado, dissemos ao menino amarelo e raquítico, todo ele sintomas de verminose.

Não tínhamos um glossário mas, dobrando à esquerda vimos logo que "briosa" devia ser aquilo. Uma denominação pejorativa de "boteco". O que tínhamos diante dos olhos era um barracão, maior do que o comum, na frente do qual uma janela larga aberta no tapume permitia-nos ver que ali se vendia alguma coisa.

Depois, os sacos e garrafas espalhados pelo chão fundamentaram a nossa suspeita. Aquilo é que era "briosa".

— É aqui a "briosa" de "seu" Antonio?

— Às suas ordens moço, — respondeu o velho sentado num banco de madeira, pele bronzeada pelo sol, um gorro velho na cabeça, nu da cintura pra cima e descalço.

— Antonio de quê?

— Antonio de Souza, seu criado.

Dispensamos o "seu criado" e ficamos a conversar com o velho Antonio. Tem alguns barracos espalhados pelo morro que ele mesmo foi construindo aos poucos, dia a dia, depois de uma jornada de trabalho na cidade, de onde trazia o "material": táboas velhas, folhas de Flandres ou de zinco, barrotes, pedaços de ferro, restos de construção.

Lembramos-nos de uma das boas do Barão de Itararé, em que ele diz, sobre a relatividade dos conceitos que em Copacabana quintal é latifúndio. É o que acontece com "seu" Antonio. No meio daquela miséria, três ou quatro barracões lhe conferem a posição de rico proprietário. E dele se fala com certo respeito...

Mas Antonio de Souza diz que é tão pobre quanto os outros.

MAIS PERTO DO CÉU

A camisa do reporter está molhada de suor e o fotógrafo amaldiçoa o secretário por essa idéia de subir o morro. Mas ainda falta um pouco. Vamos chegando mais perto do céu, e temos um exemplo palpável do quanto é difícil a salvação de um pecador...

Os barracões vão escasseando e por fim nós chegamos ao último, encapitulado na crista do morro. Nele mora Jovita da Conceição com o seu neto Luiz Eduardo.

D. Jovita tem uma tragédia na vida: é a sua profissão de lavadeira naquelas alturas. O que ela ganha é dinheiro suado, à custa de sua própria decadência física que se acentua rapidamente, à força de tanto subir e des-

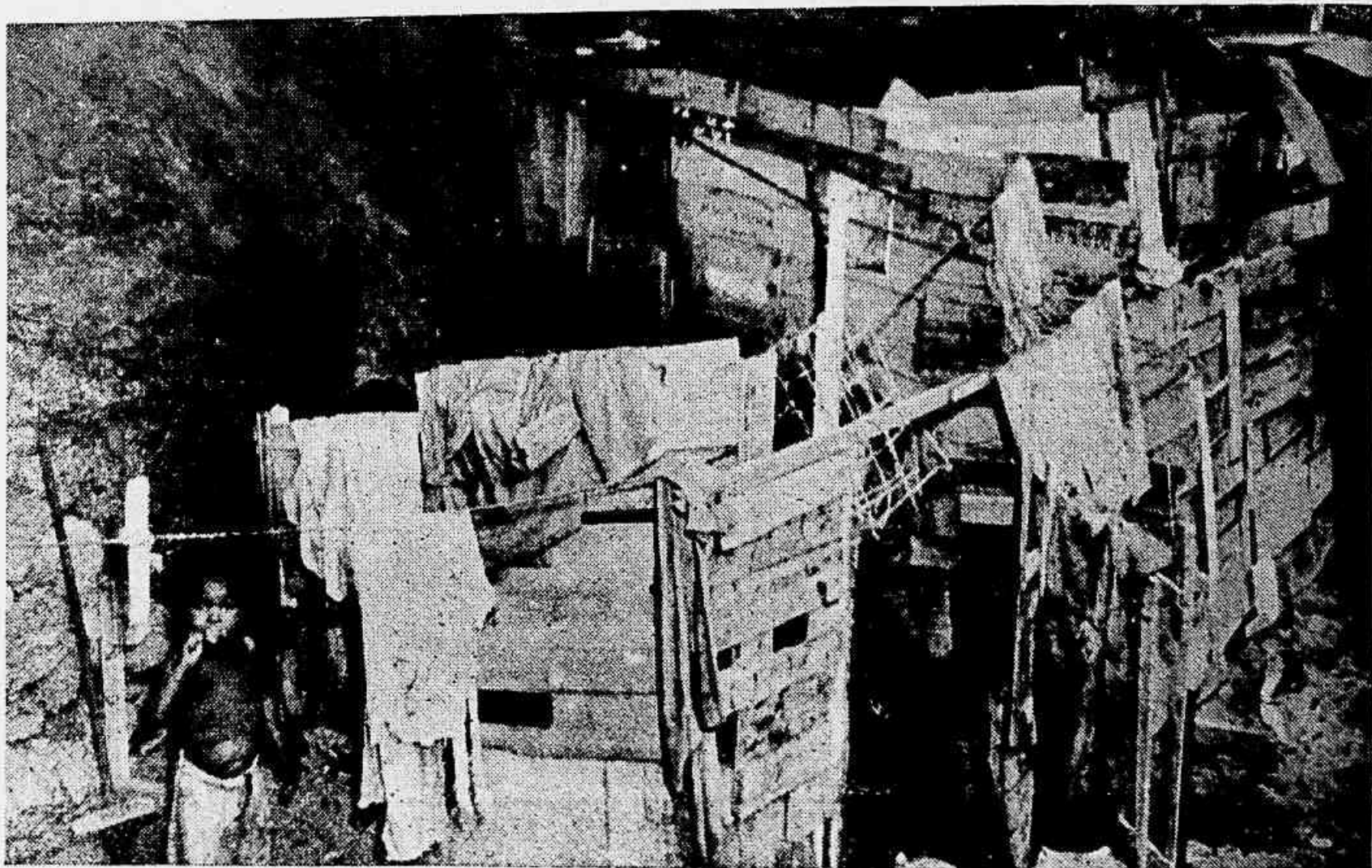
cer em busca d'água. E' dessas criaturas que têm o direito de matar sumariamente aquele que lhe dirigisse uma pilhéria mais ou menos assim: "Esta sopa vai acabar"...

A TRAGÉDIA DAS GESTANTES

Um dos aspectos mais trágicos da vida no morro é o das gestantes, obrigadas pelas condições de pobreza, aos trabalhos mais pesados e certamente prejudiciais à sua saúde.

D. Inês, por exemplo, espera uma criança dentro de trinta dias. Mas isto não impede que ela desça duas ou três vezes por dia aquela escada da amargura para ir apanhar água na avenida Cantagalo. Sem querer, lembramos-nos da assistência à gestante assegurada pela Constituição, vem-nos à memória a licença de 90 dias concedida às gestantes funcionárias públicas, os conselhos dos médicos sobre os cuidados durante a gravidez, o luxo de restrições e caprichos de certas senhoras no mesmo estado, enfim, uma série de contrastes com a figura daquela pobre grávida com uma lata d'água de 20 quilos na cabeça.

A FURNA DO MORRO DA BABILÔNIA — Nesta escavação natural produzida pela erosão atmosférica e por filetes d'água no morro da Babilônia, moram na mais extrema miséria, o peixeiro Manoel Gomes e seu filho Antonio, de seis anos. A mulher morreu há pouco mais de uma semana e Manoel Gomes está doente. É um capítulo para os casos dolorosos da cidade. Aliás, o morro é todo ele um caso doloroso...



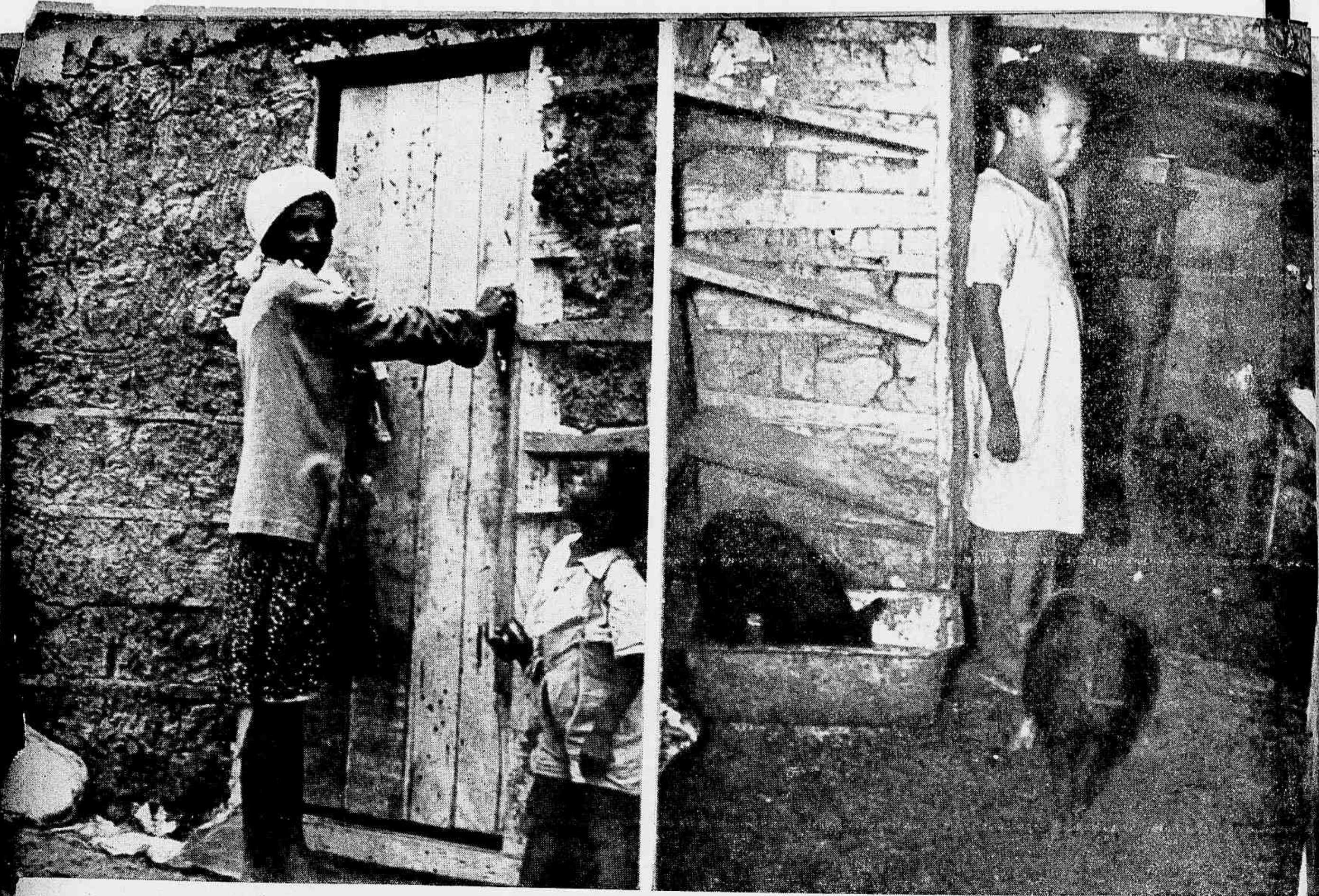
SERVENTES, PEDREIROS E VIUVAS

A grande maioria, a quase totalidade dos homens residentes no morro dos Cabritos e no do Leme são serventes de obras na zona sul. Eles procuram fixar-se nas proximidades dos locais de trabalho. Não importa a miséria das condições em que vivem. Pelo menos evitam as viagens de duas horas em bondes ultra-superlotados ou o arrôcho dos trens de subúrbio.

Depois dos serventes, há também uma boa percentagem de pedreiros, embora em menor número, dado que a profissão mais bem remunerada lhes permite o luxo de um quarto numa cabeça de porco, imundo, certamente, mas que pelo menos não exige o sacrifício das subidas e onde a angústia da falta d'água é menor.

SUBPRODUTO DE COPACABANA

Enquanto empreendemos a descida, continuamos interrogando os moradores. Há muitos que vieram do interior de Minas, outros do Estado do Rio e de outros



A 380 METROS ACIMA DO NÍVEL DO MAR — Jovita da Conceição, viúva como tantas outras mulheres das favelas da cidade, mora no ponto mais alto do morro dos Cabritos, a 380 metros de altitude. E dessa vizinhança do céu, ela vem buscar água quatro cinco vezes por dia, na avenida Cantagalo. Aqui está ela de volta, com o seu neto Luiz Eduardo. A direita, Oraide de Assis, uma das muitas garotas que perambulam pelas encostas sujas do morro, e dois bacorinhos criados no barracão de Antonio de Souza Vasconcelos.

pontos, afóra os cariocas mesmo. Mas ainda não há uma tradição de favela como na zona norte da cidade. Os morros da zona sul se povoaram com o desenvolvimento de Copacabana. São um sub-produto dos arranha-céus. Os habitantes mais antigos estão lá há cerca de 15 anos.

PARA ONDE NÓS VAMOS?

A descida é mais amável mas exige esforço também. Esforço anti-derrapante, sobretudo quando o solado dos sapatos estão gastos. Por isso, descansamos um pouco na "briosa" de Felix, onde conversamos com o dono da casa, com Sebastião Francisco dos Santos e com a viúva Maria José de Almeida. E' ela quem nos fala:

— Dizem por aí que este morro vai ser desocupado. Mas não pode ser. Para onde vamos?

Ficamos calados. Há muito tempo que andamos atrás de uma resposta inteligente para esta pergunta.

A conversa continua e Sebastião Francisco dos Santos diz a certa altura:

— A maioria mora aqui por necessidade. Mas há muitos que gostam mesmo desta "bagunça". Vadiagem...

— Eu sou viúva e posso provar, — atalhou Maria José como se aquilo fosse uma indireta. Mas o incidente não passou de palavras.

CÂMBIO NEGRO NO MORRO

E nem estávamos dispostos a ouvir a conversa. Há víamos descoberto na "briosa" uma prateleira de lata de leite condensado, cousa raríssima como bem o sabem as donas de casa.

— O sr. compreende, — respondeu Felix. Isto é uma mercadoria que está faltando. Eu vendo a lata a Cr\$ 7,50.

Não valia a pena discutir. Não há câmbio negro nos estabelecimentos dos "homens de bem", dos beneméritos, das figuras de representação social, dos mais autênticos representantes das classes conservadoras?... Por que então "seu" Felix, pertencendo à chamada e caluniada "escória" dos morros não pode vender por sete cruzeiros e cinquenta um produto tabelado a quatro cruzeiros?

NA CATATUMBA A VIDA É MELHOR

Logo adiante, em direção à rua Jardim Botânico, vem o morro da Catatumba, onde as condições de vida, segundo nos afirmam os moradores dos Cabritos, são bem melhores, menos miseráveis, queremos dizer.

D. Jovita da Conceição, a lavadeira que mora na crista do morro, olha para lá e fala como se estivesse diante da terra prometida...

— Ali na Catatumba, sim. Tem água, é mais limpo, a vida é melhor.

Mas nós ficamos de marcação com o nome comprometedor e, uma vez novamente no macadame da avenida Cantagalo, rodamos para o Leme, para o morro da Babilônia.

UM TROGLODITA NO SÉCULO XX

Este seria, sem dúvida, um título bem adequado ao peixeiro Manoel Gomes, morador numa fuma na encosta do morro, se não fosse a presença de alguns restos de objetos que denunciam a civilização contemporânea: vasilhas enferrujadas, um banco, um cinto velho táboas, aplainadas trapos, herança acumulada da miséria de muitos anos.

A mulher do peixeiro morreu há uma semana e ele está de cama, doente, sem poder trabalhar. A única criatura que se movimenta dentro da fuma é o seu filho Antonio de 6 anos de idade, um garotinho bastante esperto, se levamos em consideração o ambiente hostil em que vive desde que viu a luz do sol.

Manoel Gomes mal pode conversar com o reporter, tal o seu abatimento. A humanidade da caverna misturada com o mau cheiro dos detritos espalhados por em redor oferecem um ótimo clima para o tifo, para a disenteria, para a morte. O peixeiro e seu filho moram à porta do cemitério.

Olhamos para os estreitos limites da fuma e não vimos sinal de alimento. Como estará passando, a estas horas, o garotinho de seis anos que nunca teve um momento de alegria, que já passou seis Natais na escuridão hostil daquela caverna imunda?

Adiante, encontramos uma curiosa tenda de barbeiro, sumariamente mobiliada com um porta-chapéu velho e sujo e sobre um estrado uma cadeira que se dá ao luxo de ser giratória. Do lado de fora, um homem com uma pesada estaca nos ombros nos olha desconfiado.

— Estamos fazendo uma reportagem sobre a vida nas favelas da zona sul. O amigo mora aqui?

— E'. Eu sou barbeiro. E como se compreendesse a nossa estranheza ante a sua postura de carregador de toros de madeira, ajuntou:

— Mas às vezes faço alguns biscates, limpando barracões, por exemplo.

E continuamos a conversa, enquanto chegam outros moradores. A cantiga é a mesma. A falta d'água, a tortura dos subidas, pois a bica fica instalada lá em baixo, e mesmo assim nem sempre o registro está aberto. E além disso, muitas vezes está aberto mas não há água.

E no entanto, várias pessoas com quem conversamos e a quem sugerimos o envio de um abaixo assinado às autoridades, pedindo para solucionar, para amenizar ao menos, a gravidade da situação colocando algumas torneiras na encosta do morro, nos disseram que já se têm feito tentativas nesse sentido mas falta solidariedade. Os moradores dos morros não se reúnem num movimento de reivindicação coletiva. Uns têm medo, outros acham que não vale a pena. E o sofrimento continua a vincar-lhes os rostos de novas e mais profundas rugas, a acelerar-lhes as pulsações, a debilitar-lhes o organismo, a minar a saúde, a matar lentamente milhares de serventes, de pedreiros, de trabalhadores de todas as profissões. E as viúvas vão ficando com os filhos que a verminose e a peste branca

se encarregam de inutilizar. Assim é a vida a dois passos de Copacabana.

NÃO HÁ MAIS LUGAR PARA BARRACÕES

Toda a parte habitável do morro está entulhada de barracos e de monturo. Não há mais lugar para outros casebres, mesmo pagando a taxa de 10 cruzeiros mensais a que todos estão obrigados. E onde estão os que não conseguiram espaço vital? Certamente dormindo nas praças públicas, nos desvãos das escadas, nos albergues sujos, fazendo a viagem dolorosa para o aniquilamento, para a morte.

— E esses fios, — perguntamos ao barbeiro?

— Aqui tem luz até o salão dos crentes, — disse apontando para uma pequena casa, um pouco adiante, assentada num terreno limpo, bem cuidada, um oásis em meio à miséria generalizada.

E' o templo dos Evangelistas, Assembléia de Deus, como está escrito na parede um pouco desbotada.

Foi a única igreja ou capela que encontramos em nossa peregrinação. Um templo protestante. Funciona aos domingos e segundas-feiras.

— E vai muita gente?

— Se vai? Aqui tem muitos crentes.

Ficamos conjecturando que em matéria de pregação religiosa, os evangelistas nada ficam a dever em eficiência aos comunistas, nos seus comícios.

Dizem os crentes que com eles está a verdade. Não sabemos nem discutimos questões religiosas. Mas dois dias por semana, lá estão eles, na Babilônia, pregando a sua doutrina.

Descemos o morro. No caminho, mulheres com latas d'água, trabalhadores em obras, crianças maltrapilhas e viúvas.

O sol dava uma festa de luz na areia branca de Copacabana, emprestando às banhistas um ar de sensualismo tropical escandaloso. Era um espetáculo de beleza a dois passos da miséria. Um "Packard" passou por nós deixando um resto de melodia que um rádio espalhava no interior acolchoado e macio.

Os arranha-céus falavam de rendimentos fabulosos, de dividendos generosos, de depósitos bancários, de perfumes franceses e cãesinhos de luxo. Viva a vida!

Cidade Maravilhosa... de contrastes! Onde festei colher este apelido infeliz?

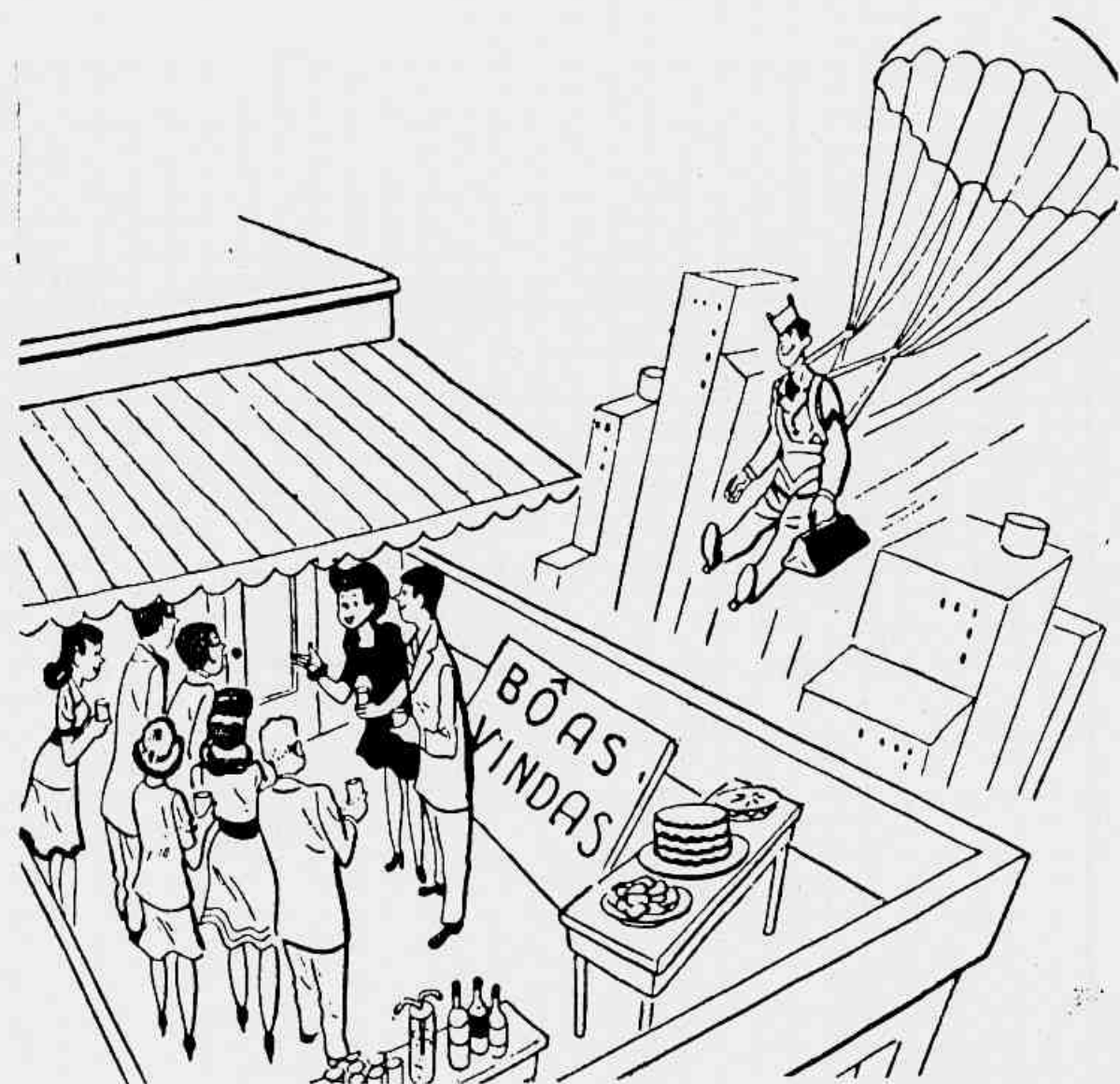
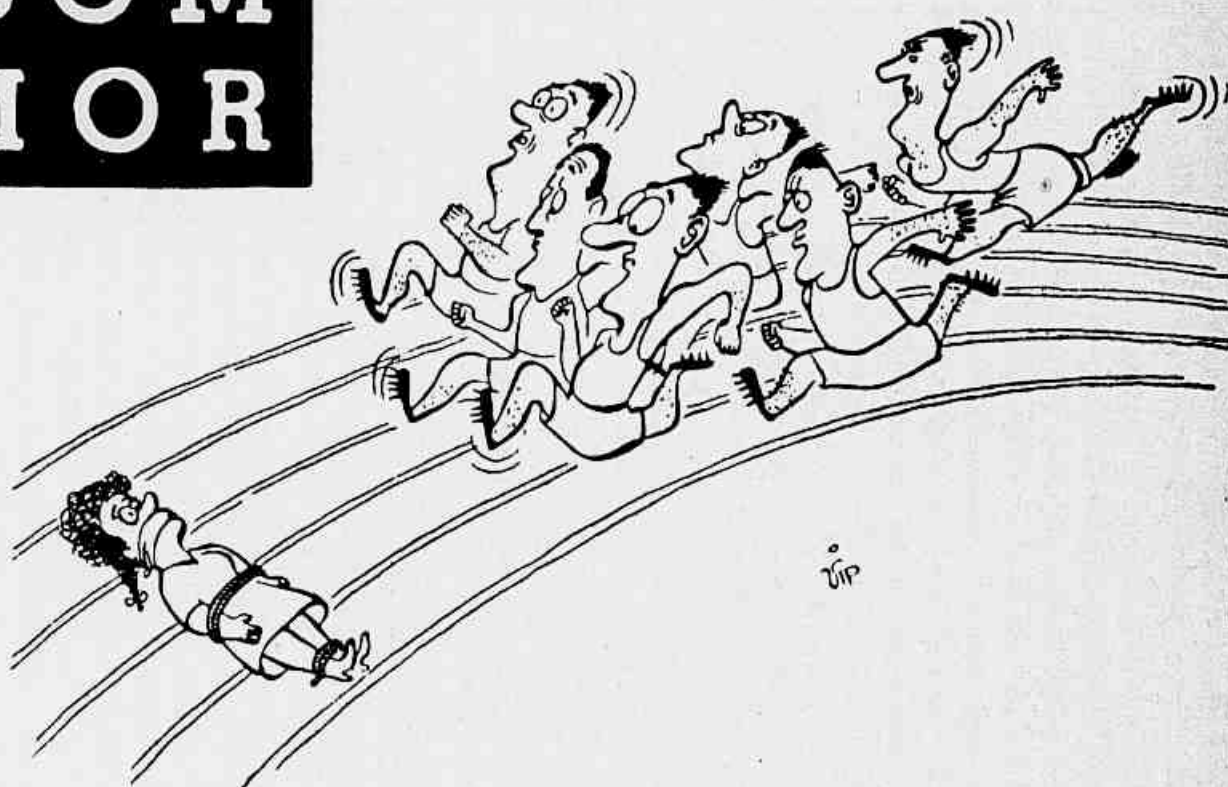
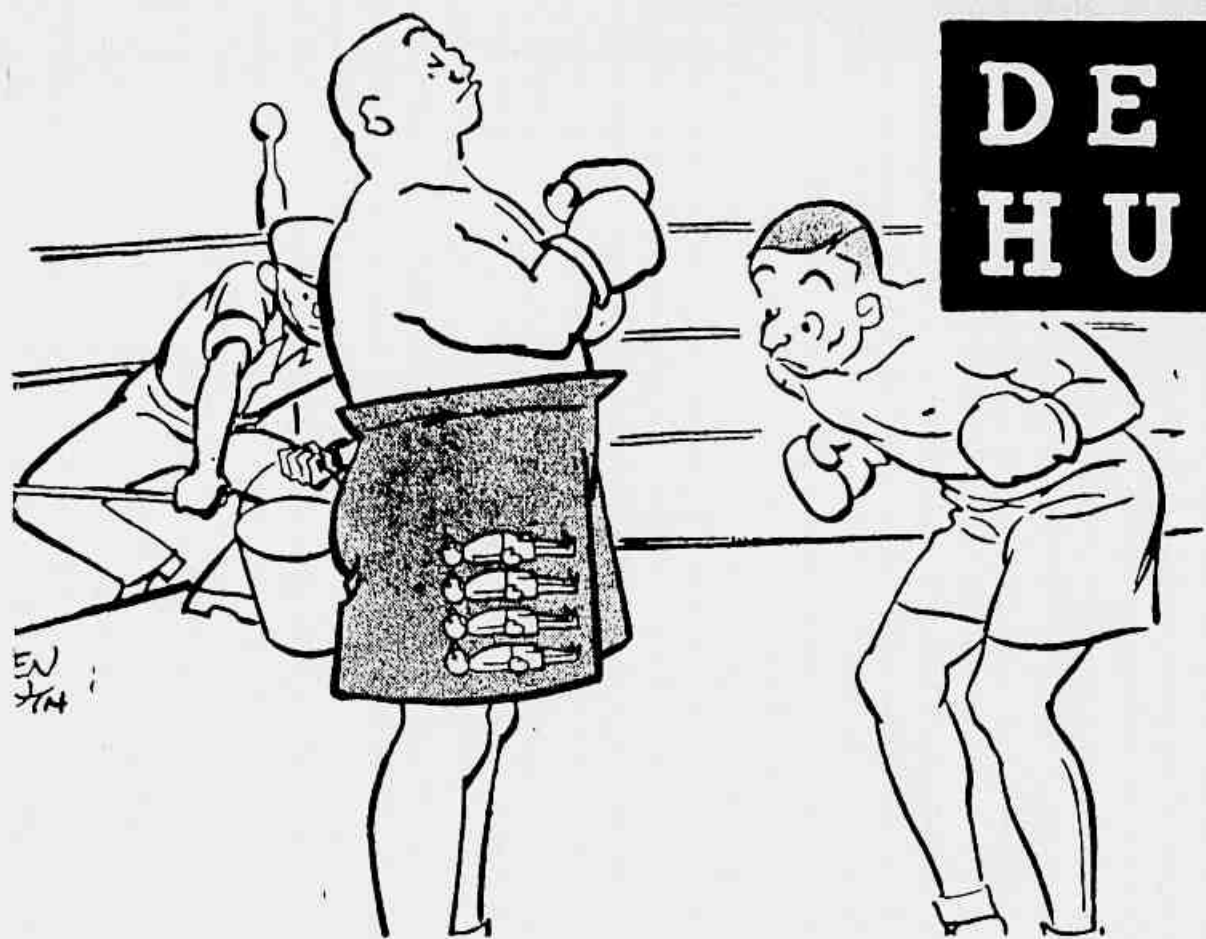
"A VIDA AQUI É UM INFERNO"

Em nossa reportagem da edição de 28 de setembro último, publicamos o nome do sr. Celestino Bica como explorador de uma casa de cômodos à rua Campos Sales, 88, conforme havíamos lido na relação publicada pelo "Diário de Notícias" do dia 15.

Tal não ocorre, entretanto, e o sr. Celestino Bica Lezama (seu nome por extenso) é uma das vítimas do senhorio João Saraiva Júnior, que explora a sub-locação de cômodos naquele endereço. Deve-se o equívoco à circunstância de ter sido o sr. Celestino Bica quem denunciou a exploração à polícia.

Por fim, adiantou-nos aquele senhor que o lucro obtido com o negócio é de Cr\$ 5.400,00. Aqui fica a retificação.

DE BOM HUMOR



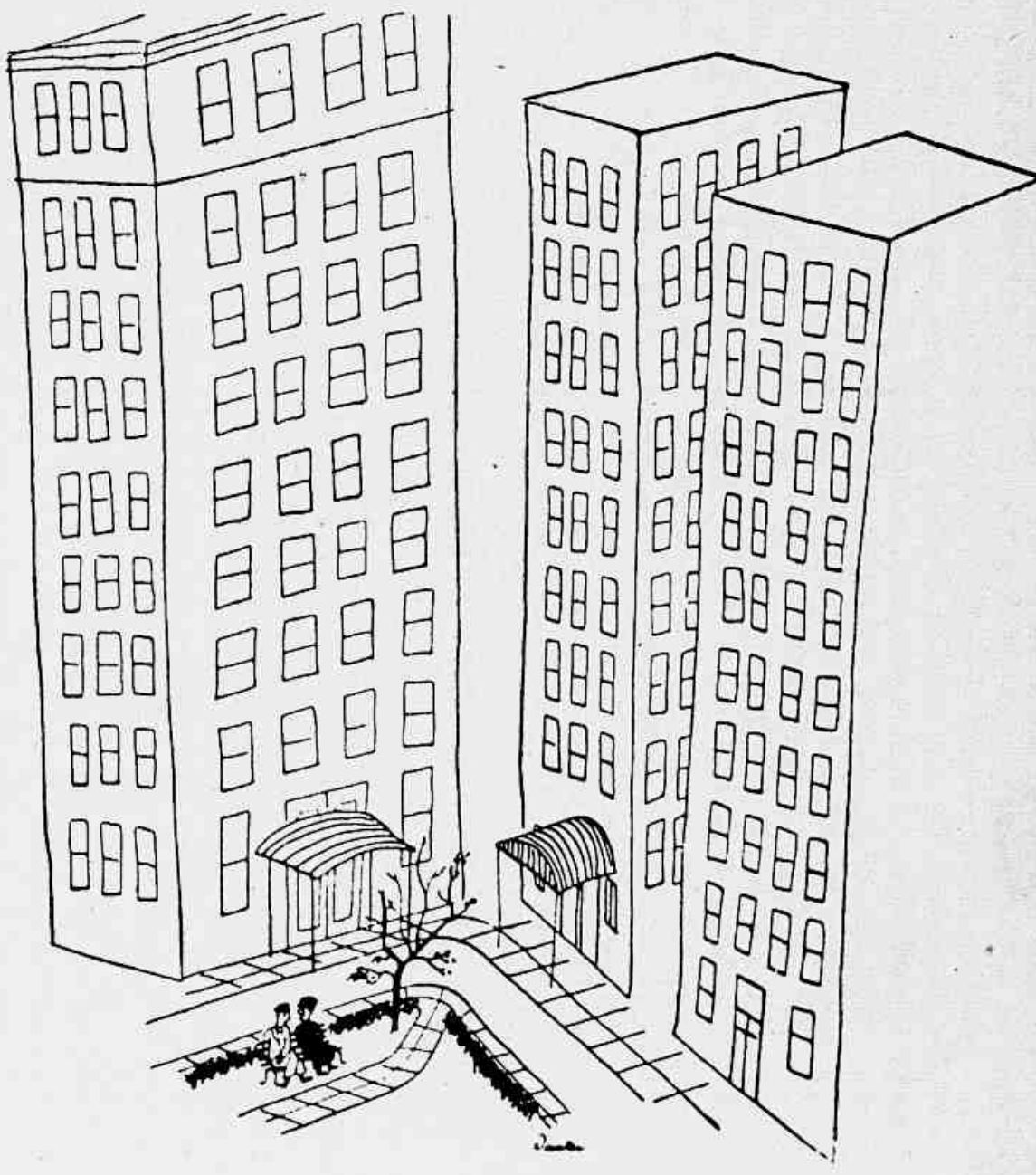
— E quando Johnny entrar pela porta, nós lhe faremos uma verdadeira surpresa!



— Veja! Um estúpido qualquer escondeu no fundo da canoa uma lata cheia de vermes!



— Veja bem e me diga se não há ali ao menos uma pessoa nossa conhecida!



— E' o que eu sempre digo... Nada melhor do que a gente ficar assim, em pleno contacto com a natureza...

AS GRANDES VIDAS

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com a Livraria do Globo pela REVISTA DA SEMANA)



MIGUEL ÂNGELO

(Michelangelo Buonarroti — 1475 - 1564)

LEONARDO passeava um dia, elegante, sorridente, bem vestido pela Piazza della Trinità, em Florença. Um grupo de cidadãos importantes, sentados num banco, discutiam uma passagem de Dante. Um deles levantou os olhos e avistou Leonardo.

— Senhores — disse ele — eis o homem que poderá resolver nossa discussão.

Nesse instante, justamente, apareceu um moço, no outro lado da praça. Seu rosto, de nariz achatado e quebrado, parecia conter um perpétuo rancor contra o mundo. Seus cabelos curtos, soltos, caíam desordenadamente sobre a testa. Suas roupas estavam amarrotadas, e os sapatos cobertos de espessa poeira de mármore. Suas mãos ásperas, tinham pedaços de argila aderidos às unhas. Leonardo apontou para ele.

— Aí vem Miguel Ângelo, senhores. E' ele a pessoa mais indicada para explicar-nos Dante.

Miguel Ângelo, sempre à espera de insultos, tomou as palavras de Leonardo como um desafio direto.

— Explique-o você mesmo! — exclamou com zombaria. — Você bem sabe que pode fazer o que quiser. Não foi você que modelou um cavalo e depois abandonou o trabalho, porque não podia fundi-lo em bronze?

Adiantou-se, mas voltou para um lance final:

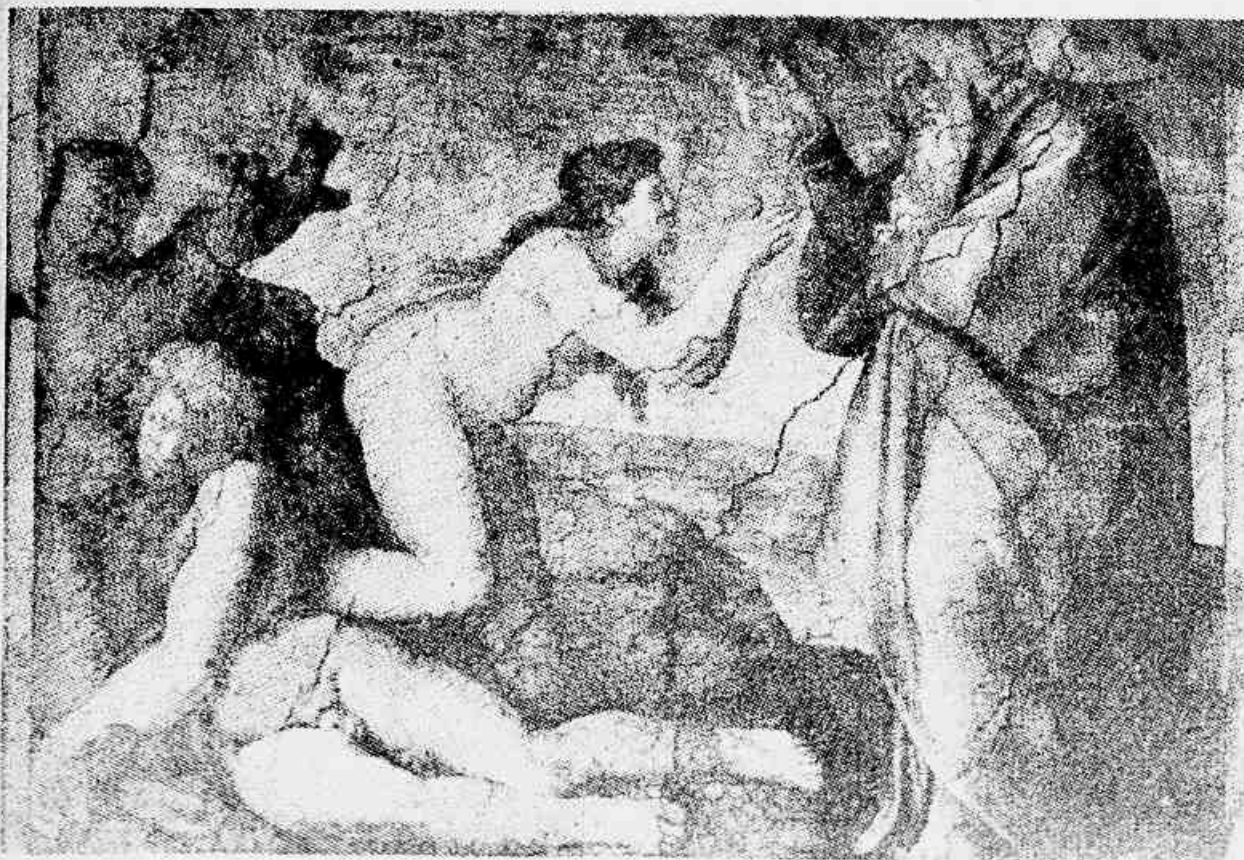
— E de toda gente, só esses gordos gansos de Milão confiam no seu trabalho.

Esta explosão de maldade podia ser a válvula do ressentimento de Miguel Ângelo contra o destino. Porque era ainda moço, e relativamente desconhecido, ao passo que Leonardo, com vinte e três anos a mais do que ele, já fora aclamado como um dos principais artistas da época. Posteriormente, Miguel Ângelo ultrapassaria seu rival mais velho tanto em fortuna como em fama. Naquele momento, entretanto, desconhecia seu grande destino.

★

Seu pai, Ludovico di Lionardo Buonarroti, era o prefeito de Caprese. O menino cresceu numa família de homens. Não tinha irmãos; somente quatro irmãs, e sua mãe morrera quando ele contava seis anos. O velho Buonarroti, nobre por nascimento, mas pobre e quase sempre sem trabalho, era de gênio mau, violento e duro para com os filhos. Irritava-se especialmente diante das repetidas declarações de Miguel Ângelo de que desejava ser um artista. Decidira que nenhum Buonarroti desperdiçaria tempo com instrumentos plebeus como o cinzel e o pincel.

Miguel Ângelo "A criação da mulher"



Seus cinco filhos deveriam ir para o comércio. Deveriam tornar-se banqueiros, como as famílias famosas dos Pitti, dos Strozzi, dos Medici. Tentou então inculcar algum bom senso no jovem filho sonhador.

Mas inutilmente. Apesar de todas as surras e repreensões, Miguel Ângelo insistia em querer ser um artista. Por isso, embora relutasse, colocou o menino de treze anos como aprendiz de Mestre Ghirlandaio e lavou as mãos.

Ghirlandaio, nessa época, estava pintando as paredes de Santa Maria Novella. Confiou a seus aprendizes a tarefa de triturar as cores e de copiar pedaços de tapeçaria dos esboços que preparava cuidadosamente. Mas as cópias de Miguel Ângelo eram melhores do que os originais, o que deixou Ghirlandaio extremamente invejoso. Mostrou essa inveja em centenas de pequeninas perseguições. E o sensível menino, tendo suportado a desinteligência com o pai, sofria agora a inveja do mestre. Nasceu, assim, a desconfiança contra seus colegas, e esta desconfiança permaneceu com ele até o fim de seus dias.

Foi uma sorte, contudo, que Ghirlandaio não gostasse de Miguel Ângelo. Porque, na sua resolução de desabarçar-se dele, mandou-o a Bertoldo, o velho que ensinava aos moços a arte de esculpir, nas antiguidades escavadas recentemente no jardim de Medici. Esse lugar era um verdadeiro jardim do Paraíso, para Miguel Ângelo. Ali aprendeu o trabalho para o qual Deus criara suas mãos, e ali encontrou o homem que o introduziu no mundo do conhecimento, da arte, da música, da beleza, do entendimento, de tudo que sua jovem e ávida alma se achava tão apaixonadamente sedenta. Uma ocasião em que Miguel Ângelo esculpia o rosto de um velho, no jardim de Lourenço de Medici, aconteceu que o próprio Lourenço, o Magnífico, passeava pelo parque. Parou ao chegar diante da estátua de Miguel Ângelo. Examinou-a, dirigindo-se depois ao jovem escultor:

— Menino, — disse ele, — você não sabe que um velho já não possui todos os dentes?

Miguel Ângelo ficou muito exaltado por Lourenço lhe haver dirigido a palavra. Pegando os instrumentos, cortou um dos dentes e, voltando-se para Lourenço, perguntou:

— Está melhor agora?

— Está sim — disse Lourenço rindo. — Muito melhor.

Lourenço interessou-se por esse vivo e talentoso rapazinho de catorze anos. Levou-o para o Palazzo Medici, autorizou-o a sentar-se à sua mesa, encorajou-o a brincar com seus filhos, presenteou-o com uma capa arroxeadada, ofereceu-lhe mensalmente cinco ducados (equivalentes, em valor, a mais ou menos cinquenta dólares), e abriu seus olhos para as glórias do mundo pagão. Ali Miguel Ângelo se embebeu de sabedoria e de beleza pelos lábios do místico Ficino, do filósofo Pico Mirandola, do poeta Poliziano e de numerosos doutores, escritores e artistas que, de todos os cantos da terra, vinham ao palácio dos Medici. A

mesa dos Medici, centro da civilização da época, Apolo era o Senhor da Luz e Platão seu principal profeta e santo.

Foi sob essa influência pagã que Miguel Ângelo se viu encorajado a produzir seu primeiro trabalho original — a *Batalha de Centauros*, modelada em relevo, um conjunto animado e guerreiro de seres metade homem, metade cavalo, cheio da simétrica beleza da simplicidade grega, um mito de um passado morto revidado no mundo da Renascença.

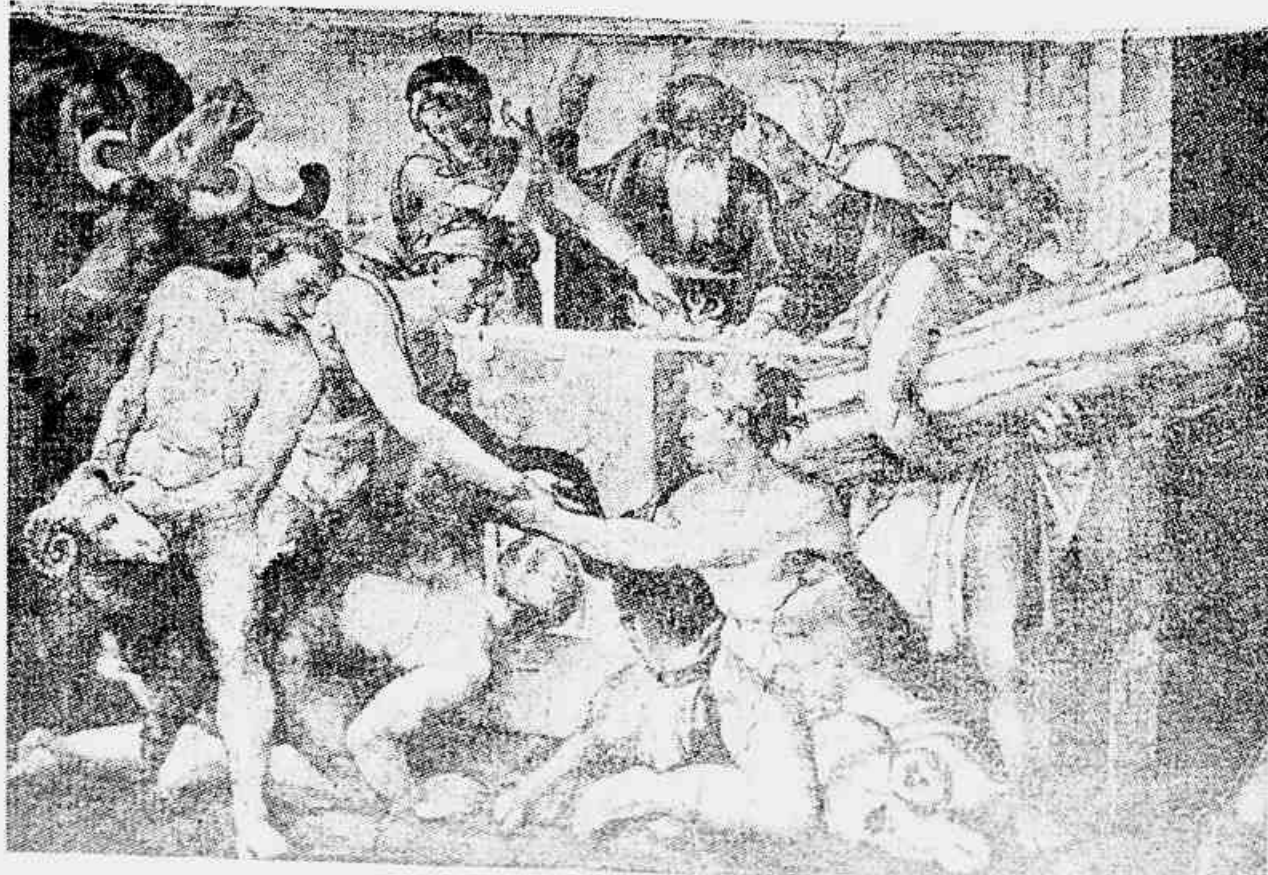
Era um trabalho em que Miguel Ângelo achava-se perfeitamente à vontade. Porque nesse período sentia-se extremamente feliz. Mas aconteceu então uma tragédia, e ele teve de suportar as cicatrizes físicas e mentais dessa tragédia pelo resto de seus dias. Um dos talentosos aprendizes, seu companheiro, era o arrebatado e forte Torrigiano. Esse rapaz lutava ainda melhor que pintava, e foi diabólico esse momento que instigou Miguel Ângelo a criticar-lhe os quadros. O que aconteceu depois disso é mais bem contado nas palavras do próprio Torrigiano: "Nesse dia, eu estava mais do que habitualmente aborrecido com suas críticas. Levantei o punho e dei-lhe uma tão forte pancada no nariz que os ossos e cartilagens tornaram-se moles como um pastel. Assim, levou minha marca o resto de sua vida".

Miguel Ângelo foi levado para casa, à morte. Quando a ferida sarou, viu seu desfigurado rosto no espelho. A partir dessa época fechou-se em si mesmo e começou a olhar com desconfiança toda a raça humana. Nunca mais se restabeleceu depois dessa trágica desfiguração de seu corpo e da igualmente trágica distorção de sua alma.

★

Mais ou menos nessa época, Miguel Ângelo ouviu as pregações de Savonarola, o apóstolo político que investia contra a imoralidade pagã e a impenitente selvageria dos governadores secretos da cidade. Essas pregações exerceram uma tremenda influência no sensível jovem artista. Um deles de seus irmãos, sob essa influência entrou para um mosteiro dominicano. Miguel Ângelo, durante algum tempo, também se sentiu tentado a renunciar à sua arte e a fugir do mundo. Então, iniciou-se em sua alma luta violenta entre o ceticismo e a religião, entre a beleza e a dúvida, entre as idéias do velho mundo e os ideais do mundo novo. Mas, depois de certo tempo, a luta cessou e, fortunadamente para sua arte, Miguel Ângelo tornou-se capaz de reconciliar os dois elementos aparentemente irreconciliáveis. Chegou à conclusão, enfim, de que não havia nenhum motivo sério pelo qual um artista não pudesse subscrever as melhores realizações do paganismo e da cristandade. Talvez o mais alto bem da arte estivesse precisamente no casamento das duas, na união íntima entre a santidade da beleza e a beleza da santidade. Esta reconciliação entre o paganismo e o cristianismo.

Miguel Ângelo "O sacrifício de Noé".



mo trouxe paz ao espírito de Miguel Ângelo e revelou-se o princípio harmonizador de todas as suas futuras obras-primas.

Enquanto essa luta se desenvolvia na alma de Miguel Ângelo, seu protetor morreu. A morte de Lourenço, o Magnífico, precipitou uma época de perturbações políticas. Savonarola excitou a população contra a dissoluta frivolidade de Piero de Medici, filho de Lourenço. O rei Carlos da França marchava contra a cidade. Uma plebe de penitentes fanáticos estava despedaçando quadros e estátuas de Florença. Os tesouros de séculos permaneciam nas ruas, em montes de ruínas. Miguel Ângelo, com seu sonho de arte temporariamente despedaçado, fugiu da cidade.

Foi para Bolonha, onde recebeu a incumbência de fazer uma estátua para a igreja da paróquia. Representava um anjo segurando um facho de luz, uma espécie de Apolo batizado, um símbolo da união entre o velho e o novo mundo.

Mas de novo foi Miguel Ângelo perseguido pelo ressentimento de seus colegas, invejosos porque esse jovem impetuoso já ultrapassava seus melhores trabalhos. Literalmente banido de Bolonha, voltou para Florença. E depois de uma breve e nada acolhedora estada em sua cidade natal, foi procurar fortuna em Roma. Tinha exatamente vinte e um anos quando chegou à cidade do Vaticano.

★

Roma, a cidade eterna da fé. Mas os guardiões da fé traíram sua confiança. O que Miguel Ângelo encontrou ao chegar, em 1495, foi uma cidade de música e assassinatos, de cultura, beleza e deboche, de dança e festas, de poesia e veneno, de lindíssimos templos e horríveis celas de prisioneiros, de piedade nas casas dos humildes e luxúria nos palácios dos ricos. E durante dois anos sentiu-se um estranho ali em harmonizar com o mundo. "Não tenho amigos, dizia ele, não preciso de nenhum amigo e não quero nenhum".

Aos vinte e três anos, contudo, seu talento foi reconhecido mesmo nessa cidade de egoísmos selvagens e rivalidades impiedosas. Solicitou a incumbência de modelar uma estátua de Cristo e a Mãe, para a Igreja de São Pedro. "O trabalho", escreveu ele ciosamente, "deve ser de tal forma que nenhum mestre vivo possa realizá-lo melhor". Venceu a competição e fez a estátua. Todo o povo artístico de Roma veio ver o trabalho. O Cristo morto, com os braços macilentos (na realidade, tivera por modelo um cadáver) jazia no regaço de uma linda mulher, muito mais moça do que ele. Os espectadores estavam admirados e espantados. Perguntaram ao escultor por que fizera a Mãe tão mais moça do que o Filho.

— Então não sabem — retorquiu Miguel Ângelo, — que toda mulher para preservar a mocidade durante muitos anos? E isso é ainda mais verdadeiro com relação à Madona, que nunca se entregou aos desejos humanos, e cujos traços, além disso, se haviam transfigurado pelo amor divino.

Através de toda sua vida, Miguel Ângelo pintou e modelou figuras não de acordo com as convenções da época, mas antes, com as sugestões de sua própria filosofia. Entre os modernos, foi um dos primeiros a aplicar psicologia à arte.

Quando a estátua ficou pronta, Miguel Ângelo entregou-se, pela primeira e última vez em sua vida, à fraqueza da vaidade. Lá ele próprio olhava na igreja, à noite. E aí, à luz de uma vela, gravou na estátua seu nome e sua cidade natal. Desde então, nunca mais assinou nenhum de seus outros trabalhos concluídos. Semelhantes às árvores e às montanhas da natureza, as obras-primas de Miguel Ângelo não precisam trazer a assinatura de seu criador.

★

Miguel Ângelo voltou à Florença com a idade de vinte e seis anos. Passando um dia pelo pátio da catedral, parou para examinar um magnífico bloco de mármore que estava ali, inútilmente, havia quarenta e seis anos. Ofereceu-se para trabalhar esse mármore, se o auxiliassem. A oferta foi aceita. Miguel Ângelo começou o trabalho a 2 de agosto de 1502. A 25 de janeiro de 1504, a colossal estátua de David estava pronta.

Esse Gigante, como era chamado, tornou-se o tal ponto de marco de uma época que, durante muitas décadas, o povo de Itália calculava o tempo por ele. "O ano em que o Gigante foi terminado" tornou-se conhecido como o primeiro da Nova Era. Porque a estátua de David corresponde, na realidade, à introdução de uma nova era na escultura. Acha-se agora na Academia Florentina de Artes. Representa uma figura atlética e nua, de cabeça pequena, um corpo imenso, cintura fina, braços delgados e mãos fortes, cujas veias se salientam como cordões. Com a mão esquerda tira a funda dos ombros, e com a direita segura a pedra, pronto a lançá-la contra o inimigo. Mas a parte mais atraente da estátua é o rosto. É o rosto de um jovem decidido, viril, arrogante e ao mesmo tempo compassivo — o rosto idealizado do próprio Miguel Ângelo. Como David, ele também estava pronto a desafiar os Góias da época. O cantor da Judéia e o escultor de Florença, dois homens de alma decidida e sensível, dois artistas que sabiam lutar.

A fama do Gigante trouxe Miguel Ângelo de volta a Roma. O novo Papa, Júlio II, estava ansioso para perpetuar sua memória num túmulo como o mundo nunca vira antes. Era aquele homem capaz de fazer esse trabalho seria Miguel Ângelo. Porque Miguel Ângelo era também um so-

las deveriam retratar Moisés e Paulo, duas outras seriam símbolos alegóricos do céu e da terra; o resto representaria os maiores santos e heróis do passado.

— Quanto custará esse monumento? — perguntou o papa.

Miguel Ângelo achou preferível desejar muito mais do que muito menos. Portanto, respondeu:

— Cem mil escudos.

— Suponha que o vai fazer por duzentos mil. — E antes que Miguel Ângelo pudesse voltar de seu espanto, o papa murmurou mansamente:

— Não fique aí boquiaberto, moço. Vá trabalhar!

Orgulhoso dessa encomenda, Miguel Ângelo dirigiu-se a Carrara, onde selecionou pedaços de mármore no valor de mil ducados. Quando essas "montanhas de pedra" chegaram a São Pedro, Miguel Ângelo começou a transformá-las em obras vivas. Mas o progresso era lento e os pagamentos do Papa irregulares para permitir um trabalho sossegado. Mais uma vez o gênio de Miguel Ângelo estava sendo embaraçado pela inveja de seus rivais. Um desses rivais era Bramante, artista de grande talento e alma vil. Ansioso por obter os favores e os ducados do Papa, disse-lhe que preparar a sepultura de um homem em vida podia ser um mau agouro. Por que não construir uma igreja em vez de um túmulo? — sugeriu. Ele, Bramante, poderia ser o arquiteto. Reconstruiria São Pedro e faria dela um marco para todas as épocas.

O papa ouviu Bramante. Miguel Ângelo, em conversa com um dos joalheiros do papa, soube que não receberia nem mais um vintém do Vaticano. "Esta notícia — escreveu ele a um amigo — alarmou-me muitíssimo. Fui pedir dinheiro que me deviam a fim de poder continuar o trabalho. Sua Santidade disse-me para voltar segunda-feira. Voltei na segunda, e na quarta, e na quinta e na sexta-feira. Finalmente um camareiro me disse: "Tenho ordens para não o receber". A essas palavras exclamei encolerizado: "Pois então diga ao papa que, no futuro, se precisar de mim, ele próprio terá de vir procurar-me!"

E assim, maltratado pelo papa, saiu de Roma e voltou para Florença. Sua desconfiança na humanidade era agora mais intensa do que nunca. Tinha a impressão de que o mundo inteiro estava contra ele. Em todas as transações comerciais convenciam-se de que outro colega tentava roubá-lo. Se o alfaiate fazia suas roupas um pouco justas, acreditava que o fizera deliberadamente, apenas para irritá-lo. Recusava receber presentes de quem quer que fosse. "Acutelem-se — dizia ele — contra os gregos ou os italianos que trazem presentes". Conservava o atelier sempre fechado pelo receio de que seus companheiros ousassem roubar-lhe as idéias. Porque acreditava que não tinham nenhuma idéia própria. Todos eles, observava morosamente, eram imitadores. Certa ocasião, foi chamado para criticar um retrato pintado por outro artista.

— Muito agradável, — disse, — mas tudo nesse trabalho foi pedido emprestado. — E então continuou, com um sorriso sarcástico: — Estou precisamente imaginando o que acontecerá a esse quadro no Dia do Juízo Final, quando todos os corpos quiserem de novo seus membros.

Sempre que o ofendiam, recolhia-se à concha de seu agulho e não deixava ninguém aproximar-se dele. O papa ordenou-lhe várias vezes que voltasse, mas Miguel Ângelo recusou-se. Não receberia ordens de ninguém. "Aquele que começa sendo mula dos príncipes", disse ele, "terá a carga nas costas até morrer". Finalmente o papa suplicou-lhe que voltasse, porque um artista com o talento de Miguel Ângelo era um benefício para o Vaticano. Miguel Ângelo acedeu ao pedido e foi ao encontro do papa; contudo, não em Roma, mas a meio do caminho, em Bolonha.

— O senhor é um homem estranho, — disse o papa. — Ao invés de vir até nós, esperou até que viéssemos ao seu encontro.

— Sua Santidade fez-me um grande mal.

— Mas prometo que haverei de repará-lo. — Pousando a mão sobre a cabeça do artista ajoelhado, abençoou-o.

E assim eles voltaram as boas "Miguel Ângelo", escreveu Soderini, governador de Florença, "é um desses homens de quem tudo se consegue com palavras boas... É preciso mostrar-lhe amizade, assegurar-lhe consideração. Só assim produzirá trabalhos que assombrarão o mundo".

★

Como resultado da bondade do papa, Miguel Ângelo produziu então um desses trabalhos que assombrariam o mundo. O projeto do túmulo fora abandonado, pelo menos no momento. Porque o papa continuava supersticioso em relação aos planos para sua morte, enquanto vivia. Por isso, pediu a Miguel Ângelo que pintasse o teto da Capela Sixtina — as doze figuras dos apóstolos, concebidas em tais dimensões como nenhum pintor antes dele ousara imaginar.

Era portanto outra empresa digna do gênio de Miguel Ângelo. Durante quatro anos encerrou-se completamente na capela, não admitindo ninguém, a não ser o moedor de cores e acidentalmente o papa. Pintou a maior parte do trabalho com a cabeça deitada para trás e os olhos voltados para cima. Muito tempo depois de terminado o afresco, ainda era obrigado a segurar toda carta e todo livro que quisesse ler, acima da cabeça. Porque os músculos de seus olhos se haviam habituado a essa visão particularmente anormal.

Quando o papa viu o trabalho pronto, ficou maravilhado com ele, executando um detalhe. A maior parte dos santos e apóstolos, nos painéis antigos, havia sido pintada com ornamentos decorados ostentando-se pródigamente nas roupas.



Miguel Ângelo — "O juiz final" (detalhe)



Miguel Ângelo — Figura decorativa.



Miguel Ângelo — Figura decorativa.

IMPERADOR em 1822, Pedro I declarou aos povos do Brasil "a repartição da Fazenda a principal móla do Estado". A remigração de 1821 entregava móla perra ao joven soberano que à Constituinte de 1823 iria mostrar o estado real da móla.

Lucros e perdas atestavam o balanço da estadia de D. João VI no Rio de Janeiro. A transmigração de 1807 fôra de fluxo de capitais, de refluxo na remigração de 1821, a mór parte dos remigrados levando o que haviam trazido.

Pedro I desvendou á Constituinte o estado da situação financeira por ele herdada. Pouco a receber, muito a pagar. Ao sair barra afóra, D. João VI, dispunham os cofres do Banco do Brasil apenas de duzentos contos de reis em moeda para troco de suas notas.

O Tesouro Publico satisfazia todas as despesas só com seus proprios recursos quando aquelas despesas deveriam ser satisfeitas por todas as provincias que deixando de fazel-o exauriam o Tesouro Publico.

Cumpria providenciar, logo, logo. Tal intentou Pedro I tendo a rara felicidade de encontrar a seu lado um bom ministro da Fazenda, Manoel Jacinto Nogueira da Gama, o futuro marquês de Baependy. Homem probe, entendido em finanças, Nogueira da Gama estava mais do que nos casos de bem auxiliar um reorganizador de finanças indo a pique.

Os dois homens de Estado, Pedro I e Nogueira da Gama, agiram tomando a economia por primeira providencia, sendo pena não interdizer nações que consintam governos prodigos, cegos ao dia de amanhã.

Em breve D. Pedro I poderia dizer aos constituintes de 1823: "Limitei-me a viver como simples particular. Só não reduzi a moeda da imperatriz por não m'o premitirem ajustes matrimoniais."

Não foi accito o oferecimento de empréstimo de dois milhões de libras por parte de negociantes da praça de Londres.

Melhorou progressivamente a situação financeira de abatimento do credito nacional havia dois anos, os de 1821 a 1822.

Diria D. Pedro I aos constituintes de 1823: "Nosso credito já sóa na Europa. O dinheiro é tanto que a mór parte dos credores, não poucos, nem de pequenas quantias já se acham satisfeitos. Os empregados publicos e os militares em serviço ativo estão em dia. Acham-se socorridas as provincias que aderiram á Independencia."

A Fala do Trono de 1823 honra á memoria de Pedro I e de Nogueira da Gama. A parte de exposição financeira daquela Fala é mais relatorio de ministro que discurso da corôa.

No documento minudente certas expressões, certos qualificativos devem ser da exclusiva autoria do exuberante redator imperial.

Que diz ele de São Paulo? Trata-o por "agradavel e encantadora provincia, patria do fidelissimo e nunca assaz louvado Amador Bueno da Ribeira."

Que mereceu Minas de 1823, bem oposta a D. Pedro I em 1830? Couberam á provincia os qualificativos de "rica e majestosa."

A's Falas do Trono sempre corresponderam os Votos de Graças ou respostas do poder legislativo ao executivo, o imperador, o Voto de Graças da Constituinte de 1823. Em nome da comissão orou o deputado Calmon dirigindo-se a quem criado no absolutismo adotara o constitucionalismo.

Disse o orador:

"Conheceu V. M. I., e conheceu



D. Pedro I, o leitor da Fala do Trono ante a Constituição Brasileira de 1823.

rapidamente, que a grandeza do poder gera de necessidade o abuso. A fraqueza humana impede o pontual desempenho de atribuições exageradas, dahi o desgoverno, dahi a oppressão do povo, cujas carnes maceradas pream vorazes cõrvos sociaes, zangões politicos, e inertes aulicos".

Na Fala do Trono de abertura á Constituinte, declarou D. Pedro I "com a espada defender a patria, a nação, a constituição se digna do Brasil e dele imperador."

A' declaração respondeu o delegado da Constituinte, louvando a Fala do Trono com a seguinte restrição:

"Uma só corda, Senhor, que podia parecer discorde no bem ordenado concerto, mas que sem duvida devia de contribuir para o geral effeito da harmonia, feriu os nossos ouvidos."

Seria possível que desconhecesse V. M. I. que a assembléa brasiliense fosse capaz de fazer uma Constituição menos digna da nação e de V. M. Imperial.

Não, Senhor, semelhante suspeita não seria consoante com o geral theor de confiança que respira todo o discurso de V. M. Imperial.

"A assembléa brasiliense não se deixaria deslumbrar pelos fogos fatuos de theorias impraticaveis, creações de imaginações escaldadas."

A assembléa guia-se pela experien-

cia, unica mestra em politica, não traíria seus comitentes, não ofereceria os direitos da nação em baixo holocausto ante o throno, não ignorando a assembléa que as prerogativas da corôa conservadas nas raíes proprias são a mais eficaz defesa dos direitos do cidadão, o maior obstaculo á irrupção da tyrannia, de qualquer denominação que seja."

Na America do Sul então presa de caudilhismo feroz não havia de certo voz que tão independente se erguisse, nem governante que a ouvisse sem consequências, o Brasil mesmo em periodo de organização sobranceado no continente americano austral.

O Voto de Graças dos constituintes de 1823 respondia a noticias auspiciosas dadas pela Fala do Trono.

Asseverava esta o crescimento das rendas públicas alem de previsões orçamentarias. Desenvolviam-se o comercio e a industria atraíndo capitais estrangeiros. A moeda metalica circulava com uma diferença para menos em relação ao papel moeda do Estado, no momento acima do valor do padrão monetario nacional.

Sessenta e seis anos depois, a Fala do Trono de 1889, a ultima do Imperio, declararia estar livre o Tesouro Nacional, livre de avultada divida flutuante proveniente de exercicios anteriores, provido o Tesouro de meios mais que

suficientes para ocorrer ás despesas internas. Não havia motivo para recurso a expedientes de antecedencia, as receitas, conservadas em Londres, a parte de ultimo empréstimo, restavam a applicações legais.

Londres foi a fonte dos empréstimos do Imperio, a 5 de julho de 1820, negociando as relações financeiras do Brasil e a Casa Bancaria dirigida por Nathan Mayer Rothschild e companhia a emprestar 400 000 libras ao paiz novo, promissor e com largo pagador.

Por um momento a Regencia Arco-íris interromperia a continuidade das relações Brasil-Rothschild, outros gentarinos da City, Samuel e Philip fornecendo ao governo regencial 512 libras, segundo contrato o compromisso de pagar sob a responsabilidade da "Sagrada Palavra" do imperador do Brasil.

O Segundo Reinado trataria de negociar com a Casa Rothschild sob a razão no milionaria de Nathaniel Mayer and Sons, pai e filhos obedientes a Moeda e ás regras do capitalismo.

Não se limitavam os Rothschild de sementeira familiar na Europa, a sordidos amealhadores em extase ante sacos de ouro e á espera de juros fidejados "per perfume de capitais".

Nada disto, Casa bancaria fechada aos Rothschild, em toda Europa, abria-se alta rôta, eles reis do dinheiro tratando até com legítimas Altezas.

Em recebidos nos palacios alheios, os Rothschild sabiam receber nos seus proprios palacios de salões adornados com o gosto discreto que assim lavam os bem nascidos, a gente de antefazadas.

Não é demais a dizer alguma coisa acerca dos banqueiros dos quais o Brasil recebeu e aos quais pagou honrando o seu titulo de nação hegemonica na America do Sul.

Do respeito e da confiança dos Rothschild para com o Brasil recebia constante testemunho aquella casa 55 de New Broad Street ou Delegacia do Tesouro Nacional em Londres, que em nosso nome recebeu e pagou tanto.

Nela penetrou bastantes vezes, para entendimentos, o barão James de Rothschild, que tanto estava em Londres onde fazia figura como cavalheiro que se não nascera fidalgo se afidalgara.

O barão James colecionava e cada colecionador tem preferencias. James preferia reunir autografos, não da pena de celebridades, sim da pena das centenas de pedinchões de dinheiro e que lh'o pediam com as mais variadas lábias.

Qual a perola da singular coleção.

Considerava tal o barão Rothschild a carta de alguém que ao pedir-lhe 50 francos em trouco lhe assegurava 150 anos de vida. Polidamente, o destinatário respondeu ao missivista.

Meu caro — Sucede-me com muita frequencia ser ameaçado de morte e não entregar determinadas quantias, pois é certamente o primeiro que nada me pediu ao propôr-me a prolongação de minha vida. E esta proposta sem duvida a melhor, a mais humana de todas as propostas, porem como a minha religião me ensina que estamos todos á mercê de Deus nada farei para me subtrair á vontade do Todo Poderoso.

A minha negativa, por outra parte, em nada prejudica o seu descobrimento de qual creio não deixará o Snr. de aproveitar-se para seu uso de si proprio. E ao mesmo tempo que sinto não poder acciar a sua proposta, felicito-o sinceramente pelos 150 anos que o Snr. vai viver na terra.

Atenciosamente — James de Rothschild

ESCRAGNOLLE DORIA
REINO FINANCEIRO

Conto de H. G. WELLS

CERTAMENTE, si jamais um homem encontrou um quinhão quando procurava um alfinete, foi o meu excelente amigo o professor Gibberne. Eu tinha já ouvido falar em algumas investigações que excederam toda a expectativa, nunca porém até aquele ponto. Dessa vez, em todo o caso, e sem o mínimo exagero, Gibberne fez realmente uma descoberta que há de revolucionar a vida humana; e isto quando ele procurava simplesmente um estimulante nervoso, de efeito geral, para restituir às pessoas debilitadas a força necessária para viver nesta nossa época de energia e de lutas. Já por várias vezes tenho provado essa droga e nada melhor posso fazer do que descrever o efeito que ela produziu em mim. Que haja aí admiráveis experiências em reserva para todos aqueles que andam em busca de sensações novas, eis uma certeza que não tardará a patentear-se.

O professor Gibberne, como muita gente sabe, é meu vizinho em Folkestone. Si me não falha a memória, o seu retrato em diversas idades apareceu no "Strand Magazine", pelo fim do ano de 1899; não me é possível verificar isso, porque precisamente emprestei o fascículo a alguém que não m'o restituiu. O leitor deve lembrar-se talvez da fronte alta e das sobrancelhas pretas, singularmente longas, que imprimem uma expressão estranhamente mefistofélica ao seu semblante. Ele ocupa uma dessas avaráveis e pequenas vilas isoladas, construídas nesse estilo composito que torna tão interessante a extremidade oeste da estrada de Sandgate. A sua casa é aquela que tem espigões flamengos e um pórtico mourisco, e é na saleta de janela saliente que ele trabalha quando aí se acha: foi nessa saleta que nós tantas vezes fumámos e palestramos. Ele é fecundo em ditos agudos mas, apesar disso, gosta de me comunicar os seus trabalhos. Gibberne um desses homens que encontram um auxílio e um estimulante na conversação, e foi por isso que me foi dado acompanhar a concepção do Novo Acelerador desde a sua origem. Note-se que a parte mais importante das suas pesquisas experimentais não se fez em Folkestone, mais sim em Londres, no esplêndido laboratório de Gower Street, contíguo ao hospital, e de que foi ele o primeiro a servir-se.

Como todos sabem, ou pelo menos como o sabem todas as pessoas inteligentes, o domínio especial em que Gibberne adquiriu uma reputação universal e tão merecida entre os fisiologistas, é concernente à ação das drogas sobre o sistema nervoso. Sem rival, disseram-me, sobre quanto se refere aos soporíficos, aos sedativos e aos anestésicos, ele é ao mesmo tempo um químico eminente, e suponho que no matagal sutil e complicado dos enigmas que rodeiam a célula ganglionária, ele abriu pequenas clareiras, projetou algumas luzes, que, até que ele julgue conveniente publicar os seus resultados, ficarão inacessíveis ao resto dos seus semelhantes. Nestes últimos anos, ele dedicou-se particularmente à questão dos estimulantes nervosos, e mesmo antes da descoberta do Novo Acelerador, já tinha obtido notáveis sucessos. Develhe a ciência médica pelo menos três fortificantes distintos e absolutamente eficazes, que são, para o prático, de uma utilidade incomparável. Em caso de esgotamento, o preparado conhecido com o nome de Xarope B de Gibberne tem salvo em nosso dias maior número de existências do que quantas embarcações de salvamento cruzam as águas do litoral.

— Mas nenhuma dessas cousas insignificantes me satisfaz ainda, — disse-me ele, há pouco menos de um ano. — Seja que elas aumentem a energia central sem afetar os nervos, seja que aumentem a energia disponível abatendo a condutividade nervosa, todas são locais e desiguais nos seus efeitos. Uma estimula o coração e as vísceras, mas paralisa o cérebro, a outra atua sobre o cérebro à maneira de champagne e não faz nada de bom para o plexo solar. Ora, o que me é preciso, o que quero obter, si for humanamente possível, é um estimulante que esjime tudo, que sacuda uma pessoa durante um certo tempo, desde a cabeça até o dedo grande do pé, que, no ponto de vista da atividade vital, ponha um mortal na proporção de dois contra um, relativamente ao comum dos mortais. Hein! aí está o que eu procuro!

— Essa superatividade será estafante, — opinei. Sem dúvida nenhuma. E quem a tomar comerá duas ou três vezes mais... e o resto em proporção. Mas considere o que isto significa. Imagine que possuísse um frascozinho igual a este, — e mostrou-me um frasco esverdeado com que se pôs a sublinhar as suas frases — e dentro deste precioso frasco o poder de pensar duas vezes mais depressa, de se mover com rapidez duas vezes maior, de fazer em um tempo dado duas vezes mais trabalho do que poderia fazer de outro modo...

— Mas isto é possível?

— Creio que sim. Se não for, então estou perdendo o meu tempo há um ano. Estes diversos preparados de hipofosfitos, por exemplo, parecem demonstrar qualquer coisa desse gnero... Mesmo que essa rapidez adquirida não fosse mais que a metade, seria já suficiente.

— Certamente, seria suficiente, — aprovei logo.

— Se, por exemplo o senhor fosse um homem de Estado, assediado pelas dificuldades, contando os minutos, em uma ocasião de tomar uma decisão urgente, hein?

— Uma dose ao secretário particular, nesse caso!

— O senhor obteria duas vezes mais o mesmo tempo... E suponha, verbi gratia, que quisesse terminar um livro.

— Habitualmente, — respondi, — desejo antes nunca o ter começado.

— Ou um médico que, exausto de fadiga quer apelar para toda a sua ciência e todas as suas faculdades diante de um caso mortal... ou um advogado... ou um candidato a exame.

— Para esses, cada gota disto valeria um quinhão, e mais...



H. G. Wells, cientista e escritor, foi uma das grandes perdas literárias deste ano. Seguindo nas águas de Jules Verne, fez romances de fundo científico, antecipando acontecimentos os mais variados. Foi o profeta da guerra aérea, ao escrever, de 1885 a 1904, romance "A Guerra no Ar", em que previa combates de aeroplanos e de "zeppelins". Um dos seus últimos trabalhos foi intitulado "Daqui a cem anos", previsão de uma guerra futura. Profeta de acontecimentos políticos e militares porvindouros, H. G. Wells foi, entretanto, superado pela realidade científica contemporânea. Os seus cientistas e guerreiros do século XXI ainda não tinham atingido o advento da era atômica e não chegavam a usar a energia cósmica em benefício de seus planos. Suas páginas literárias, seus contos admiráveis, como "O homem que fazia milagres", "O roubo do micróbio" e tantos outros serão para sempre lembrados, como exemplos de arte literária, de espírito inventivo e, acima de tudo, de "sense of humour". "O novo acelerador" o conto que figura nesta página, é um exemplo dessas qualidades, características de H. G. Wells.

— E em um duelo, — proseguiu Gibberne, em que tudo depende da rapidez com que se calca sobre o gatilho.

— Ou à espada, — acrescentei.

— Bem vê — disse Gibberne, — se eu obtiver uma droga cuja ação seja geral, ela não lhe causará prejuízo algum, a não ser porventura, que, em grau infinitesimal, o faça envelhecer mais depressa... Mas terá vivido duas vezes mais que os outros...

— Pergunto a mim mesmo, — disse eu à guisa de meditação, — se em um duelo isto seria leal.

— É uma questão essa que competiria às testemunhas resolver.

— E crê realmente que seja possível? — repeti eu para reatar as perguntas precisas.

— Absolutamente tão possível... — principiou Gibberne deitando uma vista dolhos a uma máquina atordadora que passava diante da janela, — tão possível como um ônibus automóvel. A bem dizer...

Interrompeu-se, sorriu-me com ar de inteligência e bateu lentamente com o frasco esverdeado contra a extremidade da escrivinha.

— Creio que estou de posse da droga, — disse ele. — Tenho já obtido resultados que prometem...

O seu sorriso nervoso traía a gravidade daquela revelação. Raramente falava das suas experiências em andamento, a menos que não estivesse muito perto do alvo.

— E pode ser... Pode ser... eu não me surpreenderia se a aceleração fosse mais que duplicada.

— Será uma grande descoberta, — aventurei-me a dizer.

— Será, de fato, creio, uma grande descoberta, — repeliu ele.

Mas, apesar de tudo, não me parece que ele soubesse exatamente que grande cousa poderia ser.

Lembra-me que tivemos ainda várias conversações concernente à droga. Chamava-a ele "O Novo Acelerador" e a sua convicção tornava-se cada vez mais evidente. Às vezes, enumerava nervosamente os resultados fisiológicos inesperados que determinariam o emprego do seu estimulante, e então experimentava uma certa inquietação. Outras vezes, manifestava-se francamente preocupado com o lado mercantil, e discutimos longamente e ansiosamente o modo como se poderia utilizar comercialmente o preparado.

— Será de certo um bom negócio, — dizia Gibberne, — um negócio espantoso. Sei que vou dotar o mundo com uma importante descoberta, e é bem razoável, parece-me, querer que o mundo lhe dê valor. A dignidade da ciência é cousa muito bela, mas creio que devo reservar-me o direito de monopolizar o meu produto durante... dez anos por exemplo. Não vejo por que razão se devam reservar todos os prazeres da vida aos vendedores de porcos.

O interesse que eu ligava à droga esperada não diminuiu de modo algum com o tempo. Uma inexplicável orientação do espírito impeliu-me para a metafísica; sempre me senti atraído para os paradoxos referentes ao tempo e ao espaço, e parecia-me que Gibberne preparava nada menos que a aceleração absoluta da vida. Suponhamos

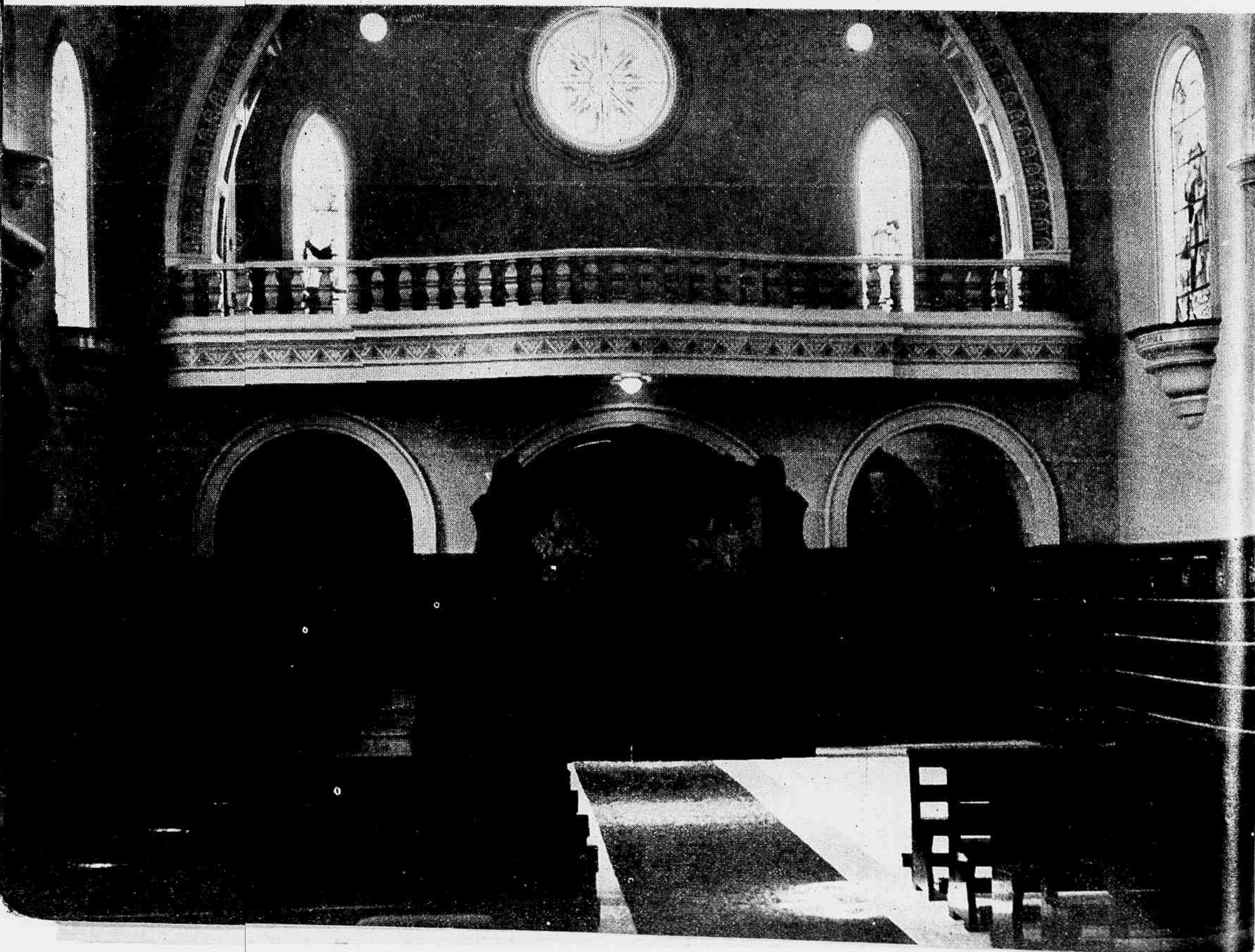
(Continua na pág. 36)

O NOVO ACELERADOR



A IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO, NA VILA MILITAR

Foi solenemente inaugurada no domingo, 22 de setembro, a igreja matriz de São Sebastião, recentemente construída na Vila Militar, e que poderá ser visitada não só pela tropa estacionada naquela base, como por toda a população civil dali e de Deodoro. O ato da inauguração do novo templo, do qual, nesta página, estampamos a fachada e dois aspectos interiores, foi solene e festivo. O templo inaugurado teve sua construção iniciada em 1942, sob os auspícios dos generais Eurico Gaspar Dutra e Renato Paquet, então ministro da Guerra e comandante da Guarnição da Vila Militar e Deodoro, respectivamente. Foi construído pela Prefeitura Militar, na gestão dos prefeitos militares coronéis Abacilio Fulgêncio dos Reis, Raul de Albuquerque e Paulo Mac Cord. Estiveram presentes à cerimônia os representantes do presidente da República e do general Gois Monteiro, os generais Canrobert Pereira da Costa, Zenobio da Costa, Juarez Távora, além de outros oficiais de nossas forças de terra, mar e ar e numerosas famílias. Após o ato inaugural, houve a bênção das imagens, servindo de madrinha a srta. Ilka Paquet de Andrade, sobrinha do general Paquet, substituindo a sra. Carmela Dutra, que, por motivos superiores, não pôde comparecer. A missa solene foi celebrada pelo bispo coadjutor D. Rosalvo Costa Rego.



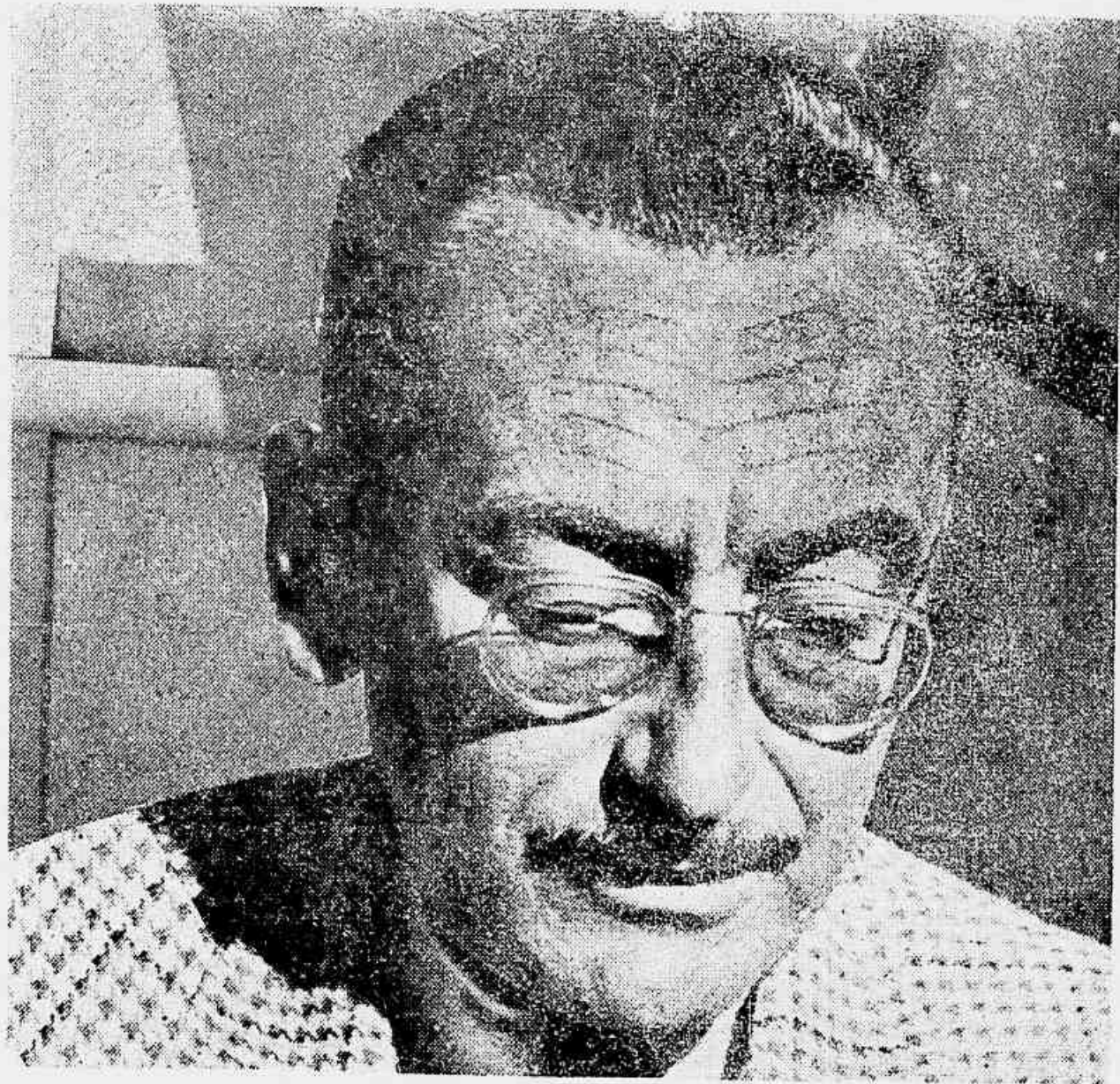


MANUEL VICTOR é um locutor feliz, guiado pelas simpatias dos seus ouvintes à situação de deputado federal, — o que de algum modo deve doer a Cesar Ladeira, que foi um dos candidatos infelizes do Distrito Federal. Manuel Victor fez sua propaganda, como candidato de um dos menores partidos políticos do Brasil, o Partido Democrata Cristão, unicamente através do rádio. Pode-se dizer que sua vitória não foi uma vitória desse partido, mas um triunfo pessoal do "speaker" da "Hora da Ave Maria", que tem, no seu "dossier", nada menos de 40.000 cartas de ouvintes. Nascido em Juiz de Fora, a 25 de Maio de 1898, fez seus estudos no Ginásio do Carmo, dos Irmãos Maristas, e na Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se formou. Mesmo eleito deputado e participando dos trabalhos de elaboração da nova Carta Constitucional, Manuel Victor não se afastou do rádio, continuando a transmitir para sua estação, a Record, de São Paulo, pelo telefone, o programa "Hora da Ave Maria", hoje intitulada "Hora do Pensamento Social Cristão". Além de homem de rádio, Manuel Victor é alto funcionário do Banco do Brasil, de cujos quadros se licenciou, para exercer o mandato de deputado. Foi autor, também, do programa "Serenatas e mantilhas", de evocação do período do romantismo, e declara que detesta visceralmente as novelas de que o nosso rádio anda cheio...

WAHITA BRASIL é uma figura que se vem distinguindo notavelmente no nosso meio radiofônico e que, do rádio, fez uma investida triunfante e espetacular no nosso teatro. Pertencendo ao "cast" permanente da Rádio Globo, Wahita Brasil conseguiu, entretanto, permissão para atuar ao lado de Maria Sampaio, na grande companhia dramática que ora ocupa o teatro Fenix. E conseguiu esta coisa surpreendente, ao desempenhar o papel de Birdie, na peça "Perfidia", de Lillian Hellman: — a unânime consagração da crítica teatral, que a considera uma das maiores revelações dramáticas dos últimos anos. Na verdade, Wahita Brasil é mesmo notável, especialmente na grande cena do terceiro ato. Tendo trabalhado com "Os Comediantes", em "Era uma vez um prisioneiro", a peça de Jean Anouilh, e em "O aventureiro diante da porta", Wahita, ao mesmo tempo, vem se impondo no rádio-teatro, tendo recebido na Rádio Globo a simpática alcunha de "A Princesinha". Wahita Brasil é professora diplomada pelo Instituto de Educação e fez sua iniciação artística como amadora teatral no grupo dirigido por Ernesto Francisconi. Pouco depois de formada, estreou na Rádio Cruzeiro do Sul, como locutora. Depois foi para a Tupi, a convite de Olavo de Barros e, finalmente, para a Rádio Globo, onde, entre outras coisas, interpretou "Pão amargo", de Sílvia Autuori, e "Ternura", de Amaral Gurgel.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA.

Por ARMANDO MIGUEIS

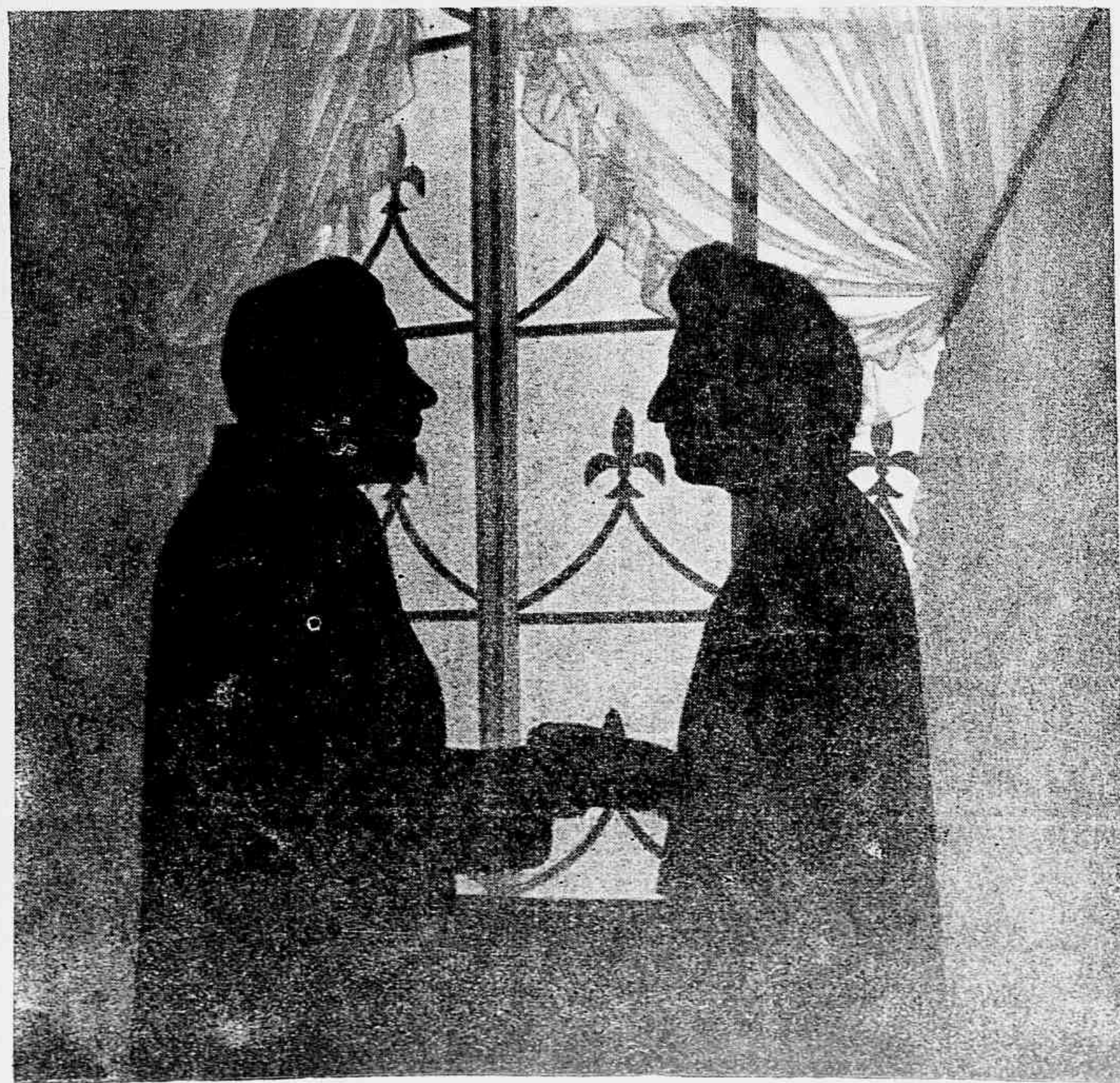


A música norte-americana tem encontrado no rádio carioca vários intérpretes. Uns, bons. Outros horrorosos. Margalô Bruce está entre os primeiros. Muito jovem possuindo uma voz agradável, a exclusiva da Rádio Mayrink Veiga, apesar de ter nascido no Rio, fez sua estréia artística numa "boite" bandeirante, experimentando, desse modo, a reação da platéia que, por sinal, foi a melhor possível. Começou, então, a preocupar-se com o rádio, indo bater à Rádio Record. Esta lhe franqueou seu microfone, uma vez já serem conhecidos seus pendoros para a música americana. E Margalô Bruce, que na realidade se chama é Nair da Silva Pimentel, correspondeu à expectativa dos ouvintes. Não parou, entretanto, nessa estação, porque o Cassino de Guarujá e a PRG-5 reclamavam sua presença para uma temporada. E lá se foi Margalô em busca de novos triunfos, permanecendo em Santos por trinta e seis meses. Dai, saudosa da terra carioca, voltou ao Rio, onde a esperava Ademar Casé, com um vantajoso contrato. Por sua vez Edmar Machado, não querendo perder tão valioso elemento, contratou-a para o "cast" da Rádio Mayrink Veiga. Nair da Silva Pimentel ou melhor, Margalô Bruce, ainda não passou a casa dos vinte anos, tendo diante de si uma carreira futura, uma vez que continue a selecionar seu repertório. Gostando de cinema, prefere os filmes de Bing Crosby, o que não quer dizer que deixe de assistir os de Frank Sinatra. Aprecia as gravações dos grandes "ases" da música americana e é colecionadora de discos. Ouve rádio como qualquer mortal e responde a todas as cartas de seus "fans". Também gosta de receber telefonemas, principalmente quando se trata de um ouvinte que deseja felicitá-la.

ARY EVANGELISTA BARROSO é mineiro de nascimento. Ubá é a sua cidade natal. E, segundo os cálculos, conta ele presentemente quarenta e três anos de idade e treze de atividade radiofônica, uma vez que seu ingresso no "broadcasting" ocorreu em 1933, atendendo a um convite de Renato Murce para atuar na saudosa Rádio Philips. Daí nasceu o gosto pelo microfone e Ary seguiu para São Paulo, onde lançou na Rádio Cosmos, com absoluto sucesso, o programa "Hora H". Esse mesmo cartaz valeu-lhe verdadeiro triunfo aqui na Rádio Cruzeiro do Sul, onde atuou ao lado de Paulo Roberto, Edmundo Maia e outros mais. Foi nessa estação que se tornou locutor-esportivo, transmitindo um disputadíssimo Fla-Flu. E de sua atividade esportiva nasceu a popularidade que desfruta entre os aficionados do futebol, além do interesse da Tupi pelo seu concurso, o qual foi conseguido à custa de elevada cifra, a título de "luvas". Ary Barroso é um compositor de invejáveis recursos. Suas melodias lhe têm proporcionado renome internacional e muito bom dinheiro. Recentemente, uma empresa cinematográfica norte-americana, ofereceu-lhe vantajoso contrato para musicar um dos seus filmes. Walt Disney utilizou "Aquarela do Brasil" num de seus desenhos animados. Pertencendo ao "cast" da Rádio Tupi, no momento Ary comanda os programas esportivos dessa estação, além de dirigir e apresentar "Calouros em desfile", programa domingueiro, e "Colégio musical", alegre e divertido passatempo em que fala de música e de músicos, contando com a colaboração do auditório. Sua atividade no rádio o tem privado de novos contatos com o teatro, para o qual escreveu diversas revistas, como "Vai com fé", "Ai, Teresa" "Dá nela!" e muitas outras. É casado e torcedor do Flamengo.



A esquerda: Procópio Ferreira, no papel de "Ciume". A direita: As gentilezas que Germana e Maurício trocam nos momentos mais ternos são apenas a máscara do verdadeiro sentimento os devota: o ciúme...



"CIUME"

Comédia em três atos de Louis Verneuil, em tradução de Geysa de Boscoli, em cena no Teatro Serrador.

Maurício de Sousa, interpretado por PROCÓPIO FERREIRA

Germana, interpretada por SUZANA NEGRI

Direção de PROCÓPIO FERREIRA

COM a comédia *Ciúme* (Mr. Lamberthier), de Louis Verneuil, fez sua reaparição no Rio a companhia de Procópio Ferreira. Ou, melhor dito, fez sua reaparição o popularíssimo artista, porque a peça, em questão, tem apenas dois personagens: Maurício, por ele interpretado, e a esposa de Maurício, Germana, interpretada por Suzana Negri, que se revelou uma esplêndida comediante em *Fun de Semana* (Week-end) de Noel Coward. Que é *Ciúme*? É um estudo sobre esse sentimento que perturba a alma humana e que Shakespeare chamou de "o monstro das culas verdes". É um estudo que se circunscreve a dois personagens, apenas, mas a peça que é antes de tudo uma revelação dramática, uma experiência

Na penumbra, as três de Maurício e de Germana se tocam. Em cada um deles mora um suspiro, — a suspeita de culpa em si.

Ele interroga... Ela vacila... Ele sabe que ela mente... Mas por que mentiria aquela mulher que jura amá-lo e a quem ele também ama ardentemente?

curiosa, um verdadeiro milagre de técnica teatral. Seu autor, Louis Verneuil, é também um ator. Conhece os segredos da sua profissão em todos os detalhes e em profundidade. O mais curioso de tudo é que há na peça uma outra figura, uma terceira pessoa, que exerce uma influência preponderante em todo o desenrolar da ação, mas essa pessoa permanece ausente da cena: é Mr. Lamberthier, o misterioso milionário, que representa uma ameaça à felicidade conjugal de Maurício e de Germana. É um homem poderoso, cuja influência se faz sentir intensamente, embora o público não trave contacto directo com ele. "Ciúme", sendo uma peça a dois, sendo um diálogo que se desenrola através de três atos, caracteriza-se, entretanto, pela vivacidade, pelo dinamismo da sua ação. Não lhe falta movimento, nem interesse, — e a intriga se desdobra de modo cada vez mais absorvente. Louis Verneuil escreveu "Ciúme" já experimentado em proezas difíceis, como as de escrever "Daniel", para que Sarah Bernhardt, já paralisada, representasse todo o seu papel sentada, e "Joie d'aimer", para justificar a forte prosódia rumática de Elvire Popesco. "Ciúme" foi escrita para André Brulé, na forma em que ora está sendo dada no Teatro Serrador. Mas André Brulé, não querendo dar, na inauguração de uma temporada, uma peça com dois personagens apenas, obrigou o autor a incluir nela mais quatro figuras, puramente acessórias. Entretanto ao serem pedidos os direitos da peça para Berlim, Londres e Nova York, Louis Verneuil enviou aos empresários as duas versões, preferindo todos eles a primeira. Tanto bastou para que, em Paris, o autor a fizesse representar, também, com Henri Rollan no principal papel, obtendo êxito ainda maior do que com André Brulé. Tratando-se de uma peça que repousa numa "trouville", num "mistério", qualquer esforço nosso para resumir-lhe a intriga resultaria em prejuízo do espetáculo e do próprio público.



A esquerda: Germana sente, naquele momento, que Maurício era capaz de matar por ela... A direita: É isto um simples interregno na contenda conjugal, no drama íntimo em que Maurício e Germana se debatem, ou realmente a tempestade passou, de uma vez por todas?





O popular artista Vicente Celestino, autor do argumento do filme e da canção "O Ebrio", acaba de conquistar um autêntico sucesso com essa produção, que só no Rio de Janeiro já produziu renda superior a setecentos mil cruzeiros.

DECADENCIA E RESSURGIMENTO DO CINEMA NACIONAL

Reportagem de **AUGUSTO AGUIAR**

Fotos de **ERNANI CONTURSI**

Há alguns anos atrás, numa rua quieta do bairro de Andaraí, era domingo e meu velho amigo Humberto Mauro me fez uma declaração: "Esse negócio de cinema, no Brasil, é assim mesmo. Temos a arte, mas, falta a indústria. O que fazer? Há a preocupação da americanização e falta material humano. Falta capital, faltam máquinas e até casas exibidoras. Por outro lado, o cinema falado veio matar a nossa indústria nascente". E o cineasta que começou a rodar em

Cataguazes, onde dirigiu a "Brasil Febo Filmes" se encheu de tristezas. Nem mesmo a glória de haver produzido "Ganga Bruta", "Lábios sem beijos" e "Favela dos meus amores" trouxe um sorriso sequer para seu rosto.

A GRANDEZA EFÊMERA DO CINEMA NACIONAL

No tempo do "mudo" o cinema brasileiro teve seus dias de grandeza. Era difícil filmar tanto quanto hoje em dia,

mas a dedicação dos diretores e artistas removia todos os obstáculos. Ainda não se falava em sincronização e Cataguazes era um logarejo mineiro perdido do mundo. Lá nasceu a cinematografia nacional. Lá Humberto Mauro, em companhia de Agenor de Barros, Homero Cortes e Pedro Comelo, fundou a "Febo Brasil Filme S. A." e não construíram estúdios nem deram aulas de arte cinematográfica a nenhum artista. Tudo foi arranjado às pressas; uma máquina velha de filmar

— aliás uma câmera de sessenta metros — uns rolos de filme virgem e 16 contos em dinheiro. Rodou-se, destarte, "Na Primavera da Vida", "Tescuro Perdido", "Braza Dormida" e "Sangue Mineiro". Mas, estranhos apelos fizeram Humberto Mauro deixar Cataguazes. Veio para o Rio. Lutou, lutou muito mesmo. Estava o cinema indígena em pleno climax: "Favela dos meus amores" foi o ponto mais alto que alcançou. Até na Dinamarca — longe como quê! exclamará c

Uma cena de conjunto de "No trampolim da vida", a segunda película de longa metragem da Imperial Filmes, à cuja frente se encontra o experimentado cinematografista Alexandre Wulfes.



homem da rua — foram projetadas as películas aqui produzidas. Depois... Bem, depois veio a decadência e tudo começou com o cinema falado. Não mais puderam os produtores locais fazer face às enormes despesas com um filme. E cinco razões decisivas impuseram a decadência da indústria cinematográfica nacional.

OS LONGOS ANOS DE DECADENCIA

Praticamente, foi em 1930 — quando Getúlio possivelmente já cogitava de lançar o seu Estado Novo — que começaram os 15 longos anos de penúria.

E o porquê dessa decadência me foi explicado por Mauro, numa entrevista publicada há anos passados. E seis pontos principais foram focalizados pelo cineasta. Seis pontos determinando a morte do que nascia com tantas dificuldades. Primeiro: O cinema falado veio abolir a legenda sobreposta, que permitia ao filme nacional ser exibido até na China ou nas Arábias, pois o gasto com as legendas e com novas cópias era francamente diminuto, o que permitia a conquista do mercado externo; segundo: o cinema falado veio obrigar o produtor a rodar dois filmes negativos, exigindo ainda dois grupos: técnico e artístico; terceiro: o cinema falado veio trazer a orquestra como despesa para o estúdio; quarto: no cinema falado a técnica veio obrigar a rodar vinte e quatro quadros por segundo, enquanto no silencioso não passava de 16, o que, aumentando de quase cinquenta por cento a metragem do filme virgem, ocasionou o aumento da despesa com a produção; cinco: no cinema falado mais e mais vezes são repetidas as mesmas cenas, até que haja uma perfeição entre a fotografia e o som; e, sexto: o cinema falado veio aumentar de nada menos de trezentos ou quatrocentos por cento da produção, que se tornou demoradamente pesado para o produtor nacional, o qual, além de tudo, não podia contar com o mercado interno, fraco e sem casas de projeção.

O RESSURGIMENTO

Veio a guerra e a situação ainda mais se complicou. Agora passaram a faltar filme virgem e máquinas. Até mesmo material elétrico. Caiu a descrença sobre o cinema nacional. "No dia em que o Brasil tiver vinte mil casas de projeção terá uma indústria cinematográfica" — vaticinou-se. E os preságios sobre o que se poderia fazer eram os piores possíveis. "Apenas duzentos mil brasileiros vão às casas de diversões". Mas, homens havia que lutavam contra a maré de descrédito. Eram artistas e técnicos que lutavam — com incrível prejuízo econômico — para realizar alguma coisa. E entre eles sobressai Moacir Fenelon. Técnico em som, trabalhava para uma companhia de discos, até que sentiu aquilo comichar por dentro. Haveria de fazer cinema e bom cinema. Ninguém quis acreditar. Não era possível. Apenas dois irmãos — Burle — depositaram inteira confiança no sonhador. E uma companhia foi fundada, precisamente na época em que todas elas viviam em "déficit", produzindo o menos possível, vegetando, até a sombra dos sonhos loucos de Raul Roulien. Contra milhões e contra o marasmo foi travada a luta. Há dois anos atrás precisamente na tarde em que Humberto Mauro se mostrava tão acabrunhado a respeito do futuro de nossa cinematografia, Moacir Fenelon começou a rodar "E' Proibido Sonhar". Depois vieram "Gente Honesta", uma película um pouco fraca. "Vidas Solitárias", já revelando progressos, "Sob a luz do meu bairro", que alcançou inteiro sucesso apesar de algumas falhas decorrentes da falta de aparelhagem técnica e "Fantasma por Ácaso", que recebeu a melhor aceitação do público, na mesma época em que se lançava "O Ébrio". Era o marco anunciando o ressurgimento. E, apesar de toda a campanha que literatoides e pseudos

Cléia Barros, uma pequena que cantava em rádio e cassinos, fez sua estréia como atriz cinematográfica em "Jardim do Pecado" e, em seguida, filmou "No Trampolim da Vida". Foi cobçada pela Archer's Films, de Londres, que lhe ofereceu um "test" para "The end of the river". Mas foi Bibi Ferreira quem conseguiu o papel e já está filmando com Salú, em Santarém. Belém e outras lugares por aí fora.





A esquerda: Estamos assistindo a um ensaio de "Fantasma por acaso", quando, de súbito, Moacir Fenelon parou de gritar. Mary Gonçalves tranquilamente segurou o fone e o operador (Roberto Mirilly) começou a "rodar" e Paulo Machado (assistente) acompanhou gesto por gesto os movimentos de Mary.

A direita: "E' preciso saber beijar". E o diretor, longe das vistas do público, ensina a Mary Gonçalves — incontestavelmente uma das nossas melhores artistas — como se deve beijar: "agora se beija bem" — explica-nos Moacir Fenelon que acrescenta aquele tão seu: "que ninguém é caranguejo para andar para trás..."

donos das verdades cinematográficas fazem contra o que aqui se produz, o sucesso desses dois filmes demonstra claramente que surge uma nova aurora para o cinema brasileiro. As companhias trabalham ativamente. Há uma febre geral, dominando artistas, diretores, produtores e técnicos. A "Cinédia" ativa "Loucos por Música", um título do qual não gostamos, e a "Imperial Filme" já lançou "Jardim do Pecado" e ultima "Trampolim da Vida" que promete ser muito melhor.

Enquanto isso, a Atlântida não descança: José Carlos Burle está dirigindo "Luz de Meus Olhos", com Grande Otelo e Celso Guimarães, "script" de Alinor Azevedo, um jovem de valor e que acredita em nosso cinema:

— A questão é tempo e boa vontade. Esse "tabú" de coisas americanas será vencido aos poucos, dependendo ape-

nas que o povo compreenda o nosso esforço e a nossa arte...

AS DIFICULDADES MATERIAIS

Um clima cinematográfico voltou a se formar no Rio de Janeiro. Wanda Lacerda e Mary Gonçalves impõem-se como nossas melhores "estrelas". Mario Brasin e Milton Carneiro lutam pelo primeiro lugar no estrelato masculino. Moacir Fenelon e Gilda de Abreu constituem um páreo duro para o título de melhor diretor, posto em perigo, agora, pelas atividades de José Carlos Burle, que também deseja mostrar o que pode realizar. Na parte dos comédicos, Oscarito continua na ponta, seguido de poucos corpos por "Grande Otelo". E até Bibi Ferreira deixa o teatro para filmar na Inglaterra, o que nos faz pensar que ela voltará do Brasil cheia de desejos de fazer alguma coisa aqui. Alguma coisa, como por exemplo

filmar.

As dificuldades materiais ainda não deixaram de existir, embora já se possa comprar máquinas e filmes virgens à vontade, o brasileiro continue deixando de se divertir, o mercado interno seja mesquinho e o número de nossas casas de projeção — entre boas, más e péssimas — esteja muito aquém de nossas atuais necessidades. Se há apenas um cinema para atender cada grupo de 32.000 brasileiros, o filme demora mais no cartaz: é o caso de "O Ébrio" e "Fantasma por Acaso".

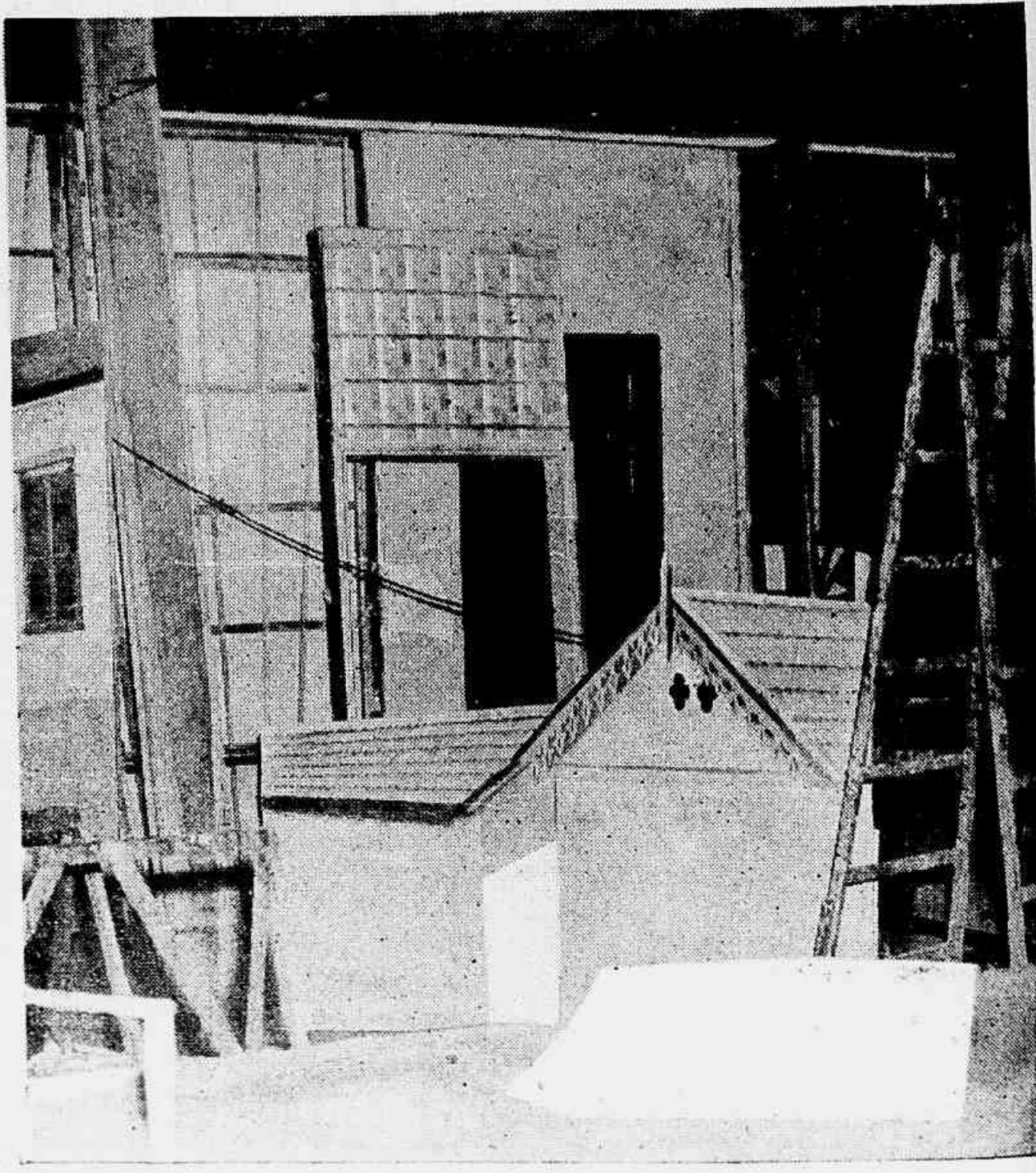
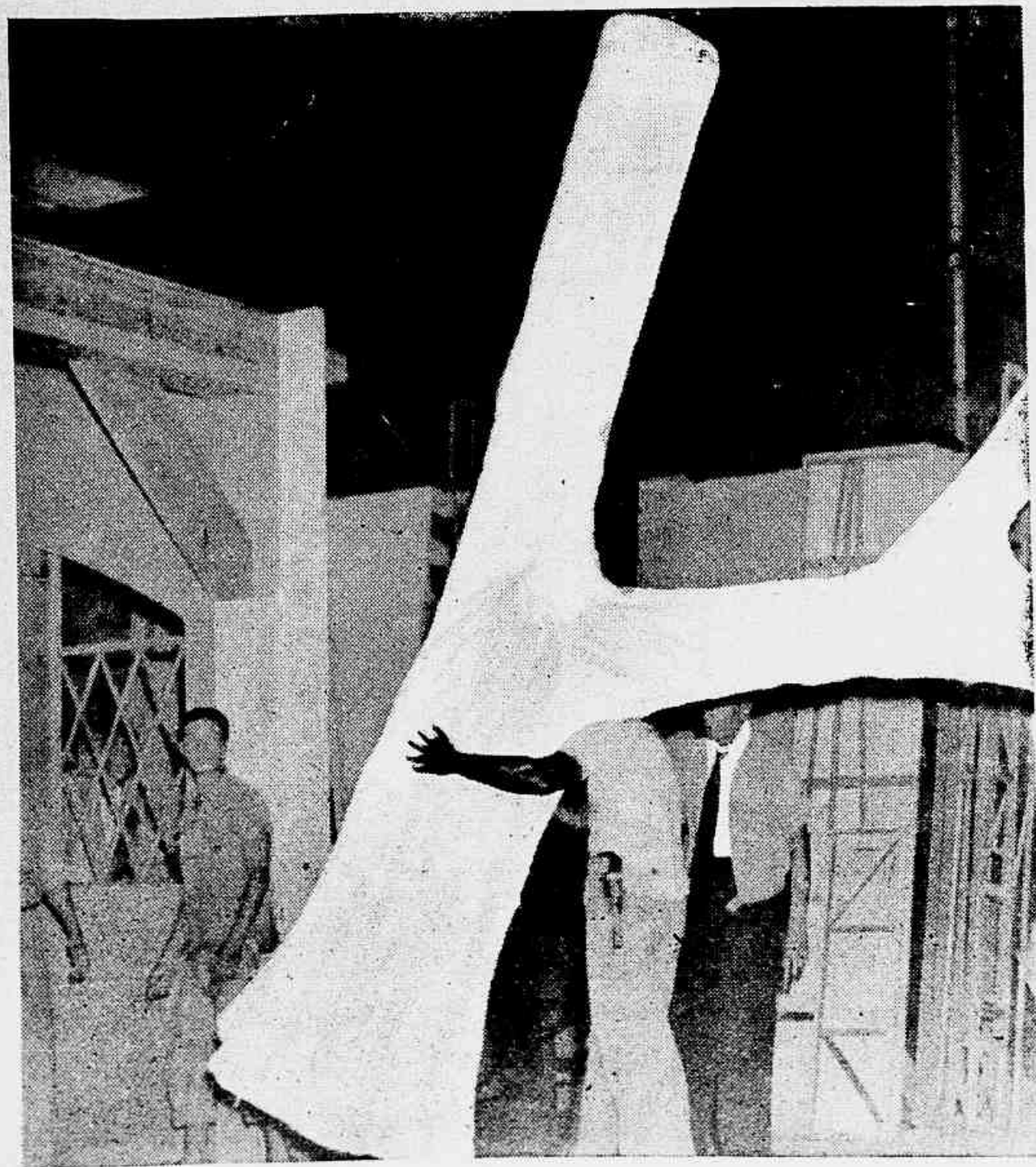
— Mas, independente de tudo — afirma-nos Moacir Fenelon enquanto rodava ainda "Fantasma por Acaso" — vai-se indo para a frente, que ninguém é caranguejo. Hoje em dia, o cinema brasileiro está numa situação como nunca esteve. Há febre de produção e se está produzindo boas coisas. Essa marcha

progressista depende, agora, tão exclusivamente do povo: se nossa cinematografia for prestigiada, como está acontecendo, nós iremos sempre e sempre aumentando não só o número de películas como a qualidade, visto que novos capitais serão invertidos em nossos estúdios. Essa é a verdade: estamos vivendo uma fase de ressurgimento do cinema brasileiro.

E o entusiasmo de Moacir Fenelon nos contagiou ao ponto de deixarmos de escrever uma reportagem acerca de como se faz um filme no Brasil para focalizarmos essas três fases do cinema brasileiro: a grandeza — nos áureos tempos do mudo; a decadência — que, por uma coincidência pitoresca se enquadrou perfeitamente nos quinze anos de ditadura; e o ressurgimento — dependendo uma melhoria de nossas produções apenas do apêlo que o público dispensar aos filmes aqui produzidos.

A esquerda: As árvores caminham pelo estúdio dentro do mundo artificial que Moacir Fenelon criou para "Fantasma por Acaso". Mil e uma dificuldades técnicas surgem diariamente, mas, enquanto isso, os operários trabalham e as árvores mudam de lugar.

A direita: — Depois da filmagem de uma cena — muitas vezes apenas cinco minutos sob os refletores — os cenários ficam à espera da obra demolidora. No cinema brasileiro não há espaço para grandes construções e essas serão aproveitadas — depois de convenientemente desmontadas — na fabricação de novos ambientes.





Em cima : — Num intervalo de filmagem, Wanda Lacerda, Mario Brasini e Luiza Barreto Leite conversam. A respeito de cinema ou de turfe? Ninguém sabe. Mas, o fato é que esses acreditam no nosso cinema e lutam por situá-lo no local que merece. Em baixo : Oscarito Brennier, ou simplesmente, Oscarito, assim como Raimu era só Raimu e Annabella é Annabella "tout court", aí está ao lado de Mary Gonçalves, que também fez "tests" para a Archer's Films, de Londres. Oscarito é um "ás" do teatro de revistas e Mary era uma garota de cassino... Ele surgiu antes com sucesso em "Gente Honesta" e ela em "Vidas Solidárias"...



A CHECOSLOVAQUIA VAI FAZER 28 ANOS



Moças checoslovaquias, em seus garridos trajos nacionais.

NESTE mês de outubro no dia 28, a Checoslováquia, uma das mais novas nações do mundo, completará o seu 28º aniversário. Diziam os nazistas que a Checoslováquia era uma criação artificial, uma república arquitetada num gabinete, gerada no bojo de um tratado, — o de Versalhes. Negando o tratado negavam também à Iugoslávia o direito de viver como nação independente. Mas a verdade é que se houve ato realmente justo e sábio, no conclave de Versalhes, esse ato foi a criação da Checoslováquia e da Iugoslávia, como nações independentes. Durante a grande crise que avassalou a Europa poucos povos lutaram com maior energia e com maior decisão para manter a sua liberdade e a sua soberania. Ambas existiram, de direito e de fato, por unânime consenso de sua população nacional, — e a decisão de Versalhes não importou senão no reconhecimento e no meio de dar forma legal a anseios antigos e legítimos, mantidos por populações que não se confor-

mavam com o seu triste destino, o destino de andarem a reboque de outras nações.

A República da Checoslováquia nasceu da união das províncias históricas do reino da Boêmia, (Boêmia, Morávia, Silésia) com a Slováquia e a Rússia Subcarpática (que formaram parte da Hungria), tem uma superfície de 140.394 km². Isto é, só a metade da superfície do Estado do Rio Grande do Sul, mas, em comparação com os outros 33 Estados europeus, a Checoslováquia ocupa o 14º lugar e não pertence, pois, às nações verdadeiramente pequenas. A Checoslováquia é, por exemplo, quatro vezes maior que a Bélgica, três vezes maior que a Dinamarca ou a Holanda, e tem a mesma superfície da Inglaterra sem a Escócia. Quanto à população, a Checoslováquia, com os seus 15 milhões de habitantes, ocupa o 9º lugar entre as nações européias.

A Checoslováquia conquistou a liberdade a 28 de outubro de 1918, após três séculos de domínio austríaco, pois já existira antes como nação independente, sob o nome de Reino da Boêmia. Desde aquela época, guiada pelo grande presidente T. G. Masaryk até 1937 e, de então por diante, pelo presidente Benes, a Checoslováquia vinha conquistando a gratidão do mundo pelo seu nobre espírito democrático e pelos esforços feitos pelo seu governo em favor do progresso econômico, social e cultural do povo. Na esfera da educação, por exemplo, o governo checoslováquio fez muito. Em 1918, havia ainda (entre pessoas de mais de 10 anos de idade) 2.12% de analfabetos na Boêmia, 2,9% na Morávia, 3,65% na Silésia, 26,8% na Slováquia e 57,6% na Rússia Subcarpática. A alta percentagem nas últimas duas províncias foi devida ao baixo nível da cultura na Hungria. Em 1930, havia apenas 1,24% de analfabetos na Boêmia, 1,49% na Morávia e Silésia, 8,16% na Slováquia e 30,9% na Rússia Subcarpática. A percentagem de analfabetos em toda a República, em 1930, foi de 4%.

Das 24.655 escolas na Checoslováquia, em 1937, eram de grau elementar (ensino primário, pré-primário e post-primário) 20.512; de grau médio (secundário, comercial, in-

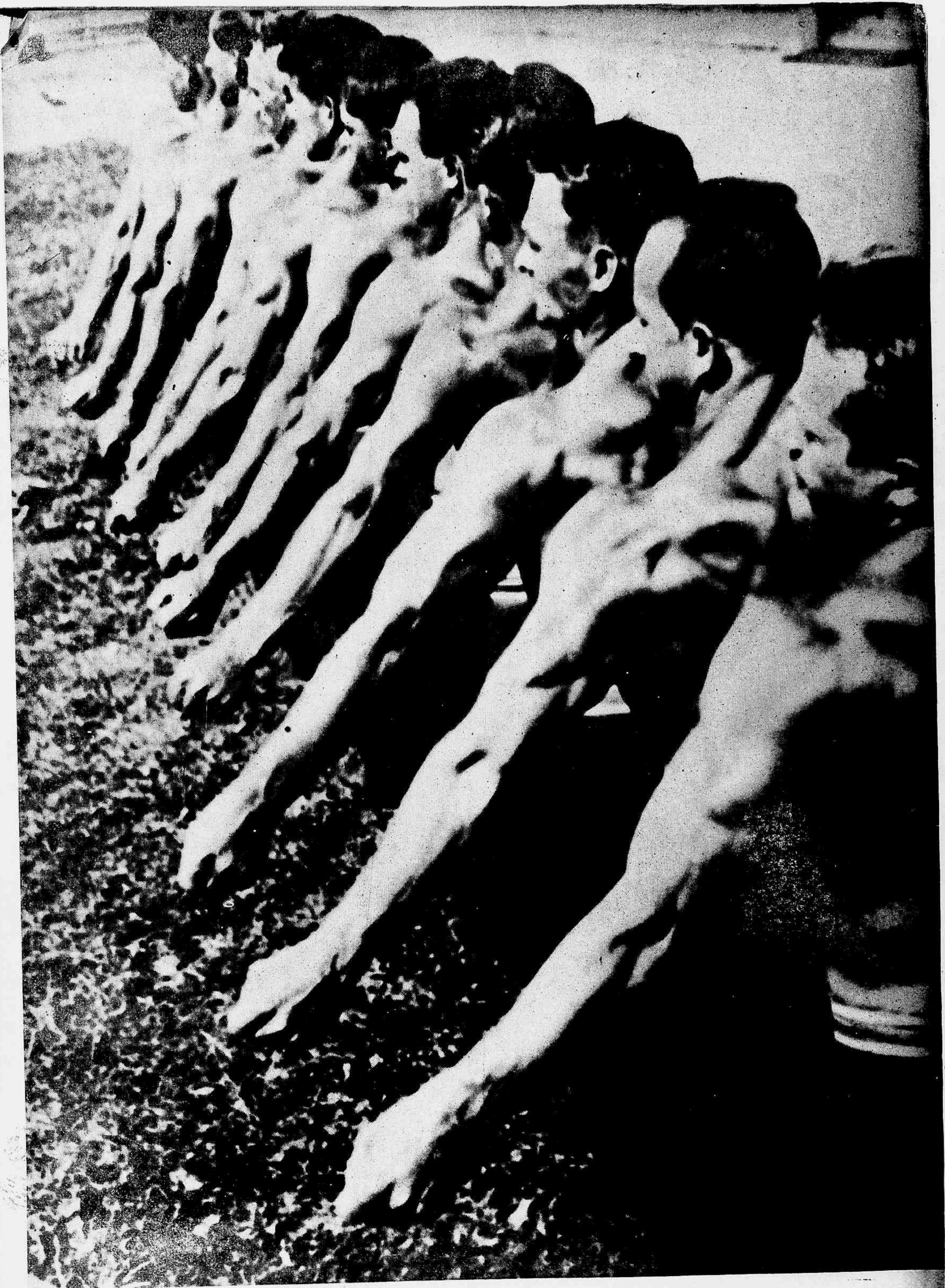
dustrial e profissional) 4.127; e de grau superior 16 (deste número, 4 Universidades e 5 escolas técnicas superiores). As escolas primárias foram frequentadas por 2.188.925 crianças e as escolas secundárias, por 170.638 crianças. Havia ainda 17.000 bibliotecas públicas.

Igualmente interessantes são os resultados obtidos na esfera da política social, seja no que concerne à redistribuição da terra, seja no que diz respeito à proteção dos operários.

A reforma agrária foi uma das primeiras providências tomadas pela nova República e teve por objetivo não só a diminuição da desigualdade entre os proprietários da terra, como também a retificação, pelo menos parcial, da injustiça histórica cometida contra o povo checo pelos Habsburgos e consequente do confisco das terras depois da conquista da Boêmia pela Austria, em 1620. Em 1918, mais de um quarto da terra pertenceu só a 1.000 pessoas. As maiores propriedades rurais estavam nas mãos de algumas famílias aristocráticas austro-alemãs (por exemplo, os Schwarzenbergs e os Liechtensteins). Na Boêmia 43% e na Morávia 50% de todos os fazendeiros possuíam menos de meio hectare cada um. Na Eslováquia, as condições eram ainda piores. O princípio estabelecido pela lei de 19 de abril de 1919, estipulou como propriedade máxima 150 hectares de terra cultivável ou 250 hectares de terra de pastagem ou outra natureza. O excedente seria suscetível de ser desapropriado pelo Estado, que, entretanto, em casos excepcionais, poderia permitir que certas propriedades, caso o interesse nacional exigisse, poderiam ir até 500 hectares. As terras desapropriadas eram distribuídas com os pequenos lavradores, através do Departamento Nacional de Terras. A redistribuição das terras da Checoslováquia foi feita sem abalos nem perturbações econômicas, dentro de um critério justo e equitativo.

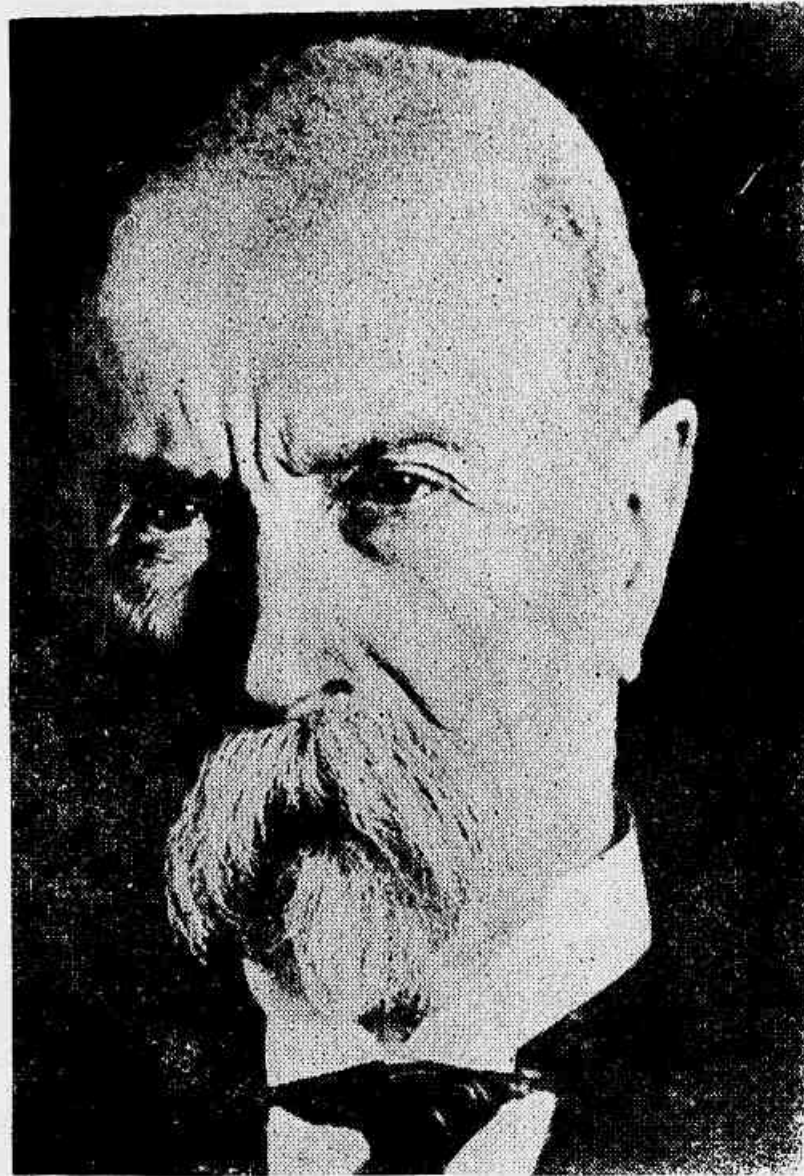
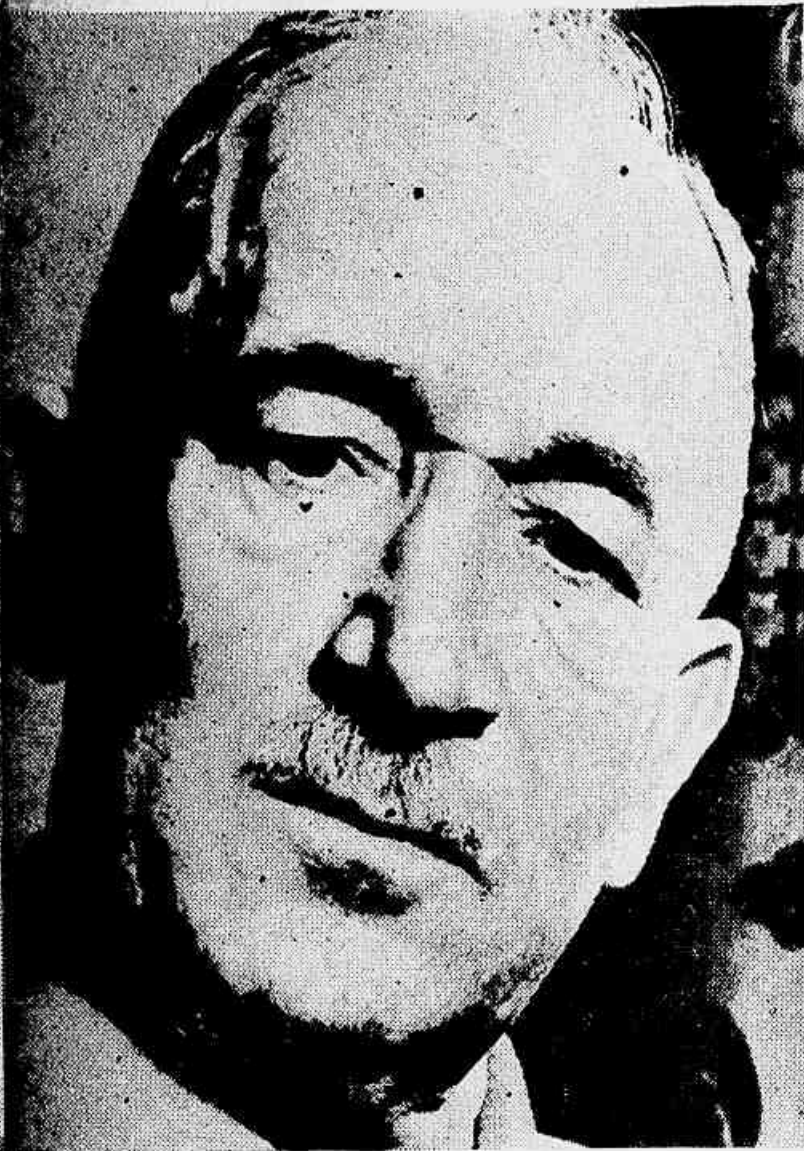
Na esfera da legislação social, pela proteção dos operários e outros empregados de indústria e comércio, a Checoslováquia ficou entre as mais progressistas nações do mundo. Leis foram promulgadas fixando o limite de 48





Ao alto : Os famosos ginastas checos "Sokol", que celebrarão o seu décimo congresso em 1948.

A esquerda : Aspecto de Praga, a linda capital da Checoslováquia, vendo-se o castelo e a catedral de St. Vit, que datam do século XIII.



Da esquerda para a direita : O presidente da Checoslováquia, o grande democrata Eduardo Bénès. O presidente Masaryk, que os checoslováquios chamam "o libertador" (falecido em 1937). O presidente Bénès e o chanceler Jan Masaryk, discutindo problemas do Estado, ao lado de um busto do "libertador".

horas de trabalho por semana e proibindo o emprego de crianças de menos de 14 anos de idade. Trabalho definido como árduo ficou proibido aos moços abaixo de 16 e às moças abaixo de 18 anos. Havia ainda um extenso sistema de seguros contra acidentes, contra doenças, de aposentadoria para velhice e de proteção aos mineiros. Mais de 300.000 pessoas foram seguradas contra doenças; 600.000 para velhice; 2.000.000 contra acidentes e 40.000 contra acidentes nas minas. Havia ainda seguros para empregados no comércio, para funcionários e empregados públicos, para jornalistas, etc.

Assim é que estava organizada, modeladamente, em

normas verdadeiramente democráticas, a pequena nação centro-européia, que foi das que mais sofreram, durante a guerra, a brutalidade nazista. Basta a evocação de um simples nome, o de Lidice, para evocar todo um pavoroso massacre, que encheu o mundo inteiro de horror.

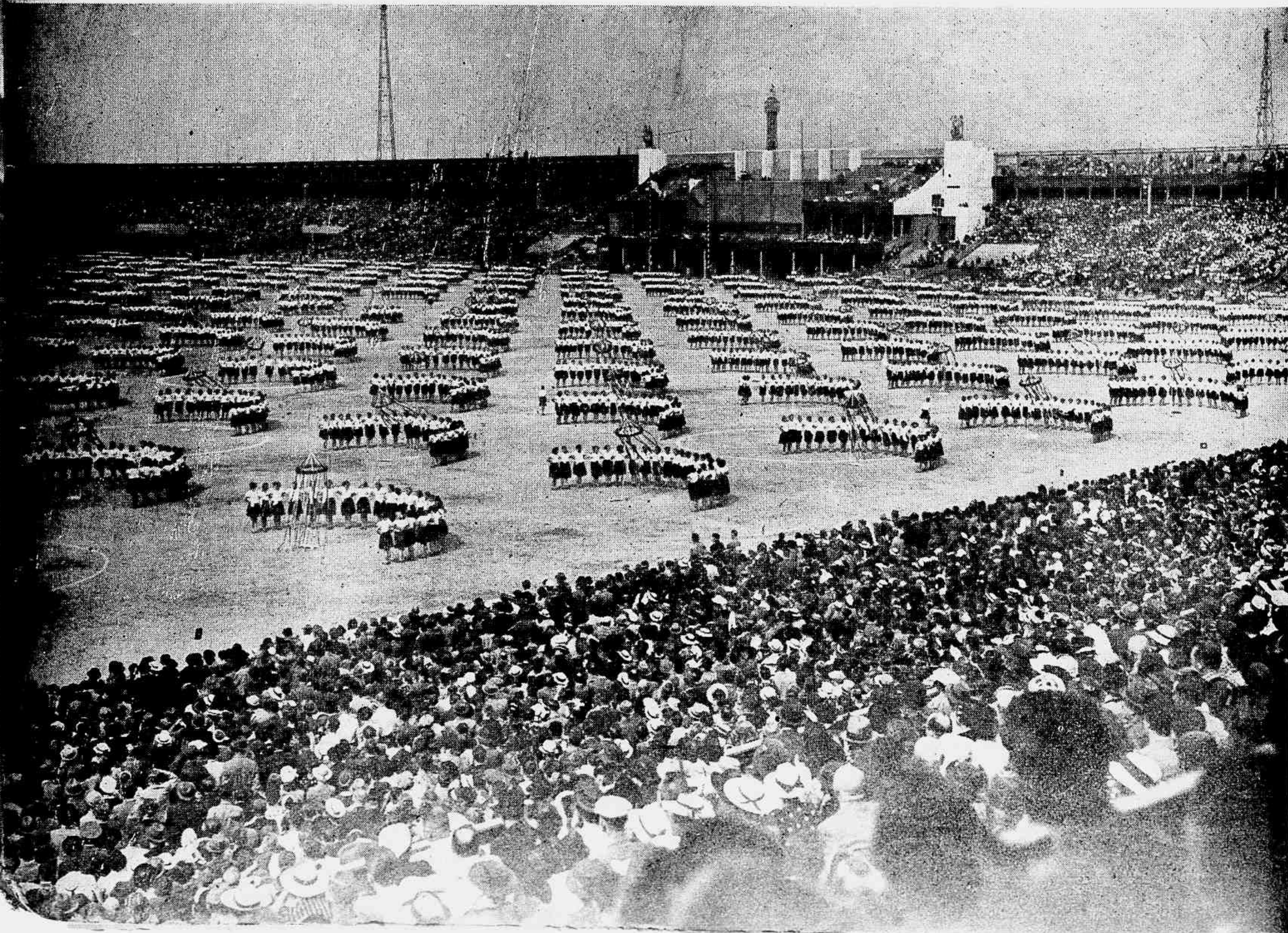
*

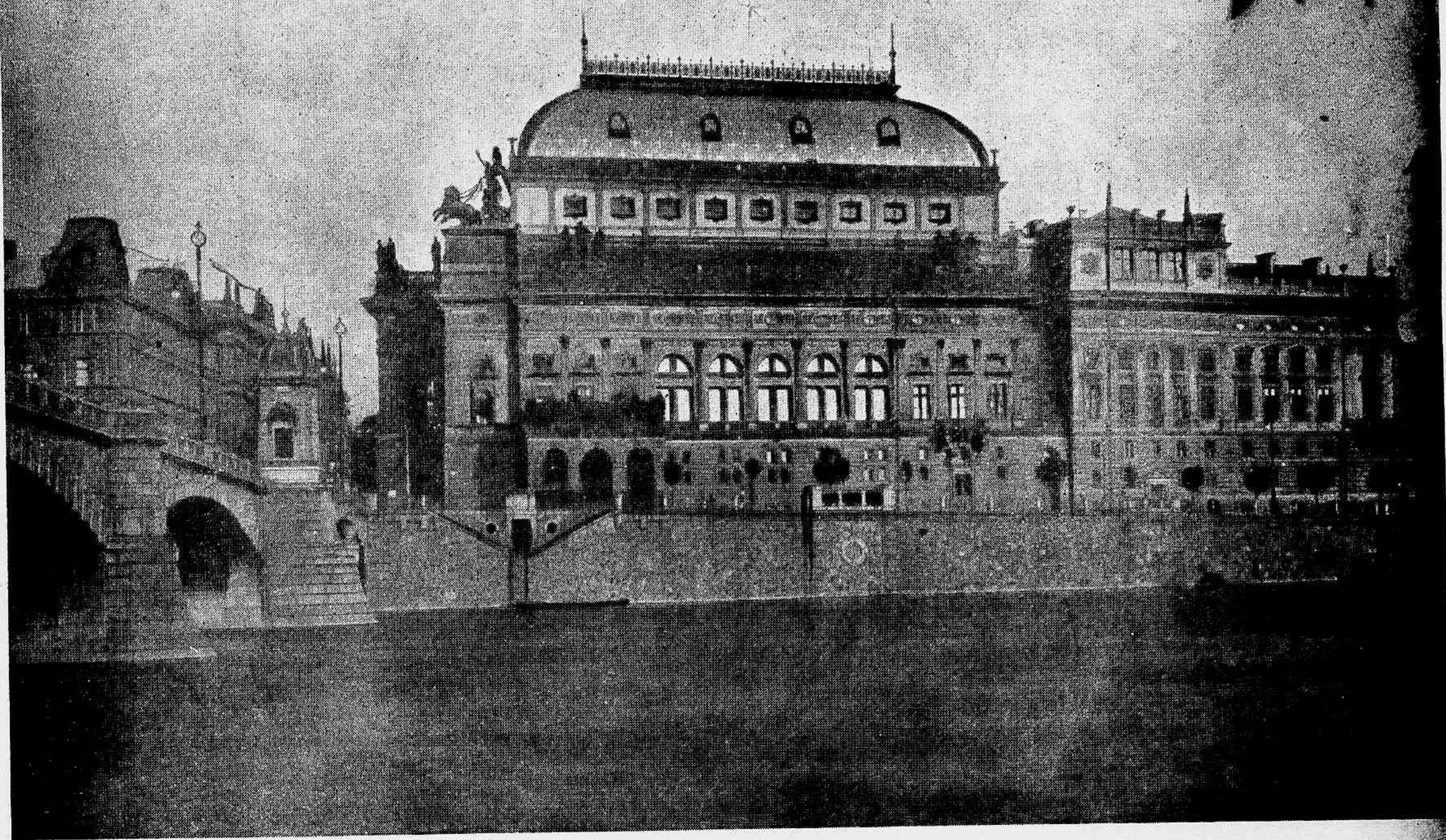
O interesse do mundo pela Checoslováquia de hoje é, sem dúvida, muito grande. Toda gente decerto quer

Aspecto de um festival esportivo checoslováquio.

saber o que se passa, hoje em dia, na heróica nação que os nazistas tanto espesinharam. Um jornalista francês, Fred Roll, a serviço do magazine "Le Monde Illustré", visitou recentemente a Checoslováquia, que se reanima e ressurgue dos escombros da guerra. Esse jornalista francês chamou-a de ilha de sabedoria na Europa atormentada. Uma das coisas que esse jornalista conta sobre a Checoslováquia é que a terra de Bénès não é uma nação ocupada. E acrescenta:

"Os exércitos de ocupação, americanos e russos, deixaram a Checoslováquia em novembro do ano passado. Mas nem por isso Praga perdeu o seu caráter de peque-





O Teatro Nacional de Praga, um monumento de grandes tradições, onde as peças de Karel e Joseph Capek conquistaram êxitos notáveis.

na Babel da Europa central. Os uniformes de uma infinidade de nações se acotovelam nas suas ruas e praças: membros de missões de socorros suíças, suécas, dinamarquesas, holandesas, oficiais de minúsculas mas numerosas comissões militares, o pessoal das legações, todo o mundo se encontra nas ruas, senta-se nas mesmas mesas do Hotel Ambassador, do Hotel dos Estrangeiros, ou vai ao Narodni Club ou ao Circulo Militar Checo. Mas são sobretudo os uniformes aliados que povoam as ruas de Praga. Russos de grandes passadeiras douradas, americanos mascando chicles, britânicos de atitude calma e fleugmática, — e até mesmo um pequeno grupo de estudantes franceses de engenharia podem ser vistos nas ruas de Praga, recebendo os sorrisos que as jovens da cidade lhes prodigalizam. Os checos estimam os ingleses, que, em Londres, ofereceram generosa hospitalidade ao seu governo exilado. Mas existe hoje a suspeita de que os ingleses estejam agora encorajando um certo general Lev Prchala, que, de Londres, tece os pausinhos em favor dos grupos reacionários. Os checos são reconhecidos aos norte-americanos, pelas atividades da UNRA, cujas caixas de comidas se acham empilhadas geometricamente em todos os estabelecimentos de Praga. Contudo, houve uma pequena nuvem... Uma coluna militar norte-americana, composta de alguns veículos rápidos, fez em território checo uma expedição, apoderando-se, não longe de Praga, de vários volumes de documentos da mais alta importância. Todas as desculpas foram apresentadas, é claro. E os volumes foram restituídos. "O continente, não o conteúdo", disse um deputado checo em sessão, do Parlamento. Mas, se respeitam os ingleses e são gratos à ajuda da UNRA, os checos também admiram e estimam sem restrições os russos. Mais do que aos nossos aliados ocidentais, os checos são reconhecidos aos russos, seus irmãos eslavos, que, no momento crítico, fizeram regressar seus "tanks" de Berlim, em socorro de Praga, cercada pelas Tropas de Assalto Nazistas e onde os patriotas tentavam fazer, pela sua capital, o mesmo que os franceses tinham feito em favor de Paris. Em todas as mesas e gabinetes, existem os retratos do marechal Stalin e do presidente Bénéš sorrindo um para o outro. Por vezes, a figura do presidente Masaryk,

o Nestor da República Checoslováquia, completa o trio. Agora, que os húngaros e os vienenses tremem ainda ao contacto dos ocupantes soviéticos, os checos evocam com prazer a permanência dos soldados russos em Praga. E adiante, diz o jornalista francês: "É um fato: a Checoslováquia não é uma nação ocupada, — é um Estado soberano e em pleno exercício dos seus poderes políticos. Como antes da guerra, no plano interno, os seus partidos políticos estão estreitamente ligados em torno da figura do presidente Bénéš. A tradição de coalisção governamental de antes da guerra foi renovada. Mas a coalisção não repousa senão nos partidos que não cooperaram com o invasor germânico: — quatro dos partidos checos: o partido popular (católico), os socialistas, os sociais-democratas e os comunistas, e dois dos partidos eslovacos, os democratas e os comunistas. Neste momento, a representação eslováquia é relativamente pequena e, por isso, dois novos partidos estão sendo criados em Bratislava, o Trabalhista e o Partido Social Cristão. Os antigos partidos da direita desapareceram, não por exigência da Rússia, — como frisam em Praga, — mas porque haviam namorado escandalosamente com o nazismo".

★

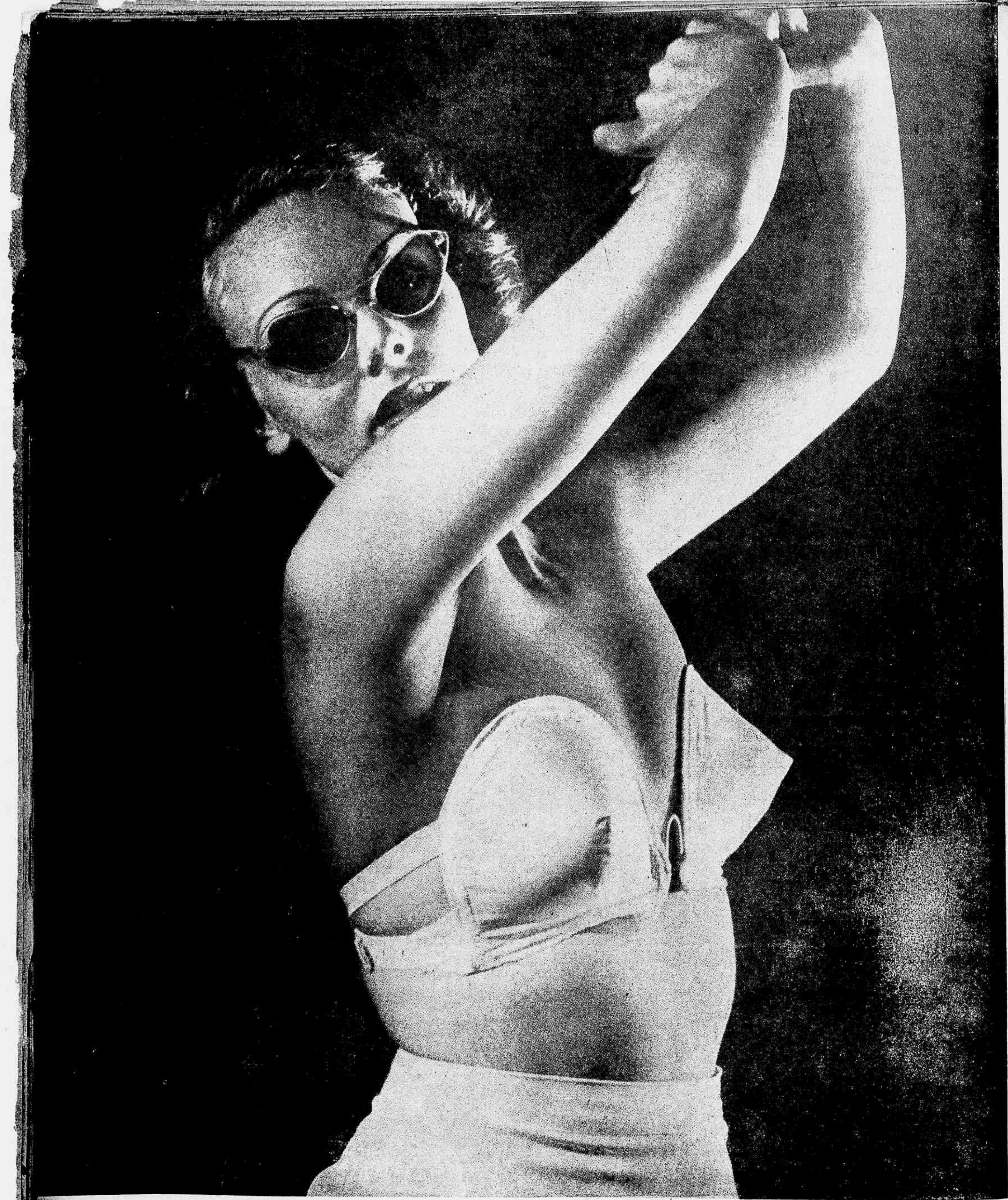
Fred Roll, na sua reportagem, fala-nos igualmente do estado de espirito dos checoslovacos em relação aos alemães, que foram responsáveis por tantos crimes contra aquela república eslava, inclusive o tremendo crime de Lidice. E declara:

"A animosidade dos checoslovacos para com os alemães que ainda habitam no seu solo atualmente perde a virulência dos primeiros dias que se seguiram à libertação. É verdade que, em Praga, as reações alimentares dos alemães são ligeiramente inferiores às do resto da população. Mas os nazistas não agiram do mesmo modo para com os checoslovacos? É igualmente verdade que as expulsões dos primeiros alemães sudetos para fora das fronteiras da nova Checoslováquia foram feitas com certa precipitação, num atabalhoamento tal que muitos não tiveram a possibilidade de levar com eles meios de subsistência e morreram de fome durante a remoção. Mas,

presentemente, segundo informações que obtive em Praga, essas transferências continuam a se efetuar, mas com toda a justiça e humanidade, cercadas das providências que normalmente devem cercar esses movimentos de população. Os checoslovacos não querem conquistar para a sua nacionalidade uma legenda de brutalidade igual à que conquistaram os nazistas. Além do mais, a própria expulsão obedece a prazos previamente marcados. Ninguém ignora que os alemães sudetos tinham ido a Londres, com seu pequeno "Fuehrer" Henlein à frente, advogar sua causa, isto é, que fosse aberta a Checoslováquia ao grande "Fuehrer" alemão, Adolf Hitler. "Expulsemos ao grande "Fuehrer" alemão, Adolf Hitler. "Expulsemos aconselhou o sentimento nacional da Checoslováquia. Mas como dois e meio milhões de trabalhadores não podem ser facilmente substituídos, os checoslovacos estão procurando obter mão de obra em outros países estrangeiros, afim de substituí-los sem prejuízo. Como muitos dos alemães sudetos são especializados, de difícil substituição nas indústrias, o próprio presidente Bénéš ordenou que fosse feita uma exceção em favor de 200.000 deles.

Uma das consequências da dominação nazista na Checoslováquia foi a revogação da sábia política agrária de Masaryk e de Bénéš. Só tinha direito a possuir terras quem fosse simpático aos alemães. Com a restauração democrática, as propriedades confiscadas aos alemães, húngaros e grandes proprietários checos que haviam tirado vantagens da ocupação germânica foram redistribuídas aos camponeses, parceladamente, já agora não podendo caber a cada beneficiário mais de treze hectares.

O mercado negro vai, aos poucos, desaparecendo, — e com o racionamento rigoroso do fumo, os cigarros deixaram de custar 14 coroas para custar apenas 4. A vida intelectual recomeçou. Há conferências em francês sobre existencialismo, representa-se a "Antígona" de Jean Anouilh em Praga (e a crítica acha a peça meio-faceta...), e organizam-se de novo os festivais internacionais de música. Abrem-se exposições de pintura surrealista. A literatura e a música alemã estão boicotadas, — mesmo a música de Beethoven, porque os nazistas tinham o mau gosto de misturar as páginas do gênio de Bonn com as notícias de suas efêmeras vitórias militares. E, assim, nesse ambiente de reconstrução, animada por novas esperanças, é que a Checoslováquia está caminhando para a comemoração do seu 28º aniversário.



Para as atividades esportivas, os "soutiens" sem alças dão mais liberdade às mulheres. Mesmo nessas ocasiões, aquela peça de vestuário desafia a lei da gravidade.

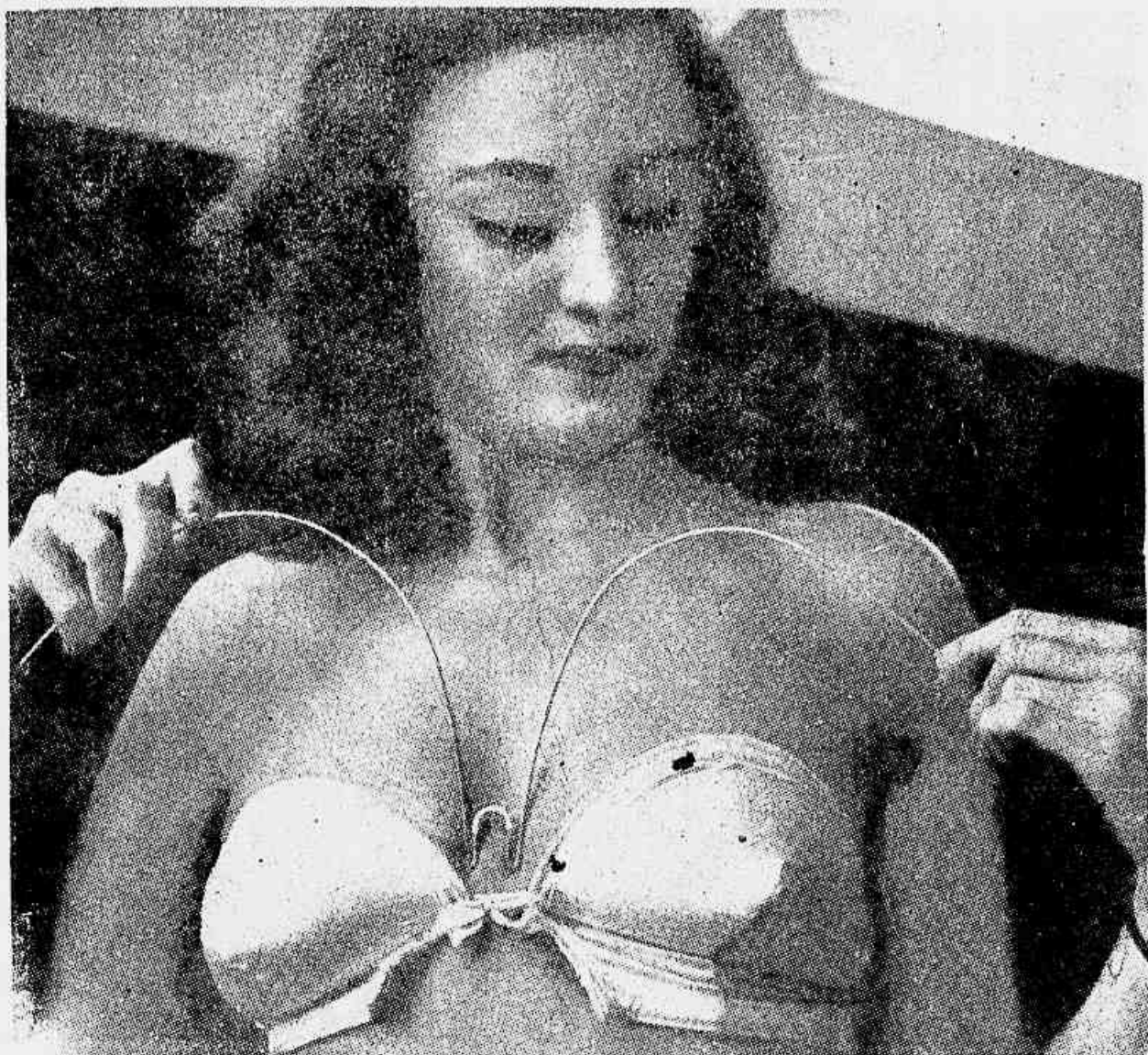
'SOUTIENS' DA ERA ATOMICA

Lançado nos Estados Unidos um novo tipo, que dispensa as alças e favorece os vestidos de noite

As revistas americanas acabam de apresentar os novos tipos de "soutiens-gorges" ou, melhor de "brasieres" (diga braçirís), que é a palavra usada em inglês para caracterizar aquela peça do vestuário íntimo das senhoras. E os apresentam como uma nova maravilha do engenho criador dos seus grandes costureiros. Como é suprida a ausência das alças, que tanto vem beneficiar a elegância feminina, favorecendo sobretudo os vestidos de baile, os gerol decotados? Por meio de um

ângulo gramê que faz um arco sobre cada lado dos "soutiens". Esse arco dá a essas peças do vestuário a capacidade de resistência necessária para fixá-las no lugar exato, mesmo durante atividades esportivas que exigem movimento e dispêndio de energia muscular. Isso não quer dizer que os "soutiens" sem alças tenham desaparecido inteiramente do mercado norte-americano. Os desajustes continuam a ser utilizados mas também levados em

mes para serem melhor compostos. Entretanto a grande moda é a dos "soutiens" sem alças porque os vestidos decotados estão cada vez mais em moda. Segundo a revista "Life", que teve a primazia da divulgação da interessante inovação, esses novos "soutiens" custarão com cravetes o par e a indústria empenhada em fabricá-los espera vender nada menos de cem milhões de unidades de "soutiens" — ou dos milhões de dólares — em apenas um ano de vigência da nova moda.



A estrutura de arame, colocada internamente, sob a forma de arcos, é como que os vãos de uma ponte plantados em terreno firme...



Jack Glick, um desenhista de "soutiens" da Alene Bras, criadora da novidade, experimenta um tipo com alças num dos seus modelos.



Experimentando um "soutien" nº 31. Alguns podem ser alcochoados, para as elegantes que tiverem as formas racionadas.



Ao alto : Um "soutien" eclético, — com alças e arame; mas não é arame farpado, nem eletrificado. Em baixo: O "soutien" sem alças, para usar com vestidos de baile. O fabricante anuncia três tipos : tipo "sweater", tipo concha e tipo pontudo também conhecido como Ubangi. Com cruzeiros é o preço dessa nova maravilha no mercado norte-americano.



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

OBRAS COMPLETAS, de A. Austregesilo, da Academia Brasileira de Letras — Editora Guanabara — Rio de Janeiro, 1946.

Entram no presente volume, o quinto da série, duas das mais famosas obras do insigne psiquiatra — homem de letras A. Austregesilo: *A cura dos nervos* e *O mal da vida*. Ambos estes livros contavam numerosas edições. E o grande êxito quantitativo que obtiveram — sem já falar do científico — resultou da sua utilidade no sentido geral, isto é: para toda a gente.

Compêndios de alto saber, não se destinam eles apenas aos que estudam ou ensinam a medicina dos nervos e do pensamento. Oferecem a sua lição magnífica a quantos dela precisem e, nestes tempos, bem se pode dizer, a qualquer de nós. Na vida que estamos levando, tumultuosa e precipitada, variável de um momento para o outro, indetecável a ponto de não osarmos prever o que será o dia de amanhã, quem poderá afirmar que traz as idéias e as emoções em serenidade e equilíbrio perfeitos? Uns mais outros menos, e muitos sem que, rigorosamente ou por enquanto não tem isso, todos sofremos o mal da época: a constante ansiedade. Os mais resistentes, se bem se examinarem, concluirão que lhes falta a noção da segurança moral, da confiança em si mesmos, entre as incertezas e ameaças que os rodeiam. Não cabe, está claro, no saber dos especialistas nem no melhor esforço da sua vontade, suprimir literalmente os perigos, distantes ainda ou já iminentes, que nos esperem pelo caminho. O seu papel, que nem por isso deixa de ser providencial, consiste em nos preparar contra os espantinhos que a nossa imaginação, sob a influência da fase que estamos atravessados, fatalmente exagera e pode multiplicar até à desesperadora monstruosidade.

Assim os livros do grande psicólogo, o mestre de almas que é o Sr. Austregesilo nos instruem e orientam para nos não deixarmos vencer nem pelos fantasmas que inventamos nem pelos aspectos cruéis da realidade. A sua linguagem, sempre clara e íntima, exerce o condão de nos penetrar, não do otimismo, que, pelo efeito excessivo da cura, poderia acabar sendo outra moléstia, mas de qualquer coisa comparável a uma compreensão nova e uma nova sensibilidade que, essas sim, nos poderão salvar. Não tem conta, e qualquer de nós as encontrará entre as suas relações as vítimas da neurastenia, a quem a leitura meditativa dos capítulos do *Mal da vida* conduziu às condições morais da constituição humana, restituindo-lhes as possibilidades de reflexão e de acção que lhes haviam fugido. Por esta influência que, sem exagero, os leitores referidos qualificam de milagrosa, as obras do Sr. Austregesilo excedem os de categoria didática e o caráter instrutivo; acodem, por si mesmas, aos casos que as reclamam. São, elas próprias, um médico dos mais adequados e necessários, sempre pronto a atender-nos e — para além do preço da livraria — de graça.

Do presente volume consta ainda uma série de trabalhos a que o autor, em vista da condição avulsa ou fragmentada, chamou *Frustos*. São estudos de crítica, reminiscências do mundo das letras, pequenas dissertações científicas a propósito de livros, e uma conferência excelentemente organizada e desenvolvida a primor: *Psicologia da Saudade*.

* * *

EÇA DE QUEIRÓS e OS SEUS ÚLTIMOS VALORES, estudo crítico por Feliciano Ramos — Edição da revista "Ocidente" — Lisboa, 1946.

"Os escritores que, na evolução das literaturas, nos aparecem com vincada personalidade, constituíram a sua obra à volta de uma série, permanente ou variável, de valores. A análise e a descoberta desses valores obriga-nos a penetrar no ambiente mental e estético da época, aproxima-nos dos problemas de moral e metafísica. E' por isso que a história da literatura verdadeira, aquela que se ocupa do conteúdo, das grandes obras, é inseparável da história das idéias. Compreende-se então que a explicação e a compreensão da obra de Eça de Queirós se não possam efetuar com veracidade,

sem se integrar o escritor no clima mental do seu tempo, nos ambientes que, no decurso da vida, lhe modelaram a personalidade.

Assim começa o primeiro capítulo: "Causa duma transformação mental". E a seguir, adverte o autor que não cuidará por completo da trajetória estética que se inicia nas depois chamadas *Prosas bárbaras* e vem até as *Últimas páginas*. Uma das bases deste estudo é a condição moral de ser "Eça, pessoalmente, um homem com nobreza e dignidade de caráter". Daí resultam aspectos de concepção e processos de realização que a certos comentaristas superficiais poderão passar despercebidos e que outros, de caso pensado, sistematicamente, hão de afastar da sua linha de exposição. O Sr. Feliciano Ramos, no nobre empenho de acertar e com exemplar lealdade, procura ir aos fundos das causas e de lá se encaminhar para a verdade pura. Obcecando assim ao seu programa e depois de referências necessárias ao *Crime do Padre Amaro*, *Primo Basílio*, *Maias*, *Relíquias*, aborda, como "mensagem intelectual", a *Correspondência de Fradique Mendes*, onde aquele espírito peregrino tanto deixou da sua energia, ativez e luminosidade. Trata da significação histórica e literária da *Última Casa de Ramires*. Considera especialmente, nas *Últimas páginas*, a *Vida de São Cristóvão*. E com a *Cidade e as serras* e os *Contos* completa a sua digressão pela derradeira fase da singular e resplandecente individualidade criadora duma obra à par na língua portuguesa e em toda a literatura.

Bom livro, o do Sr. Feliciano Ramos, pelas qualidades de cultura, investigação, prestígio apreciativo e também pela mais que evidente sinceridade.

* * *

ALÉM DA FRONTEIRA DA VIDA, novela de Luiz Flávio de Faro — Livraria Agir editora — Rio de Janeiro, 1946.

A primeira impressão que se tem deste livro aproxima-o do *Mandarin* de Eça de Queirós. Entra em cena, não representado a caráter mas simplesmente à paisana, o personagem Diabo, a quem se atribui o mister de engodar as criaturas mais ou menos ambiciosas, a fim de as conquistar para a eterna maldição. Logo, porém, o objectivo mefistofélico se revela o outro e a narrativa se afasta por completo do conto de português Teodoro e do chinês T'Chen-Fu. É o caso de um jornalista que visita o inferno. Eduardo Luiz da Cunha, Edú na minúscula, o "principal protagonista" destas aventuras atrevessa um enredo em que o fantástico e o real se revezam, quando não chegam a empalmar-se e a caminhar juntos, como se nunca tivessem feito outra coisa. O Tinhoso, aqui, é principalmente um sujeito de espírito. Comenta, metendo-as a ridículo as tradições da sua influência à superfície da Terra e da sua administração nas profundas do Inferno. Já em ambas as coisas introduziu reformas no seu tido da inteligência, do gosto e daquilo que deve ser, hoje em dia, a compreensão da vida e da morte. E é assim orientado que Edú vai fazer uma espécie de alta reportagem, que será um tratado de filosofia e uma obra de arte. Quanto à chamada perdição da alma, nada a temer. O Demônio visa apenas uma publicidade moral. E o seu pupilo visita as indagações e todo o funcionamento do Averno, sem maior tano para o corpo nem para o espírito e ao contrário: obendo os meios por que se tornará um cidadão considerável e um homem feliz.

A novela vai a nada menos de duzentas e cinquenta páginas. Não lhe faltam conceitos brilhantes nem alusões felizes à gente e às coisas desta época que, realmente, tanto se presta à tragédia quanto à caricatura. E, apesar de algumas impropriedades de expressão, que parecem indicar um escritor moço, ainda por completar, a linha, o corte literário se nos depara com basta te independência e já certa superioridade.

O novo acelerador

(Continuação da pág. 19)

um homem absorvendo repetidas doses de semelhante preparado: é fora de dúvida que ele viveria uma vida ativa e única, mas seria adulto aos onze anos, de idade madura aos vinte e cinco, e quando chegasse aos trinta estaria a caminho da decrepitude senil. Até aqui eu imaginava que Gibberne ia tornar possível, para aqueles que usassem da sua droga, o que a natureza faz com os Judeus e Orientais que, homens aos quinze anos e anciãos aos cinquenta, são, de um modo permanente, mais prontos de pensamento e de ação de que nós. Sempre me maravilharam as drogas misteriosas: elas enlouquecem um homem, acalman-no, tornam-no descomunamente forte e lépido, fazem dele um andrajado impotente, ativam tal paixão e moderam tal outra; e eis senão quando um novo milagre ia ser adicionado ao arsenal de filtros de que já dispõem os médicos. Mas Gibberne estava por demais absorvido pelos detalhes técnicos para adotar com ardor o meu ponto de vista.

Foi a 7 ou 8 de Agosto que ele me anunciou que a distilação, de que dependia a sua derrota ou o seu êxito, estava em andamento enquanto nós conversávamos, e foi a 10 que ele me confiou que a operação estava terminada e que o Novo Acelerador se havia tornado uma realidade tangível. Avisei Gibberne ao longe, quando ia subindo a costa de Sandgate, em direção a Folkestone, — creio que ia cortar o cabelo; ele corria pressurosamente à minha procura e teria ido até minha casa para me dar parte do sucedido. Lembro-me de que seus olhos brilhavam des-

mensuradamente e até mesmo lhe notei o andar alegremente precipitado.

— Está feito! — gritava ele agarrando-me na mão e falando com volubildade. — Está mais que feito! Venha até minha casa e verá.

— Devéras?

— Devéras! E' incrível! Venha ver!

— E o efeito produzido... duplicado?

— Muito mais... Muito mais do que isso! Aquilo é de transtornar! Venha ver o elixir! Venha experimentar! Prová-lo! E' a droga mais assombrosa!...

Ele agarrou-me pelo braço e principiou a andar com tal velocidade que fui obrigado a galopar. E assim escalou a colina clamando frases incoerentes. Uma quantidade de excursionistas que enchiam um "char à bancs" principiam a olhar-nos boquiabertos, como costumam fazer as pessoas que esse veículos transportam. Fazia um desses dias claros e quentes, como se vêm tantos em Folkestone; todas as cores apresentavam-se incomparavelmente nítidas e os contornos asperamente recortados. Soprava uma branda aragem, naturalmente, mas não bastante para me refrescar em tais condições. Eu resfolegava pedindo misericórdia.

— Não estou andando muito depressa, não é verdade? — inquiriu Gibberne, e retardou o passo que entretanto continuou muito rápido.

— Já provou o elixir? — artiguei com muito custo.

— Não! Quando muito, uma gota de água que ficou dentro de uma vasilha que eu tinha lavado para eliminar qualquer vestígio da droga... Ainda assim, tomei-a ontem à noite. Mas, presentemente, isso já é história antiga.

— E o efeito é duplicado? — perguntei aproximando-

me do limiar da porta, em lastimável estado de transpiração.

— O efeito?... A atividade vital é acelerada um milhar de vezes, vários milhares de vezes! — bradou Gibberne com um gesto dramático, abrindo violentamente a porta do velho carvalho esculpido.

— Oh! Oh! — exclamei seguindo-o.

— Nem sei mesmo quantas vezes. — dizia o inventor, com a chave da porta na mão.

— E vai arriscar?

— Aquilo projeta toda sorte de luzes sobre a fisiologia nervosa... aquilo imprime uma forma inteiramente nova à teoria da visão... Só Deus sabe quantos milhares de vezes a vida é acelerada... Verificaremos tudo isso depois... O que mais importa por enquanto é experimentar a droga...

— Experimentar a droga! — exclamei, seguindo pelo corredor.

— Certo que sim! — afirmou Gibberne voltando-se para mim, no seu laboratório. — Eila dentro deste pequeno frasco verde! A menos que não tenha medo...

Sou um homem prudente por natureza e aventureiro em teoria somente...

— Palavra! — balbuciei. — O senhor diz que já a experimentou!

— Já sim, — asseverou ele, — e não parece que me tenha prejudicado, não acha? Ao contrário, sinto-me...

— Dê-me a dose, — decidi sentando-me. — Si me der mal, ao menos evitarei o incômodo de cortar o cabelo, coisa que, na minha opinião, é um dos mais abomináveis deveres do homem civilizado. Como se toma esse elixir?

(Continua na pág. 54)

Por IGNEZ MARIZ

Especial para REVISTA DA SEMANA

PELO menos à Bahia de 1781, é bem possível que não. Então vá, em companhia de José da Silva Lisboa um homem alérgico aos decotes, conforme veremos mais adiante.

Naquele ano escrevia ele uma célebre carta ao dr. Domingos Varella, diretor do Real Jardim Botânico de Lisboa, dando conta do que se passava na Boa Terra com minúcias de agente secreto, embora não o fosse, está bem visto. Belezas naturais, clima, defesas militares, comércio e agricultura, usos e costumes, escravidão, tudo, tudo foi escrito direitinho no papel. O autor da mensagem, sendo advogado e economista, era, antes de tudo, um cronista admirável. E' fora do comum o seu poder de observação. Mas coisa curiosa: ao lado de sizudas opiniões de sociólogos aparece cada uma bobagem!

A carta a que me refiro não era bem carta e sim um relatório: nada menos que doze páginas, agora impressas em letra miudinha. Eis aqui um pequeno trecho: "Toda a gente é de constituição débil, de uma fibra encravada e pelo ordinário de côr adusta". Que diabo queria o cronista dizer com isso? Na minha terra, quando um sujeito é pequeno, estúpido e feio demais, nós o chamamos de cara-de-unha-encravada. Fibra encravada, é novidade para mim.

Acrescentava ele que as baianas apresentavam "em um rosto flácido mil graças de mimo e proporções, porém mui raras vezes o tinto vivo das faces que realça a formosura". Outro X para resolver. Do exposto chega-se à conclusão de que a pele das senhoras era mole e amarelada. Onde estariam pois as citadas mil graças? O que parece provável é que José da Silva Lisboa tivesse levado alguma bomba de moça bonita, naquela época, e deste fato resultou uma luta entre o seu consciente e o subconsciente. Despeito ali era "mato". Ele não poupa as mulheres nessa famosa carta. Vejamos o que diz sobre cadeirinhas balangandãs e outras vaidades:

"E' prova de mendicidade extrema o não ter um escravo: ter-se-ão todos os incômodos domésticos, mas um escravo a toda lei. Quem saísse à rua sem corte de africanos estava seguro de passar por um homem abeto e de economia sordida. E quem fosse tão imprudente que fizesse a menor reflexão sobre a ridícula deste aparato romanesco ou ainda deshumanidade de se fazer por deleite carregar por homens seus semelhantes, estava na certeza de ser apedrejado como visionário e inovador. A vaidade dominante nas minhas senhoras patricias não se acomodaria jamais com reflexões filosóficas e de economia. É-lhes mais fácil sacrificar ainda os interesses da religião a um ponto de vista fantástico, do que bravar prejuízos inveterados. Nenhuma mulher, a não concorrer simultaneamente as qualidades de ser extremamente pobre e de tal idade

que não tenha já esperanças de tirar algum partido deste mundo, não se resolve a sair a pé de dia. Assim, algumas são obrigadas a ir à missa muito de madrugada ou não satisfazerem esse preceito. Com efeito, o luxo exterior dos vestidos em nada cede aos nossos europeus; a seda é vulgaríssima até entre negros forros. Porém tudo é sem proporção: a indigência muitas vezes se esconde debaixo desta exterioridade de pura fantarronada, entretanto que o interior da família está em desesperação. O ornato feminino é excessivo e rico, porém de mau gosto: consta de muita seda, muito galão; apresentam-se como tabuletas carregadas de ouro e ainda com a indecência nauseosa de uma camisa bordada que lhes deixa vez o peito todo, indignidade que contudo não ofende os olhos das gentes do país, porque são mui aferrados aos costumes bárbaros

dos antigos indígenas. Eu falo do vulgar, porque já há muitas senhoras, que ainda que elas não excedam as europeias no gosto de variar os seus enfeites, contudo, fiéis copistas dos moldes que lhes vão da Côrte, sabem contudo não desfigurar a sua beleza natural com afetações que desabram: a natureza brilha nelas com mais simplicidade.

A Bahia, a quem a natureza tem concedido mil vantagens para ser cheia de abundância, jamais tem uma regularidade de fartura. Recentemente a fome de farinha e de carnes tem aterrado tudo. Sabia bem o governo a causa das obstruções públicas: a insolência era exorbitante. Tirou-se uma devassa, não se procedeu coisa alguma; a consternação pública indignada falou por mil bocas, mas a vexação continuou. O contratador das carnes goza ainda hoje dos frutos da sua impunidade. Eu tinha que dizer

sobre isto coisas tristes, mas não sou novelista. O povo da Bahia é de caráter pacífico e dócil: as desgraças públicas o fazem gemer, mas não blasfemar. Havendo carne barata no açougue, farinha abundante no cal e liberdade dos seus divertimentos e das suas favorecidas danças, o magistrado pode bem descansar e qualquer ronda de polícia à noite previne as desordens, que na Bahia não são muitas".

Assim terminava o ilustre José da Silva Lisboa a sua alentadíssima carta-relatório no ano longínquo de 1781.

A indecência nauseosa de uma camisa bordada...

Como pôde um homem usar expressão tão sem carinho sobre os belos cabeções rendados das lindas Yayás baianas!

Mas... teria ele sentido náuseas, algum dia, ou aquilo foi apenas uma convessa fiada, para inglês vêr?

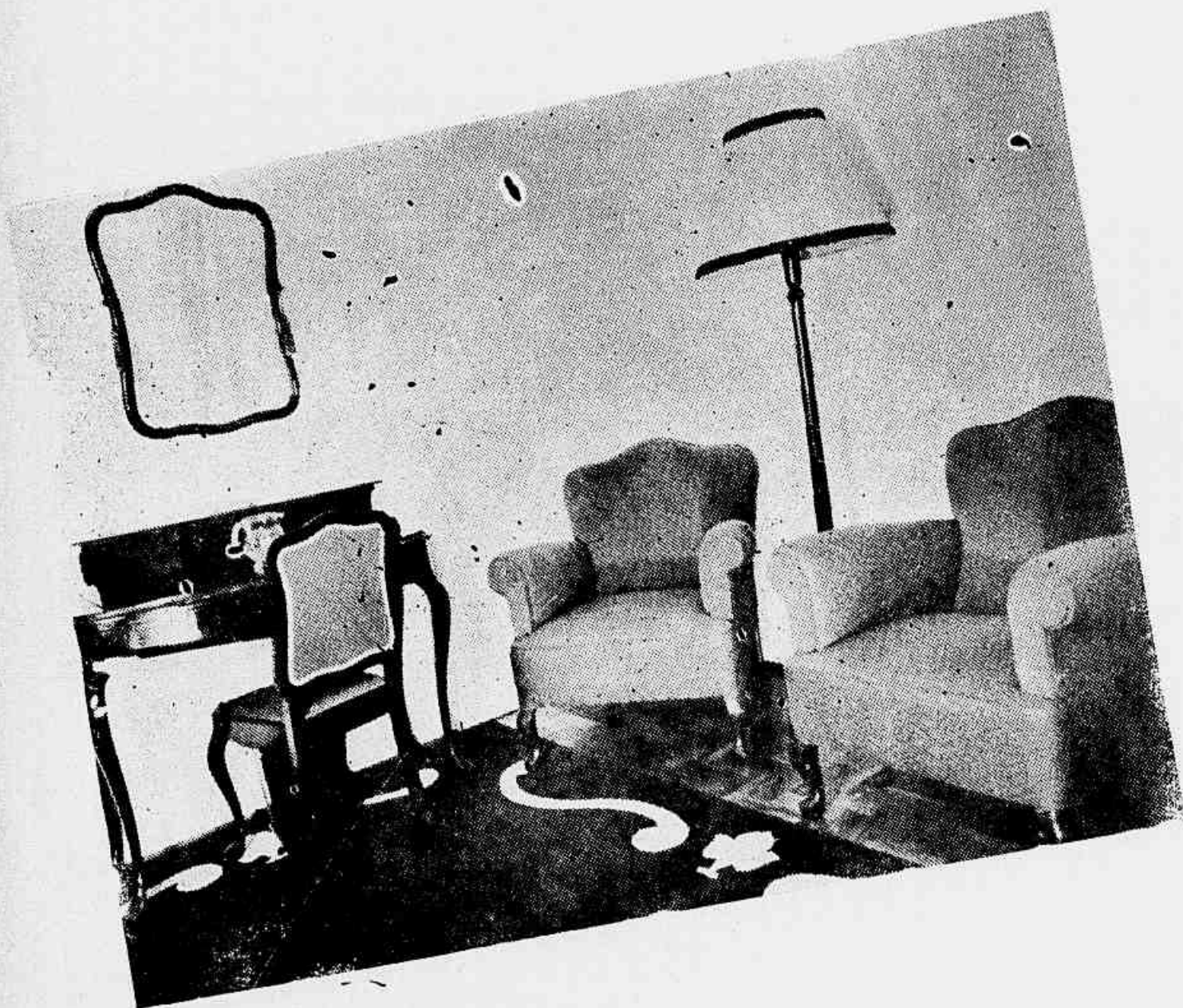


José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú. Aos 25 anos de idade — em 1781 — o austero bahiano já se revelava acérrimo inimigo dos decotes.

O VISCONDE DE CAYRÚ, INIMIGO DOS DECOTES

Mveis Guelmann

DO PARANA'



INTEIRAMENTE
MOBILIADO EM ESTILO

"PROVENSAL"



HOTEL SÃO PAULO



OBRA GIGANTESCA QUE
POR SI SO' TRADUZ O
REQUINTE E CAPACIDA-
DE DE UMA INDUSTRIA
MOBILIARIA



INFORMAÇÕES NO
RIO DE JANEIRO
COM O ENCARREGADO E AUTORIZADO
SR. JACOB AIZENBERG



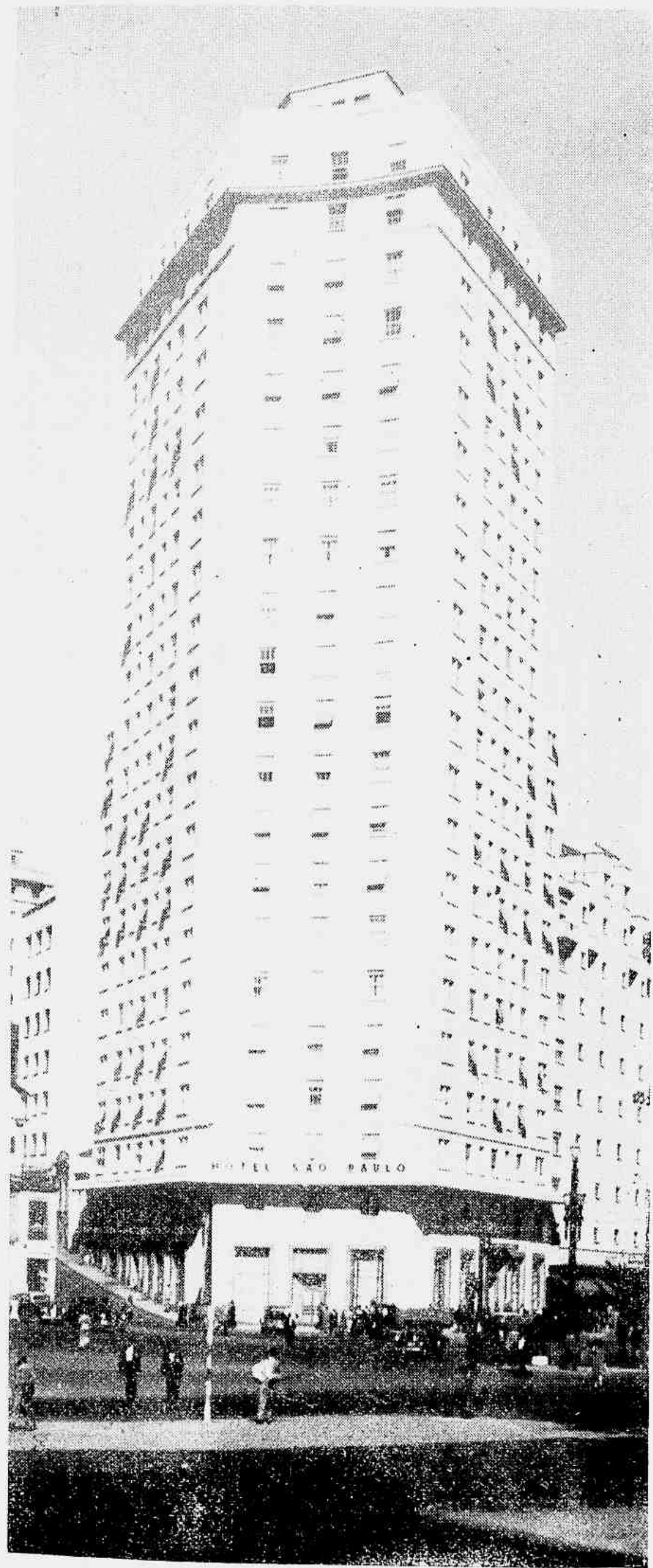
EDIFICIO SERRADOR
TELEFONE 32-4220



RESIDENCIA TEL. 25-5288

Apresentam

ALGUNS FLAGRANTES DE APOSENTOS DO MAIOR E MAIS LUXUOSO
HOTEL DA CAPITAL BANDEIRANTE



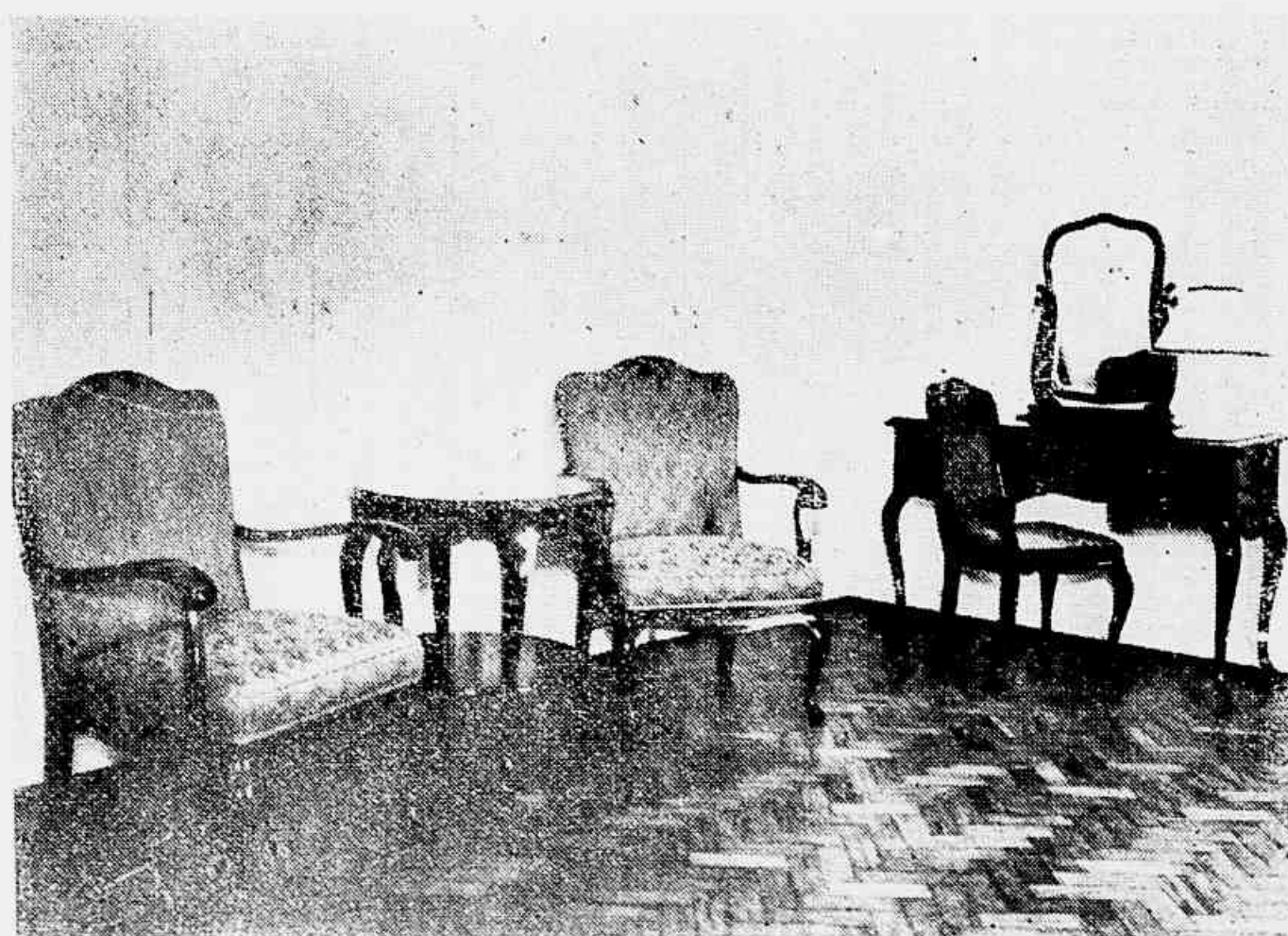
FILIAL EM S. PAULO

RUA 3 DE DEZEMBRO, 17 -- 6.º AND.

SALA 61 -- TEL. 5-7508



PEÇAM-NOS PROJETOS E ORÇAMENTOS
IND. MOVEIS GUELMANN DO PARANA' LTD.
CAIXA POSTAL, 19 - END. TELG. "GUELMANN"
CURITIBA — PARANA'



NÃO há notícia de criatura mais singular do que o pobre Evaristo. Era um homem franzino, pálido, magrinho e triste. Barba e cabelos grandes. Roupa velha e surrada.

Desde pequeno se acostumara à vida humilde de quem fica orfão em tenra idade. Com efeito, o pai, um inveterado bebedor, morreu pouco depois do seu nascimento e a mãe não resistiu à miséria que sobreveio a esse desenlace e, em breve, a moléstia do peito lhe roubava a vida. E o menino, sem maior amparo, foi recolhido à casa de um tio, que tanto tinha de religioso como de severo e injusto para com os pequenos delitos do sobrinho. Evaristo foi internado num colégio de padres, onde a Bíblia era a única matéria levada a sério. Mas a debilidade física do menino não permitia o regime severo a que estava sujeito. Também não pudera mais suportar as impertinências do tio e, antes dos quinze anos, abalara para a casa de uma irmã. E ali viveu até ao fim dos seus dias. Os estranhos hábitos de vida que levava, desde a juventude, o seu profundo respeito à moral cristã mas — sobretudo — a sua verdadeira paixão pelos costumes

Conto de **SILVEIRA JÚNIOR**
Premiado no Concurso permanente da REVISTA DA SEMANA

Ilustração de **ARMANDO MOURA**
REVISTA DA SEMANA

e ações de Jesus, lhe valeram o apelido de Messias. Ele próprio não ignorava a sua aparência física com o Cristo das estampas religiosas e se aperturava em detalhes para parecer-se ao Filho do Homem, muito embora o seu rosto encostrado, de faces encovadas não se pudesse comparar à bela fisionomia atribuída ao Galileu.

Quem lhe chamou de Messias pela primeira vez foi o "seu" Antonico, homem líder da Bíblia e presbiteriano por convicção. Mas Evaristo não se perturbou. Virou-se calmamente para quem lhe chamava pelo nascente apelido e replicou, cheio de santa humildade:

— Infelizmente, eu não o sou...

A reação dos presentes foi instantânea e o próprio Antonico se sentiu chocado com a agilidade da resposta. Estorçou-se para rir, mas a sua expressão fisionômica não traduzia mais que um misto de admiração e despeito.

— Esse rapaz tem resposta na ponta da língua para tudo — comentou "seu" Quinca, que esperava remédio na casa de Antonico, que era homeopata.

Bate o cachimbo no pé da mesinha para substituir o fumo e conclui:

— Pena ser tão negado para o trabalho...

Realmente, Messias não trabalhava. Viviu em casa da irmã viúva e pobre e falava-se na cidade que, por mais de uma vez, esta lhe quisera pôr na rua, mas a figura serena e mansa do irmão a impressionava.

Vegetariano por princípio, Evaristo não partilhava da mesa comum porque, segundo ele costumava afirmar, a carne era alimento para feras.

A sua cultura literária — si é que ele a tinha — era proveniente da leitura de um único livro (o "livro dos livros" ou a "fonte" como o chamava Messias): a Bíblia. Tinha por Jesus uma profunda admiração. Imitava-lhe os gestos, as palavras e, tanto quanto lhe permitiam as forças as ações.

Não era embusteiro. Não curava e nem se atribuía possuir qualquer virtude sobrenatural. Não falava em praça pública e, apenas, se defendia nas discussões a que, frequentemente, era forçado a intervir.

Certa vez, por exemplo, no hotequim "Bom Conselho" de "seu" Libório, tirou o copo da mão de um esquivador, ao mesmo tempo que fazia uma preleção sobre a intemperança. Este, em resposta, deu-lhe uma bofetada.

Messias esboçou um gesto brando e, com profunda humildade, ofereceu a outra face.

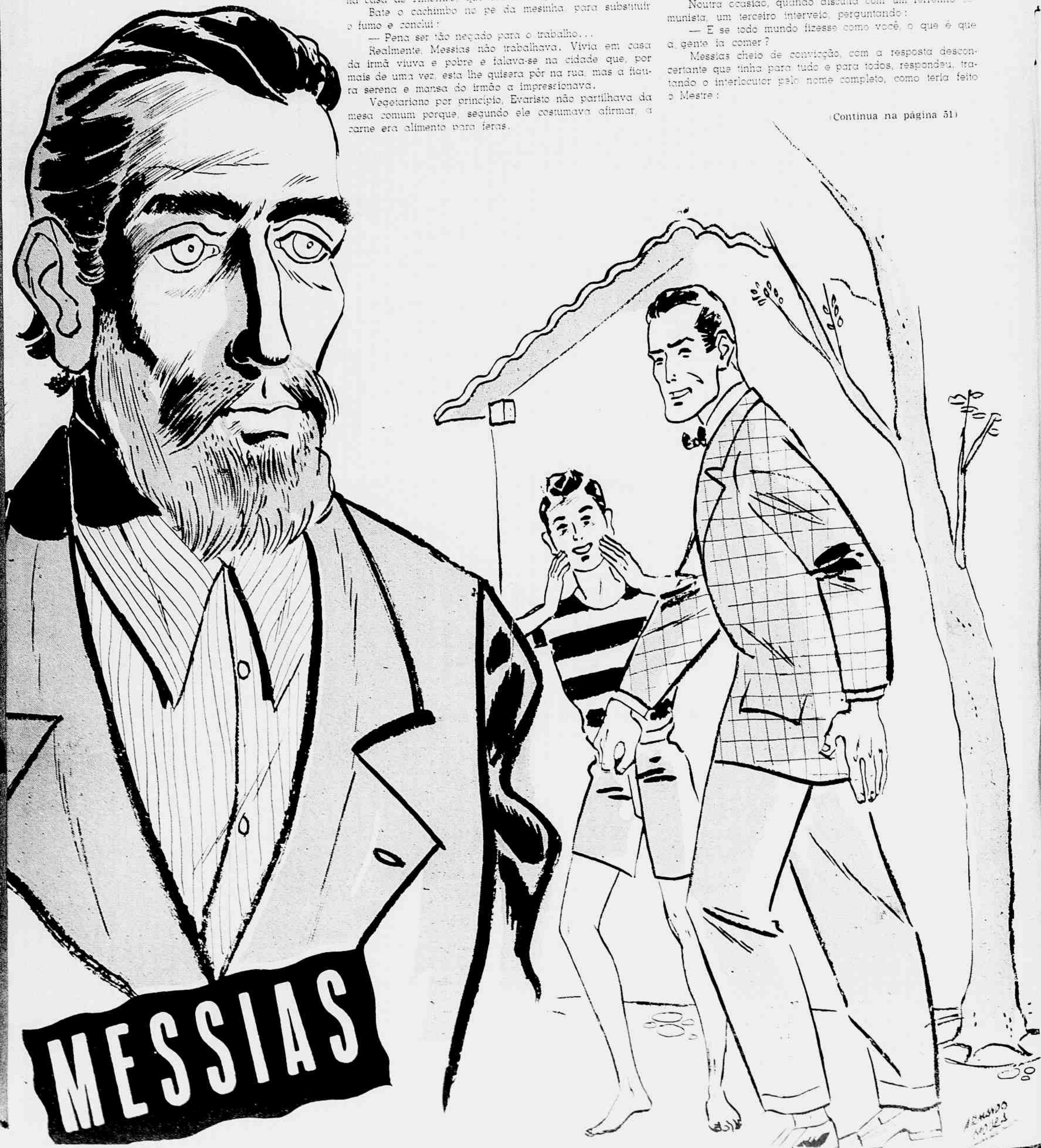
Consta que o agressor recusou-se a repetir a afronta e, com desdém, dissera que não batia em covarde.

Noutra ocasião, quando discutia com um ferrenho comunista, um terceiro interveio, perguntando:

— E se todo mundo fizesse como você, o que é que a gente ia comer?

Messias cheio de convicção, com a resposta desconcertante que tinha para tudo e para todos, respondeu, tratando o interlocutor pelo nome completo, como teria feito o Mestre:

(Continua na página 51)





Rita Hayworth já amou duas vezes... Da primeira vez, um homem da indústria do petróleo. Da segunda, um ator que se chama Orson Welles. Amará ainda outra vez?

SE podemos amar duas vezes? Naturalmente que não o podemos fazer ao mesmo tempo, porque o amor é exclusivo, não admite ser compartilhado como não admite rivais. Uma prova disso é que não existe amor sem ciúmes.

E bem verdade que uns namorados são mais ciumentosos e outros menos, porém, nenhum deixa de possuir esse sentimento que testemunha a vontade inquebrantável de ser o único dono do objeto amado.

Quanto a amar-se várias vezes, uma após as outras, depende naturalmente das disposições de cada um.

Há pessoas que nascem para um só amor; concentram-se durante toda a vida nesse sentimento único, e conservam-no vivo mesmo quando a morte as tenha separado do amado ou amada.

Outras, pelo contrário, que com cada nova experiência, se sentem mais atraídas e se tornam mais felizes.

consolo, a mais espiritual, a que denota maior pureza de alma e extraordinária sensibilidade.

Porém, não são todos os que possuem esta força sentimental, e o fato de não possuí-la não significa, absolutamente, falta de sentimento ou caráter. A humanidade possui um grande remédio: o tempo. Quando um amor é destruído por morte ou traição, o tempo pouco a pouco vai atenuando o sofrimento e não é crime deixar-se curar por ele.

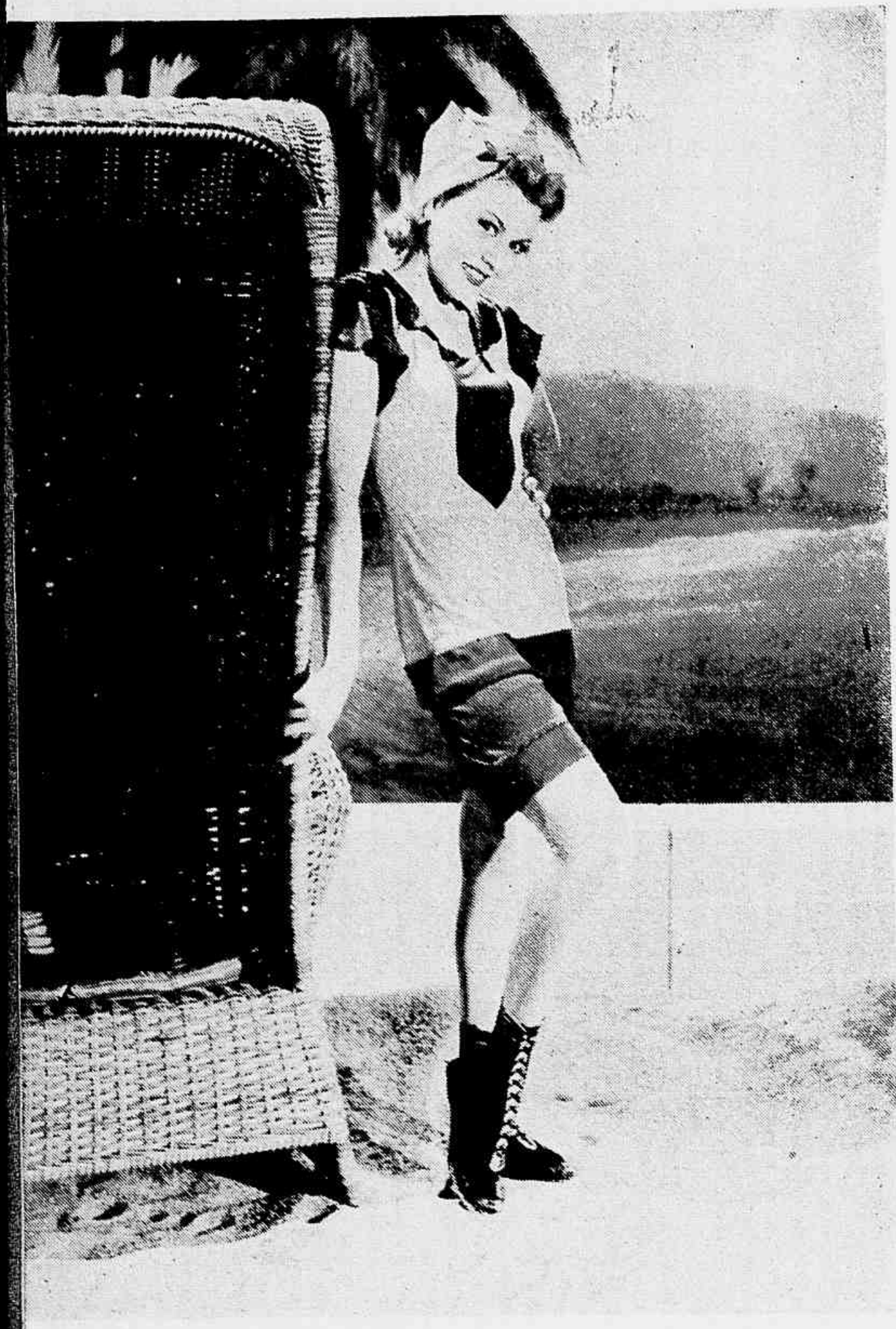
Há, porém, os que se equivocam frequentemente. Jul-

gam ter encontrado o grande amor de sua vida, quando este nada mais é do que um entusiasmo momentâneo, inspirado por uma noite de luar ou outra ocasião propícia; ou ainda pela sede de romance existente em geral nas pessoas jovens.

Mas, pode também acontecer que uma pessoa que já tenha sofrido por um amor, venha mais tarde encontrar a felicidade num novo amor... E isto também não pode ser condenado. Porque é tudo humano, muito humano...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS



Sereias de ontem...

ANTIGAMENTE era assim... Só se ia aos "banhos" por prescrição médica. E as beladíssimas nadadoras quando eram lançadas à água, inventando então os trajes mais complicados que podiam servir para tudo, menos para cair água... Em 1900 esse modelo tem nome (na "B"), Era de tecido xadrez e de sarardine escura. Graciosa - traca na cabeça... Faltava de algar e meias, sim, meias de algodão!

Em 1911 a moda se tornou um pouco mais "ambiciosa" (na "B") ia se usava o "traje" de taylor de A. Barthelemy, também o nome o bastante conhecido "Luzes de água" e por fim mais tarde. Sem as vestimentas ainda se batem com meias.

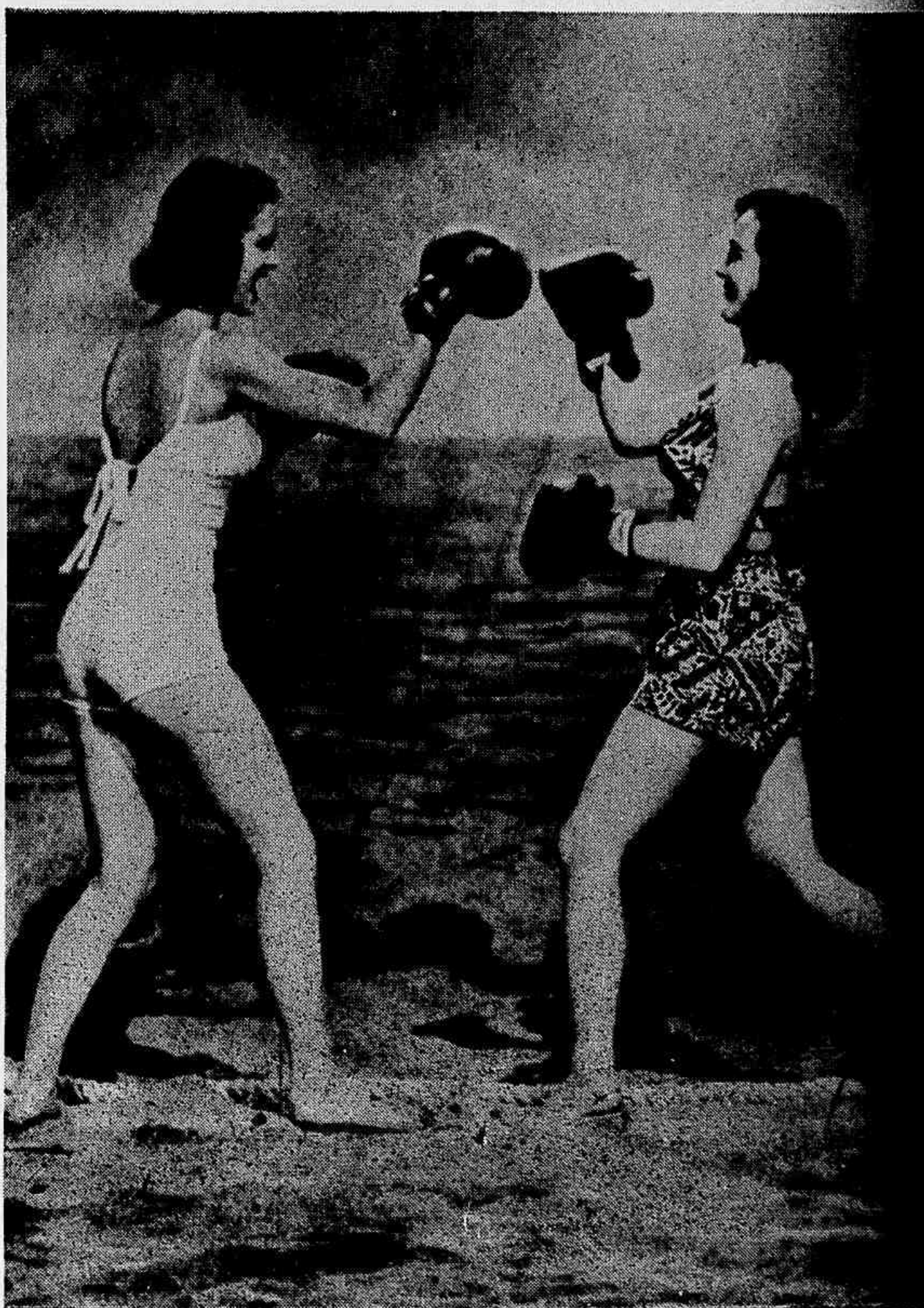
De 1920 a 1930 a moda de 1911 era já uma ruína. Onde é que



Sereias de hoje...

se viu usar-se cousa tão colante? E o decote? e as ombreiras? Decididamente, o mundo está perdido! (Mas, lá estão ainda as meias...) Poses de Suzi Crandall, da Warner Bros. E agora, o que diriam destas garotas as nossas vovós? Nada de botinas... nada de meias e... nada de "maillot"... Apenas uma "coisinha" muito resumida que elas ainda usam para a delícia dos felizes mortais dos dias de hoje... E as garotas, exibem não só a plástica, como também a sua boa disposição, como por exemplo estas que aqui vemos.

São elas: Cyd Charisse e Lina Romay (fig. 1), Linda Christian, Ava Gardner e Lina Romay (fig. 2) — Frances Rafferty e novamente Lina Romay (fig. 3). Todas da constelação da M. G. M.

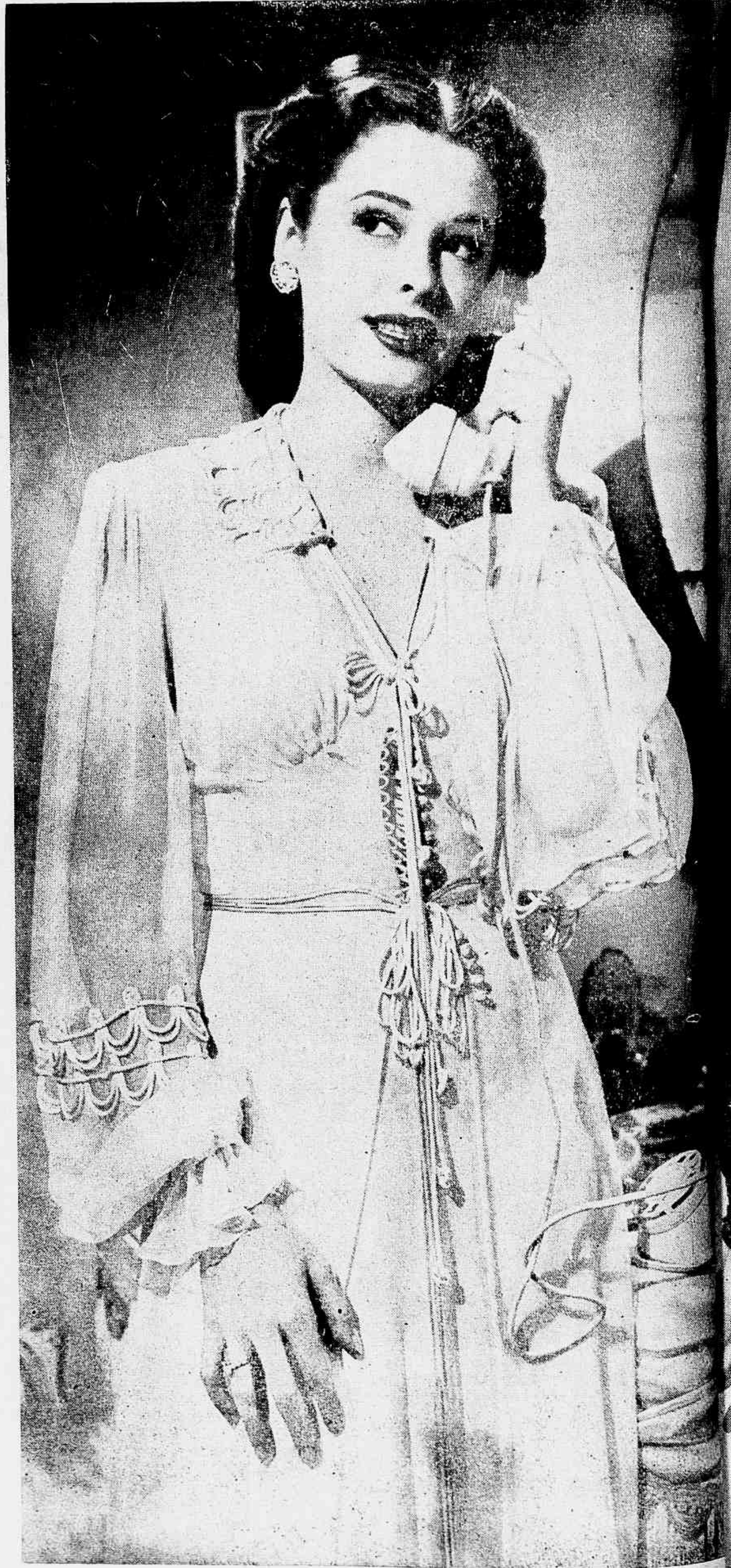


FIGURINOS PARA

A mulher verdadeiramente elegante procura estar impecável a qualquer hora do dia. Para cada momento ela tem um traje adequado que realça a sua graça e feminilidade. Às nossas leitoras que gostam do que é "chic" e belo, apresentamos algumas sugestões vindas de Hollywood:



— Gracioso conjunto apresentado por Myrna Loy, da Universal. E' composto de saia de algodão estampado, toda franzida, blusa de cambraia branca com babados franzidos na gola e na manga. Largo cinturão de veludo preto.

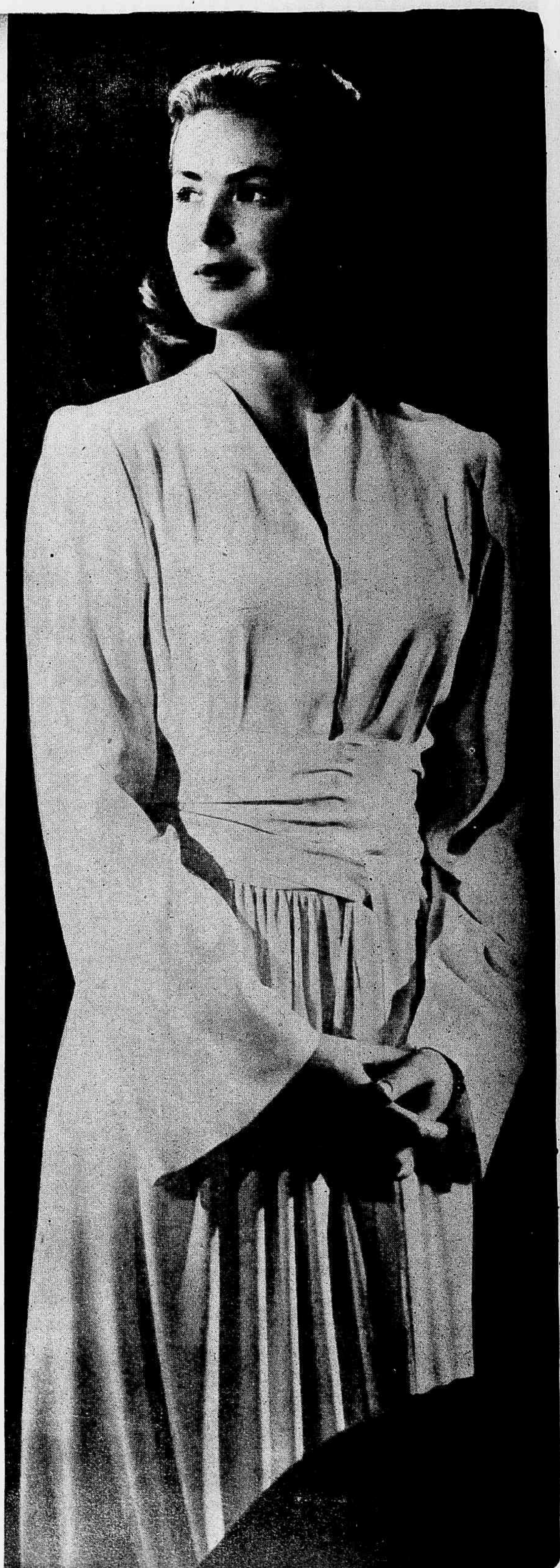


TODAS AS HORAS

— "Negligée" em creme romano rosa-pálido com vize de cetim rosa mais vivo. Pequena gola, franzidos sob o busto, mangas amplas. Saia "godet" formando ligeira cauda. O "modelo" é Jane Greer, da R.K.O.

— Vestido para "cocktail" em jersey de seda preta, sugestão de Ingrid Bergman, da RKO Rádio. A blusa é simples, com mangas japonesas tendo como enfeite original colar de ouro e pedra. Drapeados na cintura, "apanhados" por tiras da mesma fazenda. Saia franzida.

— Novamente Ingrid Bergman, desta vez com um vestido para a noite em crepe de seda branco. Talhe alto com abertura. Mangas compridas e largas. Faixa à cintura. Saia bastante franzida na frente.





MODELOS INFANTIS

Sharyn Moffet, graciosa "estrelinha" da RKO Radio, apresenta às suas amiguinhas do Brasil alguns dos seus interessantes modelos.

1 — Casaco de lã branca, de corte simples, com pespontos nas mangas. Chapéu "breton".

2 — "Duas-peças" de gabardine verde. Saia com machos. Casaco sem gola. Blusa de seda com bordado vermelho.

3 — Modelinho de algodão listrado, vermelho e branco. Listras enviezadas na blusa e nos bolsos. Enfeites de bordado inglês. Saia franzida.



Personalidade



COLONIA CHAMPAGNE DE

DAHAN

VAPOROSA ★ SUAVE
INEBRIANTE ★ DELICADA



Distribuidores: CIVIA S/A

Av. Rio Branco, 311 - 2º Tel. 22.1048.



Geraldine Brooks, uma nova figurinha da Warner Bros., é quem apresenta às nossas leitoras, estes dois lindos vestidos. Ambos bastante originais e próprios para um passeio à tarde, ou uma reunião elegante. — O primeiro em tafetá azul-marinho e o segundo em cetim branco e crepe negro.

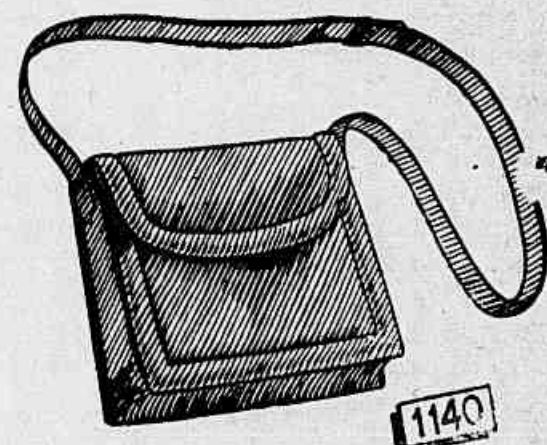
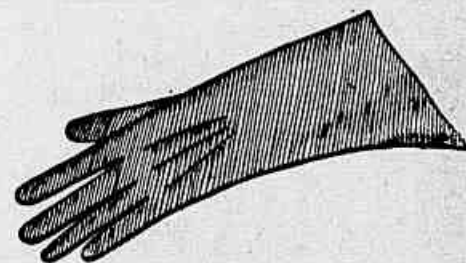
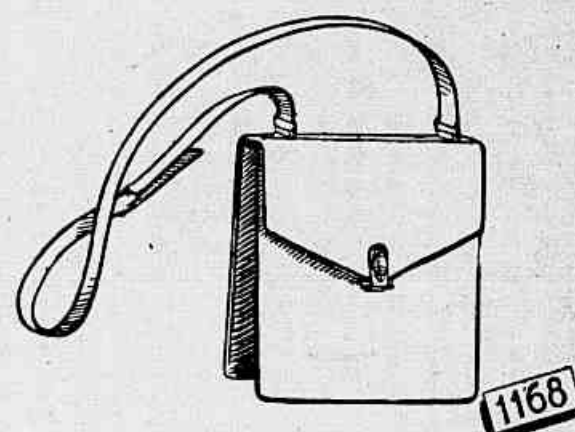
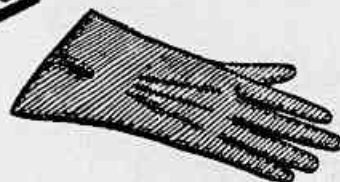
PARA A TARDE E NOITE



EM VELUDO PRETO E RENDA

Em veludo preto e renda, este lindo modelo é uma criação de Milo Anderson, famoso figurinista de Hollywood. De grande efeito, este vestido será próprio para noite, cinemas, teatros, jantares, etc.

Novidades ALICATOR



PROGRESSO-3-4887

Mod.	1163	Tam.	18 x 16	Em Pelica ou Verniz	310,00
"	1171	"	11 x 15	" " " Camurça	330,00
"	1164	"	21 x 17	" " " "	320,00
"	1166	"	19 x 23	" " " "	190,00
"	1146	"	17 x 26	" Faile, Suéd ou Camurça	190,00
"	1140	"	23 x 22	Em pelica ou Verniz	260,00
"	1186	"	29 x 27	" " " Camurça	330,00
"	1118	"	25 x 27	" " " "	410,00

LUVAS:	— Curtas Esporte, Pelica ou Suéd	65,00
"	Sax (toilet), Pelica ou Suéd	65,00

LUVAS, CÔRES: — Preto, Marron, Branco, Marinho.
BOLSAS, CÔRES COURO: — Preto, Marinho, Branco, Marron, Havana, Vermelho, Beige.
CAMURÇA, CÔRES: — Preto, Marinho, Marron, Havana.



Faça seu pedido acompanhado de cheque ou vale postal

(Os preços acima já incluem as despesas de porte)

CASA ALICATOR

Rua do Arouche, 194 — S. PAULO



SEAGERS
 ((DICA Siga))
 DESDE 1805
SEAGERS
 SIGNIFICA
 SUPERIORIDADE



HEMORRÓIDAS E VARIZES
Hemo-Virtus
 USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Grace Moore acusa

(Continuação da página 20)

UM QUARTETO COM QUARENTA PESSOAS...

Esses comentários não haveriam, certamente de embaraçar a estrela, que continua, referindo-se, em termos entusiásticos, aos filmes como "Noite de Amor" e "Louise" filmados por ela.

Entretanto, em determinados pontos, ela acerta nas críticas. Assim, sua consciência de cantora revoltou-se contra determinadas ingenuidades dos produtores que fabricaram um "quarteto" do "Rigoletto" com quarenta cantores, multiplicando por dez o número fixado pelo compositor...

— Cantando "Un Bel Di Vedremo", em uma sequência de filme vi que os diretores tinham uma concepção bastante esquisita do cenário do segundo ato da ópera "Madame Butterfly". Havia, no palco, uma série de pontes e não sei mais o que é tudo lembrava as "Ziegfeld Follies"...

PARA QUE NEGAR?

Entretanto, Grace Moore esqueceu de contar uma coisa aos seus "fans". É que seu conhecimento das "Ziegfeld Follies" era pessoal, pois nelas figurou, com extraordinário sucesso, mostrando pernas bem feitas como qualquer "girl" que se preza. Aliás, mais tarde, quando ingressou no cinema, a lembrança daqueles dias amargos fez com que seu prestígio de cantora quisesse enterrar definitivamente o passado e, assim, recusou-se, terminantemente a filmar uma sequência em que deveria deixar que o público contemplasse, em breve sequência as famosas pernas...

Não havia motivos para se envergonhar dessa origem. Pior do que Ziegfeld, que, no teatro de revista, pelo esplendor luxuosíssimo de seus espetáculos constituía a aristocracia do seu gênero, era o burlesque. Entretanto foi do "burlesque" que surgiu uma moça ambiciosa, com uma voz raríssima de soprano absoluto, uma das maiores cantoras americanas de todos os tempos: Rosa Ponnelle.

Conta-se, até, a respeito que um antigo frequentador dos "burlesques" reconheceu, certa noite, Grace Moore e foi visitá-la em seu camarim, lembrando-lhe os dias das "Ziegfeld Follies". Estava presente Rosa Ponnelle. O ca-

valheiro, sem reparar no ar mortificado de Miss Moore, lá recordando episódios antigos que a punham furiosa porque, além de referir origens, possibilitavam cálculos de idade. Mas, de repente, voltando-se para Rosa Ponnelle, ele exclamou:

— Onde será que já a vi, faz muito tempo? Sua fisionomia não me é de todo estranha.

E ela, rindo:

— Talvez me conheça como Rosie, a tentadora...

— Uma que fazia números alucinantes de "strip-tease"?

— Esse mesma.

— Olá, Rosie!

— Olá, velhinho. Então como vão as coisas?

Grace Moore abriu a boca, espantada. Rosa riu.

— E' isso, minha filha. Para quê negar?

Caso o leitor não saiba o que é o "strip-tease", podemos defini-lo como um passatempo para adultos, em que uma moça bem feita de corpo, provoca o público, desfazendo-se de várias peças de seu vestuário... tal como outrora acontecia naquilo que o público carioca conheceu pelo nome de "moinhos"...

MESSIAS

(Continuação da página 40)

— Em verdade te digo, Pedro de Borba, que se os homens tivessem fé, o Pai mandaria maná do céu. O povo comeria mel silvestre e gafanhoto.

E continuou, fazendo uma pergunta aos circunstantes, com a característica entonação de quem não espera resposta:

— Dizei-me, incrédulos, de que se alimentava João no deserto? Pensai, talvez, que o Batista deixava de pregar por falta de alimento?

Ninguém respondeu. Um camarada, com cara de debochado, pilheriu:

— O Messias quer que a gente passe com ensopado de gafanhoto...

Todos riram.

Evaristo retirou-se com o coração oprimido por tanta ignorância e, já na rua, monologou a meia voz, com o olhar fixo no infinito:

— Perdoai-lhes, Pai. Eles não sabem o que fazem...

A singularidade e anacronismo de hábitos de Evaristo espalhou-se. Nas cidades vizinhas se falava do "maníaco" de Tibagi.

— Era um sujeito gosado, diziam. Tem a mania de imitar Jesus Cristo. Dizem que já esteve furioso...

E a fama foi-se difundindo. Certo dia uma folha da capital mandou um repórter entrevistar Evaristo, mas o nosso homem negou-se categoricamente a fazer declarações:

— Dizei ao vosso amo — falou ao jornalista — que eu não curo, nem adivinho, nem prevejo o futuro, mas também não me sujeito ao julgamento dos homens. Deveis procurar aos que não seguem ao Mestre. Em verdade vos digo, que esses é que são anormais.

E, apontando para um sobrinho que se arrastava para o meio da sala, ensaiando os primeiros passos:

— Falai com essa criança. Talvez ela vos interesse mais do que eu. Pois vos afirmo que nem essa inocente sois capaz de entendê-la.

O repórter fez um sem número de tentativas para conseguir qualquer declaração de Messias e, quando se sentiu vencido pelo mutismo do entrevistado, abandonou o casebre, como que se sentindo roubado no seu amor próprio.

Mas, em compensação, no outro dia, o seu jornal enchia uma página de declarações do "falso profeta", do "curandeiro", do "mistificador".

Messias não chegou a ler a reportagem. Era um homem para o qual as coisas mundanas não interessavam.

Apenas se preocupava com os ensinamentos cristãos. Quando não encontrava apoio na Bíblia para pautar as suas decisões, costumava perguntar-se:

— Como agiria o Mestre neste caso?

E não ousava emitir qualquer opinião própria "para não errar", como dizia.

Apesar de todas essas virtudes, Evaristo tinha um profundo desgosto. E não o ocultava: por mais que o desejasse, não conseguia amar indistintamente as criaturas, como mandam os Evangelhos. Não! Messias nunca chegou a essa perfeição. E afirmava que isso — unicamente isso — era superior às suas forças. Ele perdoava, isso sim, podia fazê-lo, mas amar qualquer um, não. Limitava-se a não odiar. Dizia, porém, que o amor independe da nossa vontade.

E se lamentava:

Ah! Como estou longe da perfeição! Como imito mal o Nazareno!...

Na verdade, a virtude de Evaristo era puramente estática. Ele se limitava, humildemente, a imitar Aquele que foi perfeito. Não nascera para dominar. Não tinha jeito para conduzir o povo. Não conseguia convencer ninguém. Era apenas um seguidor, e extremado.

A cólera também não estava ausente completamente dos seus sentimentos. Quando os guris o seguiam, puxando-lhe sorrateiramente pela roupa ou gritando-lhe o apelido em altos brados, Evaristo se desesperava. Virava-se solenemente distilava a sua quase misantropia, nesta pergunta:

— Até quando os hei de suportar, raça de víboras?!

As mulheres também não o atraíam e, em bem da verdade, diga-se que essa repulsa era mútua. O sexo fraco o desprezava. Evaristo era feio, de dentes podres, sempre com aquela cabeleira pelo pescoço, tordilha e esganigada.



A RESPONSÁVEL
 por petiscos saborosos e saudáveis /

• Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com Maizena Duryea — alimento ideal para todas as idades.

Verifique o nome Duryea em cada pacote

MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA
 Caixa Postal, 6-B - São Paulo
 Peça enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
 RUA _____
 CIDADE _____ ESTADO _____



Ui, outra vez o meu ESTÔMAGO!

• Não sofra inutilmente, quando é tão fácil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem receio. Experimente-os, serão a sua salvação!

PAPEIS BANKETS

AZIA - DISPEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MAU HÁLITO
 FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DÓRES DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para esbranquecer, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua pele ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita as manchas e impurezas e a tendência para pigmentações.

O rosto, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador:



NEVE
QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
E... É ECONÔMICO

Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(esq. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322



Um PERFUME *Inesquecível!*

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Eles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E há um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume **ORGANDY** de **BAZIN**. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...



Organdy de BAZIN

Obra prima da perfumaria!

À VENDA EM TODO O BRASIL

★ **DENTÍFRICOS**
PANINAI ★

P. FERRAZ

O Dr. Timóteo, homem versado em doenças nervosas e mentais, quis diagnosticar o "mal" de Evaristo e o fez num encontro fortuito, na farmácia de "seu" Faninho:

— O que você tem, rapaz, é um pronunciado complexo messiânico... Você não é o primeiro Jesus que tem atendido consultórios...

E, virando-se para o farmacêutico, continuou em tom axiomático:

— Isso é um desequilíbrio muito conhecido: o camarada se convence de que é Jesus ou outro santo qualquer e é difícil se compenetrar do contrário...

Evaristo, que ouvira tudo com profunda indiferença, encerra a conversa:

— Ouve, falso Timóteo (comparando-o ao santo de igual nome): tu és um simples médico do corpo e da matéria, mas não chegaste ainda ao profundo segredo da alma humana. O mesmo disseram os falsos doutores da lei...

O médico não se deu por achado. Mais ainda reforçou o seu diagnóstico perante "seu" Faninho, dizendo que tudo aquilo fazia parte da sintomatologia daquela espécie de loucura. E ficou explicando o assunto.

Quando perguntavam a Messias qual a sua religião, respondia como Sócrates:

— A religião do Bem e da Verdade, mas esta, não a encontro neste mundo.

Isso lhe valeu a incompatibilidade do clero que passou a chamar-lhe além de louco, de endemoninhado também.

Para os espíritas, Evaristo não passava de um mistificador vulgar. Teria sido padre na outra encarnação...

Diziam tudo isso, mas nunca se formou um juízo certo a respeito do pobre homem. Ninguém sabia nada contra ele. Todos eram acordes em que Evaristo não praticava o mal e conhecia bem a Bíblia. Só o que não poderia padecer dúvida, porém, era o fato de se tratar de um doído manso. Nunca o internaram num hospício por falta de lugar, mas bem que o Prefeito já pedira providências a respeito. Afinal, um homem daquele era um escândalo andar solto...

A não ser o Dr. Timóteo, ninguém se arriscava a declarar por que Evaristo não era certo da bola. A conclusão a que chegavam era sempre a mais cômoda:

— Um maniaco...

E assim passou a vida aquele que se esmerou em imitar por gestos e atos o paradigma de todos os homens — Jesus. Morreu, muito a seu gosto, aos trinta e três anos de idade. Não na cruz, mas de tuberculose. Também quase ninguém chorara a sua morte. Falava-se que a irmã até ficara satisfeita:

— Aquilo era um malandro — teria afirmado no dia do enterro.

Mas Dona Vina que era vizinha da família e tinha muita dó do sofrimento de Messias, afirmava, com certeza, que vira o morto três dias depois do seu falecimento. E esmiuçava-se em detalhes, tagarelando com a vizinhança, que Evaristo aparecera com a roupa muito branca, cheio de uma luz ofuscante que lhe embargava a visão.

A Negra Genoveva também tivera idêntico "aviso"...

U'a menina — afirmava-se — fora socorrida pelo espírito de Evaristo, quando estivera às portas da morte.

Em pouco tempo toda a gente humilde dizia que Messias praticava as mais diversas modalidades de milagres, bastando apenas invocar-lhe o nome.

E hoje a sua sepultura no cemitério de Tibagi não tem mais lugar para um pé de flor: é só sebo de vela...



A tonalidade "Amor" do
baton Van Ess é preferida
por milhares de mulheres
— por que é uma cor que
realmente sugere o seu próprio nome. A qua-
lidade, o tamanho e o preço de Van Ess
fazem-no preferido em toda parte.



Baton

Van Ess

a cor moderna
adequada
ao seu tipo.



Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado

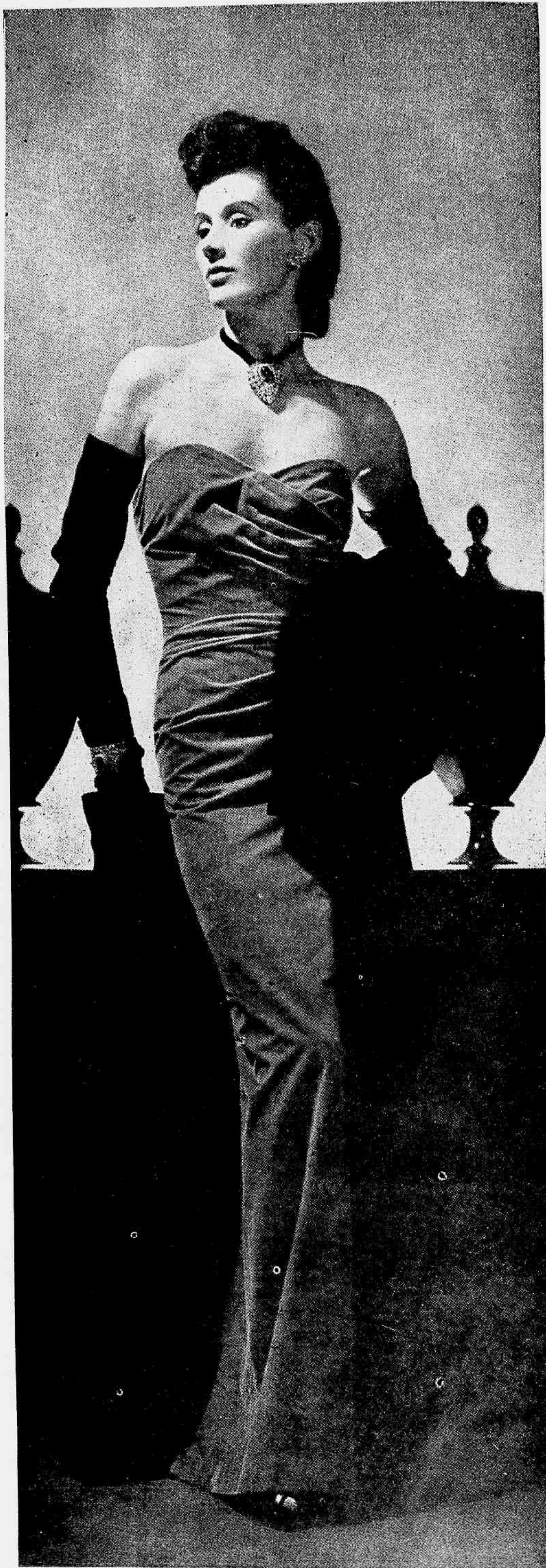


GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL



SOIREE'

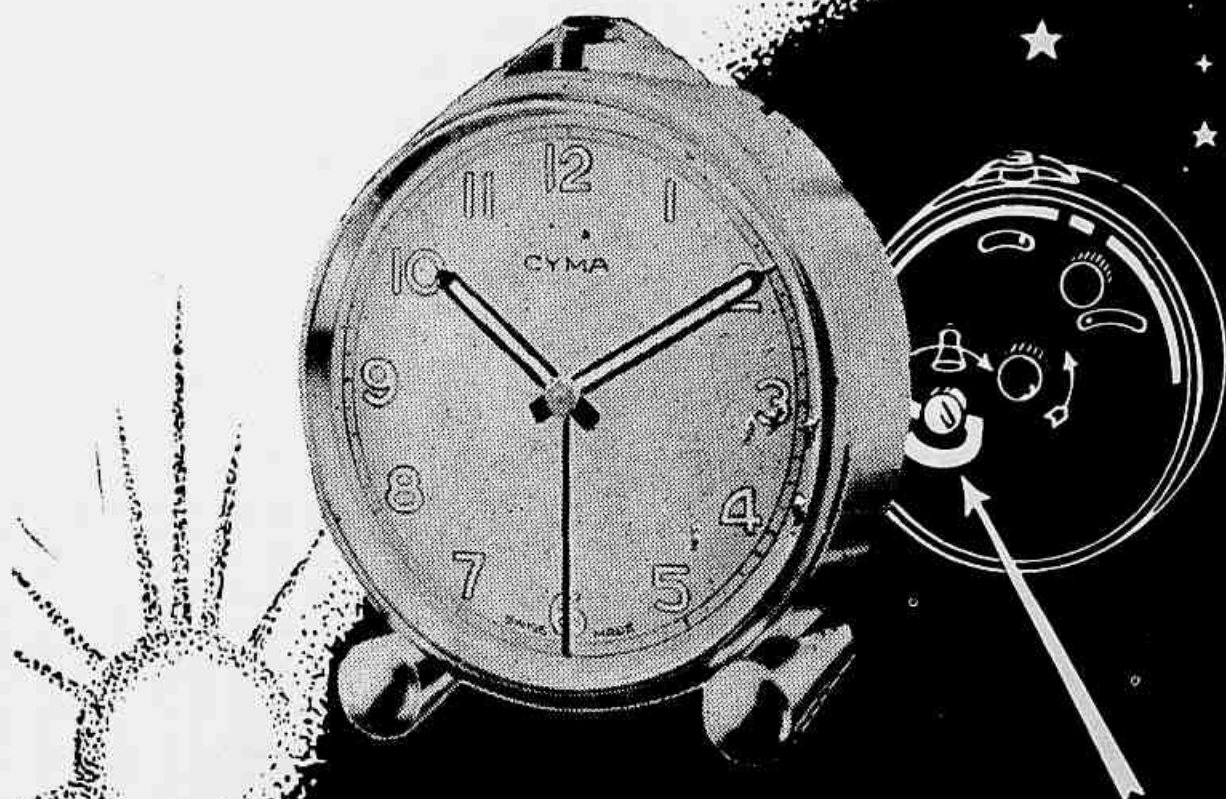
Jay Thorpe, de Nova York, criou este elegantíssimo
modelo para a noite em veludo verde com grande laço
de veludo na cintura. Grande decôte, sem ombros.
Drapeados na blusa e na saia.



E' Andrey Totter, da M.G.M., quem nos apresenta este elegantissimo "tailleur" em finissima lã. O casaco de feitiço bastante original é de 2 cores, havana e bege, sendo a sala executada na primeira cor.

TAILLEUR

O novo despertador **CYMA**



Uma só chave
dá corda, ao mesmo tempo, á ma-
quina e á campainha de alarme.

O despertador suíço de precisão

OS PERFUMES DE

ROGER & GALLET

PARIS - RIO

fleurs d'amour

EXTRATO - LOÇÃO - PÓ
DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent

PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO -
EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta

LOÇÃO

anthea

PÓ DE ARRÔS CRAVO -
HELIOTROPE - VIOLETA.

santal

PÓ DE ARRÔS

jean marie farina

AGUA DA COLONIA
A GRANDE MARCA FRANCEZA

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

O novo acelerador

(Continuação da pág. 36)

— Com água, — respondeu Gibberne, pondo bruscamente uma garrafa em cima da mesa.

Continuava em pé, diante da escrivaninha, contemplando-me, ao passo que eu me estendia na sua cadeira de braços.

— É uma mistura esquisita, como deve saber, — acrescentou ele.

Fiz um gesto tranquilizador. Ele continuou:

Em primeiro lugar, devo avisá-lo de que, assim que a tiver engolido, é preciso fechar os olhos e não os tornar a abrir senão com máxima cautela, depois de passado um minuto ou dois. Continua-se a ver... O sentido da vista depende da duração das vibrações e não de uma multiplicidade de coisas; mas dá-se uma espécie de choque sobre a retina, uma confusão, um deslumbramento desagradável, se no momento em que se bebe, estiverem abertos os olhos. Assim pois, feche-os bem.

— Entendido, fechá-los-ei.

— A segunda coisa importante é não se mexer. Não se ponha imediatamente a andar de um para outro lado, pois que se arriscaria a sofrer as consequências disso. Lembre-se de que andar vários milhares de vezes mais depressa do que jamais andou; o coração, os pulmões, os músculos, o cérebro, tudo agirá na mesma proporção e o senhor andarão aos encontros sem dar fé. De nada disso terá conhecimento, pense bem. Há de se sentir exatamente no mesmo estado em que se sente neste momento. Sómente parecer-lhe-á que tudo se passa milhares de vezes mais lentamente do que antes. E' isto o que torna a coisa tão extraordinariamente bizarra.

— Meu Deus! — exclamei. — E o senhor quer?...

— Verá! — disse ele pegando em um conta-gotas. E deitou um olhar sobre a escrivaninha.

— Os copos, a água, tudo aí está, — disse. — Cumpre não tomar demasiado pela primeira vez.

O conta-gota aspirou o precioso conteúdo do pequeno frasco.

— Não se esqueça das minhas recomendações, — insistiu Gibberne, deixando cair gota a gota o licor misterioso. — Fique sentado, em absoluta imobilidade e com os olhos fechados, durante dois minutos. Depois do que, dir-lhe-ei o que tem a fazer.

Ele adicionou, em cada recipiente, uma pequena quantidade de água.

— A propósito, — continuou, — não procure tornar a pousar o seu copo. Conserve-o na mão que apoiará sobre o joelho. Sim, é isso! E agora...

Ergeu a taça encantada.

— Ao Novo Acelerador! — disse eu.

— Ao Novo Acelerador! — repetiu ele.

Tocámos os nossos cálices e bebemos. No mesmo ins-

tante fechámos os olhos. Durante um espaço de tempo indefinido, a vida foi para mim como se eu não existisse. Depois, ouvi Gibberne dizer-me que despertasse. Fiz um movimento e abri os olhos. Em pé no mesmo lugar, ele continuava com o copo na mão, mas este achava-se vazio. Era a única diferença.

— E então? — disse eu.

— Nada de novo?

— Nada. Uma leve sensação de exaltação talvez... e mais nada.

— Os ruídos?

— Tudo está tranquilo... exceto esta espécie de marulho, pit-pat, pit-pat, como chuva caindo em objetos diferentes, que será?

— Ruídos já analisados, — parece-me que me respondeu, mas não estou bem certo.

Ele deitou um olhar para a janela envidraçada.

— Já viu uma cortina de janela pregada daquela maneira?

Eu tinha seguido a direção de seu olhar: a extremidade da cortina ficava suspensa e esticada, como que endurecida e dir-se-ia que deixara subitamente de bater ao impulso do vento.

— Não, — disse eu, — efetivamente é exqu岸ito.

— E isto? — tornou ele.

E abriu inopinadamente a mão que segurava o cálice. Naturalmente, pisquei os olhos, esperando ver o copo despedaçar-se no chão. Mas, muito ao invés disso, ele não me pareceu mexer-se, mantinha-se no ar, imóvel.

— Em as nossas latitudes, e para falar de modo geral, — principiou o professor Gibberne, — quando um objeto cai transpõe uma distância de dezessete pés no primeiro segundo da sua queda. Este copo cai neste momento com a velocidade de dezesseis pés por segundo, somente, como vê, ele ainda não caiu durante um centésimo de segundo. Isto lhe dá uma idéia da rapidez de meu Acelerador.

E passou a mão ao redor por cima e por baixo do copo que ia caindo lentamente. Por fim, ele pegou-o pelo fundo, atraiu-o a si e colocou-o com infinitas precauções em cima da mesa.

— Hein? — disse então sorrindo.

— Isto parece-me perfeito, — disse-lhe eu, e, com circunspeção, tratei de me levantar da minha cadeira de braços.

Sentia-me em um estado excelente muito leve, absolutamente à vontade, cheio de confiança em mim mesmo. Todo o meu ser funcionava a grande velocidade. O meu coração, por exemplo, batia mil vezes por segundo, sem que isso me causasse o menor mal-estar. Olhei pela janela: um ciclista imóvel, com a cabeça abaixada, levantando uma nuvem de poeira inerte junto da roda posterior, parecia querer alcançar um *char à bancs* lançado a toda a velocidade, mas que não se mexia. Eu fiquei boquiaberto diante daquele espetáculo incrível.

— Gibberne, — exclamei, — quanto tempo vai durar o efeito desta maldita droga?

— Diabos me levem, se eu sei isso! — respondeu ele.

— A última vez que a tomei, meti-me na cama e tudo desapareceu durante o sono. Confesso-lhe que tive medo. A aceleração durou provavelmente alguns minutos... que me pareceram horas. Mas, passado algum tempo, o efeito diminuiu creio que de um modo bastante súbito.

Fiquei sobremaneira orgulhoso de verificar que não me sentia de maneira alguma assustado, — suponho que pelo fato de sermos dois.

— Por que não saímos? — perguntei.

— Por que não?

— As pessoas perceberiam?

— Absolutamente! Gracias a Deus, não! Imagine que andáremos mais depressa do que tudo quanto de mais rápido se possa ter efetuado no mundo. Venha! Por onde havemos de sair? Pela janela ou pela porta?

Saímos pela janela.

Certamente de todas as experiências estranhas que tenho tentado fazer, que tenho imaginado ou lido a respeito escapada que, sob a influência do Novo Acelerador, fiz em companhia de Gibberne, no passeio de Folkstone, foi a mais estranha e a mais louca. Pela porta do jardim, fomos ter à estrada, e aí principiámos a examinar minuciosamente atitudes petrificadas das pessoas e dos veículos que passavam. Os cumes das rodas certos movimentos das pernas dos cavalos do *char à bancs* a ponta do charuto, e o auge do coelho que principiou a bocejar, estavam percentualmente em movimento, mas todo o resto do pesado veículo parecia perfeitamente imóvel e absolutamente silencioso, a não ser um débil acesso de tosse que saíam um dos viajantes. E aquele edifício petrificado estava adornado com o coelho, o condutor e onze pessoas. O efeito daquela inércia, enquanto nós caminávamos, principiou por nos parecer bizarro e acatou por tornar-se desagradável. Todas aquelas personagens, semelhantes a nós e contudo diferentes, ficaram coaguladas em posições indolentes, surpreendidas no meio de um gesto. Um casal de namorados trocava um sorriso, um sorriso às furdadelas, mas que ameaçava durar para sempre; uma mulher tendo à cabeça um amplo chapéu, apoiava o braço sobre a balaustrada do carro e contemplava a casa de Gibberne com o imutável olhar da eternidade, um homem, qual figura de cera, acariciava o bigode, e um outro estendia uma mão lenta e tesa para o chapéu que o vento ameaçava arrancar-lhe da cabeça. Nós observávamos toda aquela gente, riamos-nos dela, fazíamos-lhe caretas: depois, invadiu-nos uma espécie de repugnância por todos aqueles manequins; demos uma volta, e, atravessando a

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

estrada pela frente do ciclista, tomámos o rumo do Passeio.

— Irral! — exclamou repentinamente Gibberne. — Veja isto!

Na ponta do seu dedo esticado, uma abelha deixava-se revascular, batendo lentamente com as asas, com a mesma ligeireza de um caramujo excepcionalmente vagaroso.

Chegamos ao Passeio. Aí o fenômeno se nos afigurou mais espantoso ainda. Em um quiosque tocava uma orquestra, e o estrondo que fazia não passava para nós de uma espécie de barulho de matraca, um suspiro prolongado que se transformava, às vezes, em um ruído semelhante ao tic-tac prolongado de um relógio monstruoso. Pessoas petrificadas permaneciam de pé, estranhos e silenciosos fantoches conservavam-se em cima da relva em posições intáveis, de perna levantada. Passei muito perto de um cãozinho suspenso no ar, a saltar, e observei o movimento lento que ele fazia com as pernas para entrar de novo em contato com o solo.

— Oh! ali, veja! — gritou Gibberne.

Passámos um instante diante de uma personagem magnífica, vestindo um terno de flanela branca, com listras estreitas, trazendo sapatos brancos e chapéu panamá, a qual voltava-se para deitar olhadelas sobre duas senhoras vestidas de claro. Uma olhadela, estudada com todo o vagar de que se possa dispor, é muito pouco atraente, perde todo o seu caráter de vigilante alacridade; nota-se que aquele dos olhos que está piscando, não se fecha completamente e, debaixo da pálpebra, aparece a base da íris como uma linha branca.

— Que céu me conceda memória, — disse eu, — e nunca mais deitarei olhadelas.

— Nem sorrisos! — acrescentava Gibberne, que observava atentamente os lábios entreabertos e os dentes das senhoras.

— Está fazendo um calor horrível, não acha? disse eu. — Não devemos andar tão rapidamente.

— Ora! venha vindo! — respondeu Gibberne.

Nós evoluímos nas alamedas, por entre os bancos de repouso. A maior parte dos ociosos assentados ali pareciam naturais nas suas poses passivas, mas as vestimentas escarlates dos músicos ofereciam um espetáculo pouco agradável. Um homenzinho de rosto carmezim estava petrificado na sua luta violenta para dobrar um jornal anesar do vento. Nós tínhamos inúmeras provas de que todos aqueles indivíduos, nas suas atitudes apáticas, estavam expostos a uma brisa muito sensível, mas essa brisa não tinha existência alguma no tocante às nossas sensações. Afastámo-nos um pouco da multidão, e voltámo-nos para contemplá-la. Ver aquela gente toda transformada em um quadro, com a fixidez e a riqueza de outros tantos manequins de cera, era incontestavelmente surpreendente. Era absurdo, sem dúvida, mais enchia-me de exaltação, dando-me o sentimento desazonado de uma vantagem imensa. Imagine-se que maravilha! Tudo o que eu tinha dito, pensado e feito, desde que a droga principiou a atuar sobre o meu organismo, tudo aquilo se tinha passado em um abrir e fechar d'olhos.

— O Novo Acelerador... — principiei, mas Gibberne interrompeu-me.

— Aquele velho infernal, — disse ele.

— Que velho?

— A minha vizinha... ela tem um cãozinho que leva a ganhar desde a manhã até a noite. Oh céu! a tentação é demasiado forte.

Gibberne tem às vezes impulsos infantis. Antes que eu tivesse podido emitir a menor objeção, ele partia como uma seta, aqarrava o indolente animal e fugia velozmente na direção da escarpa. Aquilo era de fazer pascar. O pobre animal não latiu, não se debateu, nem manifestou o menor sinal de vida. Ficou rígido, em uma atitude de repouso sonolento, ao passo que Gibberne o transportava seguro pela pele do pescoço. Dir-se-ia que o homem corria carregando um cão de madeira.

— Gibberne! — gritei, ponha-o no chão!

E dirigi-lhe diversas invectivas furiosas.

— Se continua a correr assim, Gibberne, — continuei, — a sua roupa vai pegar fogo. As suas calças de pano estão principiando a ficar avermelhadas.

Ele abaixou a mão sobre a perna e hesitou à beira da escarpa.

— Gibberne, — ordenei, ao chegar junto dele. — Ponha este animal no chão. O calor é excessivo, porque

INSTITUTO ROENTGEN
RADIOTERAPIA SUPERFICIAL E PROFUNDA
DRS. ALVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA



Um romance diferente e muito emocionante. É a história de um amor sublime, vivido na inesquecível Rússia Imperial. São 320 páginas, apresentação ótima, capa em 5 cores. Vendas exclusivamente por Reembolso postal. Pedidos à Cx. Postal 91, Petrópolis (Rio), Preço Cr\$ 35,00.



Qualquer anomalia na função do fígado compromete a saúde, perturba o bom humor e faz envelhecer antes do tempo. Normalize a função hepática com as famosas "Pílulas de Reuter" e desfrute intensamente a alegria de viver!

PILULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



estamos correndo de um modo incrível. Quatro ou cinco quilômetros por segundo... O atrito do ar...

— Que? — disse ele voltando um olhar para o cão. O atrito do ar! — bradei. O atrito do ar! Estamos indo muito depressa. Como uns bolides... Muito calor!... Gibberne! Gibberne! Estou sentindo cócegas em todo o corpo e transpirando! Veja que as pessoas já se mexem um pouco. Creio que o efeito da droga está diminuindo. Ponha no chão este animal.

— Hein? — O efeito está diminuindo! — repeti. — Estamos sentindo muito calor e o efeito está diminuindo! Estou banhado em suor!

Ele olhou para mim com os olhos espantados, depois voltou-se para a orquestra, cujo ruído de matraca principiava a aumentar. Finalmente, o seu braço descreveu um largo círculo e o cão foi tirado, em furioso corropio, sempre inanimado, até ir acabar a sua carreira em cima das sombrinhas reunidas de um grupo de senhoras que se achavam em animada conversação.

— Com a breca! Parece-me que isto está a acabar! Uma espécie de queimadura produzindo cócegas e... sim... este homem está mexendo com o lenço... de um modo perceptível. É preciso raspar-nos daqui e sem demora.

Mas não pudemos esquivar-nos com a devida presteza. E felizmente para nós! Porquanto, se tivéssemos corrido, creio que teríamos pegado fogo. Quase que com certeza, teríamos incendiado as nossas vestes. Nem eu nem ele tínhamos pensado nisso, compreende. Mas, mesmo antes de principiarmos a correr, o efeito da droga tinha cessado. Foi questão de uma fração ínfima de segundo... O efeito do Novo Acelerador terminou como uma cortina que se puxa... extinguiu-se em um gesto da mão. Ouvi a voz de Gibberne terrivelmente alarmada.

— Sente-se! — ordenou ele. Sentei-me bruscamente sobre a relva, à beira da escarpa, experimentando ainda aquela sensação de queimadura. E, no lugar em que me sentei, a herva continua ainda chamuscada. No mesmo instante pareceu-nos que a estagnação ambiente despertava. As vibrações desarticuladas da orquestra uniram-se em um rumor musical; os transeuntes abaixaram o pé e andaram, as bandeiras e os papéis principiaram a estalar ao vento, os sorrisos transformaram-se em palavras, a bela personagem acabou a sua alhadela e continuou complacentemente o seu caminho, e todas as pessoas que se achavam sentadas moveram-se e principiaram a tagarelar.

O mundo inteiro começava a viver, a andar no mesmo passo começava a viver, a andar no mesmo passo que nós, ou antes, éramos nós que andávamos mais depressa que o resto do mundo. Dir-se-ia a diminuição gradual na marcha de um trem ao entrar na gare. Durante um ou dois segundos pareceu-nos que tudo rodomoitava, senti uma náusea passageira, e mais nada.

O cãozinho, que tinha parecido ficar suspenso no meio do voo, caiu com uma súbita aceleração através da sombrinha de uma senhora! Foi o que nos salvou! Um anão corpulento, estendido na sua cadeira de braços, estremeceu ao vermos; em seguida deitou-nos por intervalos olhares desconfiados, e creio que acabou por entreter-se à nossa custa com a sua enfermeira. — mas, a não ser ele, duvido que pessoa alguma tivesse notado a nossa súbita aparição. Plop! Nós devíamos ter ficado visíveis bruscamente. Quase imediatamente deixámos de ficar chamuscados, posto que a herva debaixo de mim estivesse ainda desagradavelmente quente. A atenção de todos,

Quina Petroleo ORIENTAL, finalmente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

R.Fernaz



Lavender — TÃO FRESCA, TÃO CHIQUE!

Brilhante como uma réplica inteligente, fragrante como a lembrança dos dias que jamais podem ser esquecidos — eis o que é a "English Lavender de Yardley"! Parece conter a própria essência da alegria e da expansão, fazendo-a sentir-se gloriosamente viçosa e radiante. E com que sutileza ela sussurra que você é tão encantadora como o perfume que escolheu!



Yardley
de Londres

YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 ★ Rio de Janeiro



MODELO EM DUAS PEÇAS

Este interessante modelo é um original "duas-peças", cujo casaco, na frente por cima dos ombros junto a manga, e na cintura ao redor das cadeiras é ornado por um babado de tafetá, feito de fazenda dobrada. Cinto baixo, fivela fantasia.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará
aos seus cabelos. Escolha entre os 18
tonalidades diferentes da Tintura Fleury
aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informa-
ções e solicite o interessante folheto "A Arte de
Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40-Sab. Mo

Nome

Rua

Cidade

Estado

RS

O novo acelerador

(Continuação da pág. 55)

inclusive a orquestra — que, caso único nos seus anais, tocou desafinado — a atenção de todos estava voltada para um fato estupendo e para um tumulto e uns latidos ainda mais epestudos: um animalão de tamanho respeitável e muito gordo, que dormia tranquilamente do lado este do Qulosome, tinha caído subitamente ao lado oeste do mesmo, atravessando a sombrinha de uma senhora, com os pelos levemente queimados, em consequência da extrema velocidade da corrida que fizera pelo ar. E isto nestes tempos absurdos em que todos querem ser, tanto quanto possível, "psíquicos" ingênuos e supersticiosos.

As pessoas levantaram-se, foram de encontro umas às outras, atiraram-se ao chão mutuamente. Foram derribadas várias cadeiras, e o guarda do passeio ocorreu. Como se arranhou a coisa ignora-o! Nós tínhamos demasiado interesse em nos vermos livres e esquivar-nos aos olhares inquisidores do ancião para nos demorarmos a resolver essas questões. Assim que nos sentimos suficientemente arrefecidos e restabelecidos da nossa vertigem, das náuseas e da confusão de espírito, levantámo-nos, e contornando a multidão, fomos passar por detrás do gigantesco hotel Metrópole, para nos dirigirmos novamente à casa de Gibberne. Mas, dominando o tumulto, ouvi distintamente o senhor, que estava sentado ao lado da senhora da sombrinha furada, empregar termos e ameaças injustificáveis contra um dos vigias das cadeiras.

— Si não foi o senhor que atirou este animal, quem foi então?

A volta súbita do movimento e do rumor costumado, bem como a nossa compreensível inquietação para com as nossas próprias pessoas (tínhamos os casacos a arder, e a frente da calças de Gibberne estavam inteiramente chamuscadas) impediram-me de fazer, como era meu desejo, observações minuciosas. A bem dizer, durante essa retirada, não consegui fazer observação alguma que tivesse o menor valor científico. A abelha naturalmente não se achava mais ali. Procurei com os olhos o ciclista, mas achava-se já a perder de vista, quando desembocámos na estrada de Sandgate, onde muitos veículos no-lo escondiam. O char à bancs, entretanto, com todos os seus excursionistas lépidos e inquietos, precipitava-se a toda a brida ao longo do átrio da igreja próxima.

Ao entrarmos, notámos vestígios de fogo no peitoril da janela que havíamos escalado para sair, e as nossas pagadas sobre o cascalho estavam mais acentuadas que de costume.

Foi assim que experimentei pela primeira vez o Novo Acelerador. Na realidade, estivemos a andar de um lado para outro, dizendo e fazendo todas essas coisas, no espaço de um ou dois segundos. Tínhamos vivido meia hora enquanto a orquestra tocava talvez apenas dois compassos. Mas o efeito produzido em nós foi como se o mundo inteiro houvesse parado para que nós o observássemos com toda a comodidade. Tudo bem pensado, e levando somente em consideração quanto fora temerário aventurar-nos a sair de casa, a experiência poderia de certo ter sido muito mais desagradável do que foi. Ela demonstrou, sem dúvida, que Gibberne tinha ainda muito que aprender, antes de nos dar um preparado de fácil emprego, conquanto a possibilidade de obter aquele elixir tivesse ficado provada de modo perfeitamente indiscutível.

Depois dessa aventura, ele buscou insistentemente achar um modo de emprego suscetível de fácil exame e por diversas vezes e sem o menor inconveniente, tendo tomado de baixo de sua direção, doses determinadas; toda via, confesso que não me tenho ainda arriscado a sair enquanto se manifesta o efeito da droga. Posso por exem-

mado e irritado.

Estas duas descobertas não-de necessariamente provocar uma completa revolução na vida civilizada. Assim, pois, aproxima-se a nossa emancipação dessa Vestimenta do Tempo, de que fala Carlyle. Esse Acelerador nos permitirá concentrar-nos com uma potência considerável sobre cada instante, sobre cada ocasião que exigir todo o nosso vigor e todas as nossas faculdades, ao passo que o Retardador nos permitirá passar em uma tranquilidade passiva as piores horas de dificuldades e de dissabores. É possível que eu seja um pouco otimista no tocante a esse Retardador que ainda não está descoberto, mas no que respeita ao Acelerador nenhuma dúvida é aceitável. A sua aparição sob uma forma cômoda, assimilável e suscetível de observação acurada, não é mais que uma questão de alguns meses. Quem quizer, poderá adquiri-lo em casa de qualquer drogista ou farmacêutico, em pequenos frascos verdes, por preço muito elevado mas de modo algum excessivo, consideradas as suas maravilhosas qualidades.

Chamra-se o Acelerador nervoso de Gibberne, e o inventor espera poder fornecê-lo de três forças diferentes: a duzentas, a novecentas e a dois mil graus, variedades que se distinguirão respectivamente por meio de rótulos amarelos, cor de rosa e brancos.

É fora de toda dúvida que o seu emprego pode tornar possível um grande número de ações extraordinárias, pois sem dúvida poderemos, alinhavando-nos, por assim dizer, através os instantes do tempo, efetuar com impunidade os feitos mais notáveis e até os mais criminosos. Como os poderosos preparados, o Acelerador será suscetível de abusos. Nós entretanto discutimos a fundo esse aspecto da questão e decidimos que isso é matéria de pura jurisprudência médica, inteiramente fora das nossas atribuições. Havemos de fabricar e vender o Acelerador, e, quanto às consequências... veremos!...

AS MARAVILHAS DE BORO-BUDUR

Por A. L. HILTON

Especial para REVISTA DA SEMANA

Oculto na região central de Java ergue-se o maravilhoso templo budista de Boro-Budur. Foi construído treze séculos após a morte de Gautama Buda, tendo se iniciado mais ou menos no ano 850 na nossa era. A sua construção exigiu vários anos. A principal finalidade desse majestoso edifício foi a de conservar em lugar digno algumas relíquias autênticas do grande Buda. Acerca da verdadeira história do santuário pouca coisa se conhece, entretanto.

Boro-Budur situa-se num local conhecido como Jardim de Java, não muito longe de Jokjokarta. Sobre uma pequena colina, o templo descortina uma paisagem de grande beleza. Nesse lugar os construtores fizeram erguer um edifício importantíssimo consistindo em oito terraços retangulares na base, com exceção dos três últimos que são circulares. Parte alguma da construção deixou de ser esculpida, verificando-se não menos de 500 relíquias em forma de arcadas. Esses relíquias contém imagens de Buda em tamanho natural. Ao longo das paredes dos terraços há baixos-relevos belamente esculpidos, fornecendo ao visitante a história completa da vida de Buda. A série de esculturas em baixo relevo achase num estado tal de conservação que parece ter acabado de sair das mãos do escultor. Nela temos também uma síntese da vida do século nono da nossa era, não havendo quaisquer inscrições.

Nos terraços circulares e superiores há 72 "dagobas" em forma de sino. Em nichos lavrados foram colocadas imagens de Budas sentados na postura comum aos orientais. O relicário central de Boro-Budur em uma altura de 50 pés.

Por alguma razão perdida na poeira dos tempos mas provavelmente porque o Islam sobrepujou a fé budista, Boro-Budur foi abandonado e sucedeu o inevitável. A vegetação tropical como que escondeu o rico e magnífico templo. Durante seis séculos Boro-Budur viu-se oculto aos olhos dos homens até que foi novamente descoberto em 1812, durante a rápida ocupação britânica sob a chefia de Sir Stamford Raffles. Engenheiros ingleses reuniram 200 "colies" e puseram-se a trabalhar na limpeza da vegetação luxuriante que havia criado profundas raízes. Essa obra foi completada pouco depois pelo governo holandês ao estabelecer-se em Java.

Hoje, os que porventura visitam o templo de Boro-Budur ficam maravilhados diante da sua magnífica concepção.

plô mencionar que esta narração foi escrita sob a influência dela, de uma só vez e sem outra interrupção mais que a de alguns segundos para tomar um pouco de chocolate. Principiei às seis horas e vinte e cinco minutos, e o meu relógio está marcando agora um minuto depois da meia hora. A possibilidade de se poder contar com um longo trabalho sem descanso, durante um dia cheio de entrevistas e ocupações exteriores, é uma comodidade que nunca será demasiada apreciada. Gibberne trabalha agora na dosagem quantitativa do preparado, em proporções graduadas, segundo os efeitos particulares sobre diferentes tipos de constituição. Ele espera descobrir um Retardador com o qual diluirá o poder atual, de preferência excessivo da sua droga. O Retardador terá necessariamente o efeito contrário do Acelerador. Empregado só, ele permitirá ao paciente "entender" alguns segundos de várias horas do tempo ordinário e conservar assim uma inanição apática, uma quase imobilidade, em um ambiente muito ani-



Am
numero
para



côda
paladar



ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mine, Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

As grandes vidas

(Continuação da pág. 17)

— Por que não pintou os adornos em ouro? — perguntou o papa a Miguel Ângelo.

— Santo Padre, — respondeu Miguel Ângelo, — naquele tempo os homens e as mulheres eram pobres e honestos. Eles tinham fé, mas não tinham ouro.

★

Num de seus sonetos, George Santayana escreve que Deus criou duas vezes quando criou Shakespeare. O mesmo pode dizer-se de Miguel Ângelo. Porque a pintura da Capela Sixtina é uma criação novamente criada. O plano original dos doze apóstolos, idealizado pelo papa, transformara-se numa visão completa do céu e da terra. Primeiro havia a luz e a solidão divina — o momento de espera, antes do nascimento do mundo. Então, o Eterno apareceu lá no alto, entre nuvens de anjos. Dividiu a luz e as trevas: formou o sol e a lua; separou a água da terra; trouxe Adão à vida com um toque de Seu dedo (para Miguel Ângelo Deus era o Divino Escultor), criou Eva de uma costela de Adão; mostrou-lhes as árvores do jardim e os frutos tentadores; mandou o anjo banir Adão e Eva do Paraíso com sua espada flamejante; e fez as águas de sua ira afogarem a pecadora da raça humana. E ao redor desse painel central da criação e destruição estavam as sibilas e os profetas, observando refletindo, esperando, exortando, orando — os eternos intermediários entre Deus e o Homem.

★

Júlio II morreu e seus herdeiros pediram a Miguel Ângelo que terminasse o túmulo iniciado quando o papa ainda vivia. Os tempos se haviam tornado trágicos. A guerra e a peste assolavam a terra. Edifícios eram despedaçados, painéis demolidos e as estátuas de bronze, incluindo alguns dos melhores trabalhos de Miguel Ângelo, estavam sendo fundidas em canhões. Mas Miguel Ângelo, apesar de todos esses desencorajamentos, continuou. Novos papas foram eleitos, governaram e morreram, vieram novas guerras e devastaram o país; novas promessas foram feitas e quebradas; apesar de tudo, Miguel Ângelo continuou a trabalhar no monumento. Chegou a doença e alterou ainda mais seus traços já bem pouco atraentes. Os desapontamentos iam ressecando cada vez mais profundamente sua revoltada alma. Mas seus dedos, modelados por Deus para a criação da beleza, continuavam o inspirado trabalho. Foi acusado de vagaroso, interesseiro e desonesto. Seus rivais insinuavam que fora subornado pelos proprietários das pedreiras de Carrara para deles comprar o mármore de suas encomendas. A acusação era, naturalmente, sem base. Mas os patrões de Miguel Ângelo ouviram as más línguas, obrigando-o a adquirir o mármore inferior de Saravezza. Miguel Ângelo "um sombrio, empobrecido e louco ser humano", como se descrevia, nessa época, continuou o monumento e confiou sua amargura e sua fantasia às silenciosas figuras de mármore às quais estava dando vida. Deixou-nos, com quarenta e sete anos, um vivo autorretrato: cabelos curtos e anelados, testa marcada pelas rugas do sofrimento, pensativa, penetrante olhos ainda expressivos, lábios finos cerrados numa firmeza desafiadora, barba preta irregular e curta e em todo o rosto sobressaindo o nariz largo, chato e quebrado — traços de um homem que conheceu o cinismo e a tristeza, a beleza e a rebelião, a obstinação e a resignação, o rosto de um sábio e de um santo.

Durante vinte e três anos, esse deus solitário, perdido no mundo dos homens, continuou o trabalho do monumento. A peste levou seu irmão favorito e eles esteve quase a perder a própria vida. Como nos conta num de seus poemas era quase impossível lutar:

"Num cativeiro assim, num tal desgosto, com as planas fracassadas, o espírito inquieto e triste, então faça brotar fogo do mármore, se for capaz!"

No entanto, mesmo sob tais circunstâncias, conseguiu arrancar fogo do mármore. Finalmente, aos setenta anos, terminou o monumento do Papa Júlio II. A figura central é a estátua de Moisés — "a suprema realização da moderna escultura" como foi chamada. Essa estátua é metade deus, metade homem, uma perfeita fusão do cristianismo e do paganismo. Dois chifres saem da estreita cabeça. Está sentado, e, semelhante a um cipó entrelaçado, sua barba desce do rosto aos joelhos. Os imensos braços musculosos estão nus, e uma das mãos, forte, vibrante, sensível, pousa nas tábuas da lei. O pé direito está firmado ao pedestal e o esquerdo, voltado para trás como se o profeta estivesse prestes a levantar-se e fulminar com sua autoridade um povo desobediente. E é fulminante, também, a fúria de seus olhos e a irada projeção de seu lábio inferior. É a cólera contida, mas pronta a explodir, violentamente, diante da menor provocação. O terrível profeta de um Deus raivoso, o julgamento do super-homem sobre a loucura e selvageria do gênero humano.

E nessa época, o próprio Miguel Ângelo, à semelhança de Moisés, proferiu um julgamento sobre a loucura e selvageria do gênero humano, pintando o Juízo Final nas paredes da Capela Sixtina. Esse painel é um complemento ao painel da Criação que pintara, um quarto de século antes, no teto dessa mesma capela. De novo, como antigamente representou a maior parte das figuras nuas. "Esse trabalho", disse um dos cardeais, "é mais próprio para uma taberna do que para uma capela!" E quando o papa sugeriu que Miguel Ângelo cobrisse as figuras com paneja-

mentos, o artista respondeu grosseiramente: "Trate Sua Santidade das almas do povo e deixe-me tratar dos corpos".

O Juízo Final compõe-se de uma inumerável multidão de seres humanos — o mundo — girando numa vertiginosa carreira em torno da figura de Cristo. E Cristo, nesse painel, não é o Cristo do Amor, mas o Cristo da Vingança. Uma vez, viera redimir o mundo, e o mundo o havia rejeitado. Agora voltara para julgar o mundo. Não há nenhuma compaixão em Seu julgamento. Há somente uma justiça implacável, uma violenta grandeza, uma torça majestosa. A Virgem está ali, triste e impotente, com os olhos voltados para o alto, enquanto Seu Filho distribui a trêmula multidão pelos lugares que finalmente merecem — muitos deles para cima para a recompensa celeste, e uma vasta maioria para baixo, para a eterna condenação. A perpétua luta entre o Céu e o Inferno. A história da raça humana. A representação simbólica do inexorável destino do homem.

Um dia, trabalhando no Juízo Final, caiu do andaime, e fraturou seriamente uma perna. Desencorajado com o acidente, dirigiu-se a custo para casa e nela se fechou, esperando a morte. Mas um médico subiu pela janela e lhe restabeleceu a saúde. Voltou à enorme tarefa e terminou-a no Natal de 1541.

Miguel Ângelo acabou o Juízo Final com a avançada idade de sessenta e seis anos. Era rico e famoso agora, e invejado por todos os artistas do mundo. Contudo, sentia-se mais infeliz do que nunca. Porque teve de pagar o tributo de uma longa vida: a perda, um a um dos amigos mais queridos. Dentro de um curto espaço de tempo, três deles morreram. O primeiro foi um menino de quinze anos, um jovem artista que Miguel Ângelo, não tendo filhos, amou com ternura de um pai. O segundo, o tio do menino, Riccio, procurador de Miguel Ângelo e um de seus mais ardentes admiradores. "Esse homem", disse ele, "era para mim mais do que um irmão". No entanto, o maior de todos foi o terceiro golpe — a morte de Vitória Colonna. Essa brilhante e bela mística foi a única mulher que mostrou mais do que uma simples admiração por Miguel Ângelo. Durante anos confiaram-se os sentimentos recíprocos, numa série de cartas e sonetos que se conservam entre os tesouros da literatura italiana. Mas subitamente esse tardio sonho de amor teve um fim inesperado. Ao velar o corpo da mulher que idolatrara, sem jamais ter abraçado tomou-lhe a mão fria e beijou-a. "Nada me fazia mais", confiou ele mais tarde a um de seus discípulos mais íntimos, "do que, mesmo em seu leito de morte, haver causado beijar-lhe somente a mão e não os lábios".

E assim o solitário artista ficou privado de sua última perspectiva de uma felicidade transitória. A morte de Vitória Colonna abalou-lhe profundamente a saúde. Durante várias semanas esteve gravemente doente. Parecia que sua grande vida se aproximava do fim.

Restabeleceu-se, no entanto, porque ainda não terminara seu trabalho. Daria ao mundo mais uma obra-prima (considerada por muitos a maior de todas as suas obras-primas) antes de chegar a intimação final. Tinha setenta e três anos quando o papa lhe pediu que desenhasse uma nova cúpula para a Basílica de São Pedro. Recusou. Sentia-se muito velho para assumir tão imensa tarefa. Como o papa insistisse, Miguel Ângelo afinal consentiu, mas sob uma condição: não receberia nenhum pagamento por esse trabalho. Teria, no máximo, apenas alguns meses para dedicar-se a essa tarefa talvez um ano ou dois, se o destino lhe fosse excepcionalmente favorável. Ao quando pode um homem de setenta e três anos esperar conservar o vigor físico e mental necessário para uma tão grande empresa?

E sob essa condição, iniciou o trabalho. O Papa morreu e mais quatro outros depois dele. E Miguel Ângelo continuava ocupado na mesma tarefa. Durante dezesseis anos dedicou-se a ela, com o poder de seu corpo e de seu cérebro sempre intacto. Finalmente, aos oitenta e nove anos cessou de trabalhar.

Mas não inteiramente. Gastou os últimos meses de sua vida desenhando e modelando as estátuas para seu próprio monumento. Deveriam ser quatro estátuas ao todo — Cristo tirado da cruz, e sustentado pela Madona, que por sua vez era amparada pelas mãos auxiliares de Maria Madalena e Nicodemos. O rosto de Nicodemos estava coberto por um pesado capuz. Mas os traços amargurados que se viam através do capuz eram os de Miguel Ângelo. Anos atrás, no início de sua carreira, representara-se como um conquistador, companheiro de David. Agora, já no final figurava-se como um sofredor, companheiro de Jesus.

A 12 de fevereiro de 1564, trabalhou o dia todo na figura de Cristo. A 14, saiu a cavalo debaixo de uma chuva torrencial. Quatro dias depois, ainda em plena consciência, Miguel Ângelo morreu.

Em seu leito de morte lamentou não a cessação de sua vida, mas o fim de suas atividades. "Estou morrendo", disse ao Cardeal Salviati, que lhe administrava os últimos sacramentos, "quando mal tenho aprendido o A B C da arte. Agora justamente é que estava ficando preparado para meu verdadeiro trabalho!"

PÓ DE ARROZ
RÁPIDO DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA PARTE



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases inebam o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Cartera para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Cartera para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

CUTIS CANSADA



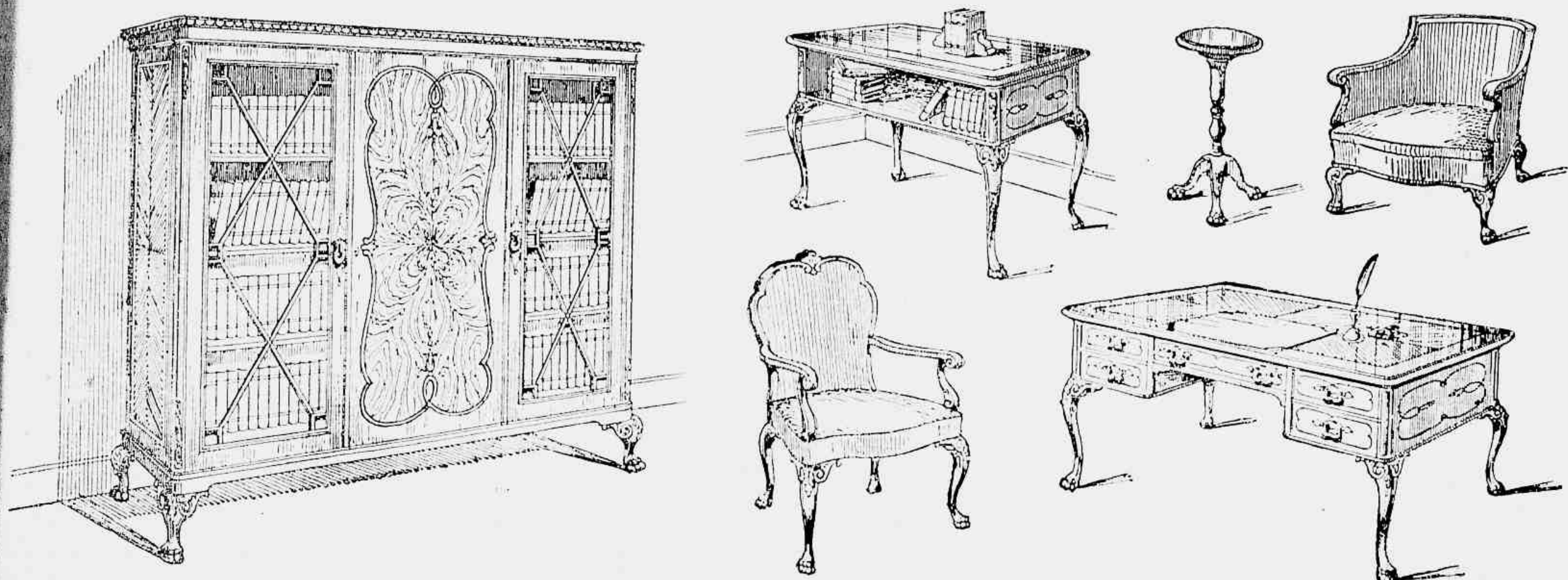
e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



Escritório "CHIPPENDALE"

Como os móveis "Chippendale" estão em grande moda, apresentamos hoje, aos nossos leitores, um elegante escritório neste gênero. O mobiliário é composto de uma secretaria de quatro gavetas, uma pequena mesa, cadeiras estofadas à couro, e uma estante envidraçada que domina todo o aposento. As peças deverão ser confeccionadas em madeira folheada, com os pés esculpturados em jacarandá.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REG.STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIGARROS

COLUMBIA

CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*